

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS I - SALVADOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**EDIANE BRITO ANDRADE SCHETTINI**

**CRÔNICAS E CARTAS DE ANÍSIO MELHOR EM *O CONSERVADOR*: EDIÇÃO E  
ESTUDO DO VOCABULÁRIO**

Salvador  
2016

**EDIANE BRITO ANDRADE SCHETTINI**

**CRÔNICAS E CARTAS DE ANÍSIO MELHOR EM *O CONSERVADOR*: EDIÇÃO E ESTUDO DO VOCABULÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas – Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria da Conceição Reis Teixeira.

Salvador  
2016

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Bibliotecária : Ivonilda Brito Silva Peixoto – CRB: 5/626

Schettini, Ediane Brito Andrade

Crônicas e cartas de Anísio Melhor em O Conservador: edição e estudo do vocabulário / Ediane Brito Andrade Schettini. – Salvador, 2016.

189f.

Orientadora: Maria da Conceição Reis Teixeira

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. 2016.

Contém referências e anexos

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

EDIANE BRITO ANDRADE SCHETTINI

### **CRÔNICAS E CARTAS DE ANÍSIO MELHOR EM *O CONSERVADOR*: EDIÇÃO E ESTUDO DO VOCABULÁRIO**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Reis Teixeira (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz  
Universidade Estadual de Feira de Santana

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Celina Márcia de Souza Abbade  
Universidade do Estado da Bahia

Salvador  
2016

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma maneira de externar o imenso sentimento de carinho àqueles que tornam nossa caminhada mais leve, mais agradável, mais feliz!

Meus sinceros agradecimentos:

À Deus, criador do universo e de tudo que nele existe! Por seu imenso amor, pela grandiosidade do dom de existir, por me sustentar em todos os momentos da vida.

Ao meu mais sincero amigo, meu companheiro de todos os momentos, Diego, meu esposo. Por sua paciência, por seu companheirismo e, sobretudo, pelos incentivos constantes. O seu amor, o seu cuidado e compreensão foram fundamentais em todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa!

Aos meus pais, por toda a dedicação, por suas lutas diárias, de sol a sol, para que pudéssemos (meus irmãos e eu) ter melhores condições de vida. Por terem despertado em mim o gosto pela leitura através dos *causos* que contavam em minha infância.

À minha estimada orientadora, professora Conceição, pelo exemplo de disciplina, de dedicação e de comprometimento. Obrigada por ter aguçado minha paixão pelas *Letras* por meio da Filologia. Jamais esquecerei os ensinamentos e a amizade sincera demonstrada.

Aos meus irmãos, Edinei e Edinaldo, pelo carinho e pela amizade.

Às professoras Rita de Queiroz e Celina Abbade, pelas valiosas contribuições para a finalização desta dissertação.

Aos colegas de curso do mestrado, pelas profícuas discussões, pelas descontrações e brincadeiras, pela amizade.

Ao amigo Thiago Santos, pela tradução do resumo.

Aos professores do PPGEL, pelas discussões e pelas leituras sugeridas.

Aos funcionários do PPGEL, Camila, Danilo e Geysa, por sua solicitude e simpatia.

Aos amigos e amigas que acompanharam este trabalho, alguns mesmo distantes, rendendo-me palavras de incentivo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento desta pesquisa, fundamental ao desenvolvimento da mesma.

As tradições vão morrendo [...] e é alguma coisa gravar-se, como lembrança, na agonia do tradicionalismo, o que ainda existe de belo, de original, de característico, na alma simples do povo. (MELHOR, 2002, p.07).

## RESUMO

Na presente dissertação temos por objetivo apresentar a edição interpretativa e o estudo lexicológico das crônicas e cartas do escritor baiano Anísio Melhor, publicadas no periódico *O Conservador* entre 1912 e 1921. O vocabulário utilizado por Anísio Melhor é revelador das manifestações culturais econômicas e sociais do Recôncavo baiano, especialmente de Nazaré – BA. Para o desenvolvimento da pesquisa, regatamos e editamos as crônicas e cartas do referido escritor, em seguida fizemos o levantamento das lexias, organizando-as em campos lexicais, a partir da teoria postulada por Eugenio Coseriu (1977). As lexias foram organizadas em seis macrocampos e seus respectivos microcampos, a saber: macrocampo dos espaços físicos (microcampos: das designações gerais, dos espaços rurais, dos espaços litorâneos, dos espaços urbanos), macrocampo da natureza (microcampos: dos elementos, dos fenômenos físicos e naturais, da fauna, da flora), macrocampo do sagrado (microcampos: do divino, de Jesus, do humano, da igreja católica, dos objetos), macrocampo do trabalho (microcampo: dos trabalhadores), macrocampo da alimentação (microcampos: das designações gerais, dos alimentos preparados, dos utensílios, das bebidas), macrocampo da música (microcampos: das designações gerais, dos gêneros musicais, dos músicos, dos instrumentos musicais, das danças). Por meio da análise lexicológica, pudemos evidenciar a inter-relação entre os fenômenos linguísticos e os extralinguísticos (BIDERMAN, 1981), uma vez que o léxico estudado apresenta informações referentes ao modo de pensar e agir de um povo, às suas crenças e tradições.

**Palavras-chave:** Edição. Resgate cultural. Estudo lexicológico. Campos lexicais. Anísio Melhor.

## ABSTRACT

In this dissertation we aim to present the interpretative issue and lexical study of chronic and letters of the writer who is native of Bahia, Anísio Melhor, published in the journal *O Conservador* around 1912 and 1921. The vocabulary used by Anísio Melhor is a revealer of the economic and social cultural events from Reconcavo Bahia, especially from Nazareth – BA. For the development of this research, we rescued and edited the chronicles and letters of that writer, then we surveyed the lexias, organizing them in lexical groups, parting from the theory postulated by Eugenio Coseriu (1977). The lexias were organized in seven macrogroups and their microgroups, i.e: Environment macrogroup (microgroup: general designations, rural areas, the coastal areas, urban areas), Nature macrogroup (microgroup: the elements, nature physical phenomena, wild fauna and flora), Sacred macrogroup (microgroup: the divine, Jesus, the human, , the Catholic church, objects), Work macrogroup (microgroup: workers), Nourishment macrogroup (microgroup: general designations, prepared foods, utensils, drinks), Music macrogroup (microgroup: general designations, musical genres, musicians, musical instruments, dances). By lexicological analysis, we could demonstrate the interrelation between linguistic and extralinguistic phenomena (BIDERMAN, 1981), since the study lexicon provides information relating to the way of thinking and acting of a people, their beliefs and traditions.

**Keywords:** Edition. Cultural recover. Lexicological study. Lexical fields. Anísio Melhor.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa do recôncavo - território de identidade 21	27
<b>Figura 2:</b> Fotografia da cidade de Nazaré no início do século XX.	35
<b>Figura 3:</b> Fotografia de manchete sobre choque elétrico	37
<b>Figura 4:</b> Fotografia de Anísio Melhor	41
<b>Figura 5:</b> Anúncio da inauguração do Colégio Clemente Caldas	43
<b>Figura 6:</b> Fotografia de Anísio Melhor com uma viola	48
<b>Figura 7:</b> Fotografia com informação sobre a periodicidade semanal de <i>O Conservador</i> .	52
<b>Figura 8:</b> Fotografia dos fundadores de <i>O Conservador</i>	52
<b>Figura 9:</b> Cabeçalho de <i>O Conservador</i> , 1912	53
<b>Figura 10:</b> Cabeçalho de <i>O Conservador</i> , 1917.	53
<b>Figura 11:</b> Colaboradores do periódico e valores das assinaturas	54
<b>Figura 12:</b> Tipografia Aurora, sede de <i>O Conservador</i>	54
<b>Figura 13:</b> Exemplar de <i>O Conservador</i> de 1918.	56
<b>Figura 14:</b> Emendas no suporte	57
<b>Figura 15:</b> Relações de significação e designação	138
<b>Figura 16:</b> Esquema de organização dos campos lexicais	139

**Figura 17:** Organização dos macrocampos e microcampos lexicais nas crônicas e cartas de Anísio Melhor

141

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1:** Distribuição por gênero dos textos resgatados

59

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Fotografia da Casa de Misericórdia e da Prefeitura Municipal de Nazaré, em 1920 e nos dias atuais	33
<b>Quadro 2:</b> Catalogação das obras de Anísio Melhor resgatadas de <i>O Conservador</i> .	69

## LISTA DE ABREVIATURAS

loc. – locução

s. m. – substantivo masculino

s. f. – substantivo feminino

## LISTA DE SIGLAS DAS CRÔNICAS E DAS CARTAS

AA	–	Sob a atração do abismo
AC	–	Anésia Cauassú
AL	–	Acende a tua lâmpada
CA	–	A carta anônima
CL	–	Cartas à Lúcia
CLII	–	Cartas à Lúcia II
CLIII	–	Cartas à Lúcia III
CLIV	–	Cartas à Lúcia IV
CLV	–	Cartas à Lúcia V
CLVI	–	Cartas à Lúcia VI
CMDI	–	Cartas à Mademoiselle Diabo I
CMDII	–	Cartas à Mademoiselle Diabo II
CMM	–	Cinco minutos de Mefistófeles
CP	–	O Catulo das Praias
CR	–	Um Casamento na Roça
CS	–	O Culto da Sinceridade
DE	–	O que eu disse a ela
E	–	Estrias
EB	–	O elogio do burro
FJ	–	Sob a figueira de Judas
MD	–	A mãe dos desamparados
MH	–	Sua majestade o homem

ML	–	Minha luz!
MN	–	O messias do naturismo
MO	–	A marcha do ódio
MV	–	Mademoiselle vaidade
NCC	–	A nova cruz de Cristo
NN	–	Natal! Natal!
OR	–	A origem das ruas
PP	–	É preciso perdoar
PSE	–	Prelúdio sentimental à ela
R	–	Rosas
SV	–	Uma santa velhice
TO	–	Os teus olhos
TS	–	A triste serenata

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	20
<b>2</b>	<b>AS MÚLTIPLAS FACES DO RECÔNCAVO BAIANO</b>	25
2.1	O RECÔNCAVO SOB O OLHAR DE ANÍSIO MELHOR	29
2.2	A CIDADE DE NAZARÉ: SUA REPRESENTATIVIDADE ECONÔMICA E CULTURAL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	33
<b>2.2.1</b>	<b>Nazaré a partir de <i>O Conservador</i></b>	35
<b>3</b>	<b>ANÍSIO MELHOR: O HOMEM POR TRÁS DAS LETRAS</b>	41
<b>4</b>	<b>ENVEREDANDO PELOS CAMINHOS DA CRÍTICA TEXTUAL: EDIÇÃO DAS CRÔNICAS E DAS CARTAS DE ANÍSIO MELHOR PUBLICADAS EM <i>O CONSERVADOR</i></b>	49
4.1	NOTÍCIAS SOBRE O RESGATE DOS TEXTOS	51
4.2	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS: CRÔNICA E CARTA	60
<b>4.2.1</b>	<b>A crônica</b>	62
<b>4.2.2</b>	<b>A carta</b>	64
4.3	EDIÇÃO INTERPRETATIVA DAS CRÔNICAS E DAS CARTAS DE ANÍSIO MELHOR	66
<b>4.3.1</b>	<b>Normas editoriais</b>	67
4.4	LEITURA INTERPRETATIVA	73
<b>5</b>	<b>ESTUDOS DO LÉXICO: EMBRICAMENTO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE</b>	133
5.1	O LÉXICO EM FUNCIONAMENTO: A LEXEMÁTICA	135
<b>6</b>	<b>OS CAMPOS LEXICIAS NAS CRÔNICAS E NAS CARTAS DE ANÍSIO MELHOR</b>	141
6.1	MACROCAMPO DOS ESPAÇOS FÍSICOS	143
<b>6.1.1</b>	<b>Microcampo das designações gerais</b>	143
<b>6.1.2</b>	<b>Microcampo dos espaços rurais</b>	144

<b>6.1.3</b>	<b>Microcampo dos espaços litorâneos</b>	147
<b>6.1.4</b>	<b>Microcampo dos espaços urbanos</b>	148
6.2	MACROCAMPO DA NATUREZA	149
<b>6.2.1</b>	<b>Microcampo dos elementos</b>	149
<b>6.2.2</b>	<b>Microcampo dos fenômenos físico e naturais</b>	150
<b>6.2.3</b>	<b>Microcampo da fauna</b>	152
<b>6.2.4</b>	<b>Microcampo da flora</b>	155
6.3	MACROCAMPO DO SAGRADO	159
<b>6.3.1</b>	<b>Microcampo do divino</b>	159
<b>6.3.2</b>	<b>Microcampo de Jesus</b>	160
<b>6.3.3</b>	<b>Microcampo do humano</b>	160
<b>6.3.4</b>	<b>Microcampo da igreja católica</b>	161
<b>6.3.5</b>	<b>Microcampo dos objetos</b>	162
6.4	MACROCAMPO DO TRABALHO	164
<b>6.4.1</b>	<b>Microcampo dos trabalhadores</b>	164
6.5	MACROCAMPO DA ALIMENTAÇÃO	165
<b>6.5.1</b>	<b>Microcampo das designações gerais</b>	165
<b>6.5.2</b>	<b>Microcampo dos alimentos preparados</b>	166
<b>6.5.3</b>	<b>Microcampo dos utensílios</b>	166
<b>6.5.4</b>	<b>Microcampo das bebidas</b>	167
6.6	MACROCAMPO DA MÚSICA	167
<b>6.6.1</b>	<b>Microcampo das designações gerais</b>	167
<b>6.6.2</b>	<b>Microcampo dos gêneros musicais</b>	168
<b>6.6.3</b>	<b>Microcampo dos músicos</b>	169
<b>6.6.4</b>	<b>Microcampo dos instrumentos musicais</b>	170

<b>6.6.5</b>	<b>Microcampo das danças</b>	171
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	173
	<b>REFERÊNCIAS</b>	175
	<b>ANEXO A – FAC-SÍMILES DO <i>CORPUS</i> EM CD-ROM</b>	189

## 1 INTRODUÇÃO

Enveredar-se pelos caminhos da Filologia é ter a possibilidade de descobrir histórias ainda não contadas, de conhecer personalidades que deixaram registrado seu legado às gerações futuras, de aproximar-se da realidade e da cultura de sociedades pretéritas por meio de seu patrimônio escritural. Dessa forma, através dos escritos de um dado autor é possível empreender estudos em diversas áreas. Afinal, como afirma Queiroz (2006, p. 3),

[...] os documentos históricos, traduzidos em patrimônio cultural ou bem cultural, são objetos de interesse de pesquisadores em diversas áreas do conhecimento humano. [...] Sendo assim, é de suma importância a sua preservação e conservação.

Apresenta-se, pois, como fundamental o labor filológico, cuja contribuição não está circunscrita ao âmbito literário e histórico, apenas, mas se espraia por áreas outras favorecendo a especialistas e não especialistas o acesso a textos fidedignos, proporcionando à sociedade a manutenção e preservação do arcabouço imaterial de um povo.

Partindo de tais considerações, destacamos que o anseio por trabalhar com os textos de Anísio Melhor (1885 – 1955), publicados no periódico baiano *O Conservador* (1912 – 1945), surgiu justamente da percepção do quão é essencial preservar os textos guardados nos acervos (públicos ou privados), impedindo, assim, que se percam. Recuperá-los significa salvaguardá-los, tornando-os acessíveis e impedindo que sejam olvidadas as informações, bem como os registros dos costumes e das tradições de um povo neles presentes. Acreditamos que por meio da escrita podemos chegar a conhecer os costumes, as crenças, o modo de vida de uma dada sociedade.

Assim, nosso trabalho teve início em 2011, por meio do projeto de Iniciação Científica, intitulado *Edição e estudo de textos literários e não literários publicados em O Conservador entre 1912 e 1916*<sup>1</sup>. Não tendo localizado os exemplares correspondentes aos anos de 1913 a 1916, os estudos se centraram nos anos de 1912, 1917 a 1921. Foram encontradas publicações de vários escritores, que se utilizavam desse espaço como meio para divulgar suas produções, dentre os quais Anísio Melhor.

---

<sup>1</sup> O referido projeto de Iniciação Científica compreendeu o período de 01/08/2011 a 31/07/2012, sendo orientado pela Prof. Dra. Maria da Conceição Reis Teixeira, cujo projeto principal se intitulava *Edição e estudo dos textos literários e não literários publicados em periódicos baianos*. Os exemplares do periódico *O Conservador* foram localizados e digitalizados na Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

O contato com os textos fez-nos constatar a urgência de submetê-los a tratamento filológico, preparando-lhes edições. Para tanto, adotamos os seguintes procedimentos: localização dos acervos que acomodavam exemplares do periódico *O Conservador*, digitalização dos textos por meio de fotografia digital, transcrição linha a linha de cada um dos textos, elaboração de índice contemplando a data de publicação, o título, o gênero, a(s) coluna(s) e a(s) página(s) em que foram publicados, bem como observações sobre a presença de rasgões, furos ou outro tipo de dano que, porventura, tenham impedido a leitura e consequente transcrição.

A pesquisa culminou em um Trabalho de Conclusão de Curso, cujo *corpus* era constituído por textos de Antônio Ferreira Santos – o qual também utilizava do periódico como espaço recorrente para publicação. No entanto, nosso olhar estava sempre atento às obras de Anísio Melhor, uma vez que eram frequentes nas páginas de *O Conservador* e, geralmente, apresentavam características da vida cotidiana do Recôncavo baiano, como questões políticas, religiosas, econômicas, dentre outras – o que conduziu à reflexão sobre a importância da edição e de estudo desses textos.

Por conta disso, desenvolvemos um projeto de pesquisa no mestrado, o qual resultou na dissertação, que ora apresentamos. Dessa forma, já tendo empreendido os primeiros passos quanto à recolha e transcrição dos textos, demos prosseguimento fazendo a edição interpretativa de todos os textos localizados, totalizando 111<sup>2</sup>. No entanto, foi necessário fazer um recorte, uma vez que era uma quantidade muito expressiva. Optamos, pois, pelas crônicas e cartas, visto que as leituras contínuas de tais gêneros – quando no processo de transcrição e edição – permitiram constatar o quão marcadamente retratavam a cultura popular do povo do Recôncavo, especialmente de Nazaré – BA. Foi possível notar também que as escolhas lexicais eram caracterizadoras de cada ambiente e situação descrita. Essa constatação foi o mote para que pudéssemos vislumbrar o desenvolvimento de uma pesquisa na área do léxico, tentando responder às seguintes questões: a edição e o estudo do léxico das obras de Anísio Melhor podem contribuir para o resgate e preservação das tradições populares do povo do Recôncavo baiano? As escolhas lexicais são representativas de quais aspectos culturais dessa região?

O objetivo principal da pesquisa foi apresentar a edição interpretativa e o estudo lexical das crônicas e das cartas de Anísio Melhor, resgatadas do periódico *O Conservador*. A partir disso, investigamos de que maneira as lexias utilizadas pelo escritor são representativas

---

<sup>2</sup> Na catalogação dos textos apresentamos 112. No entanto, o texto intitulado *Passional* foi publicado duas vezes, em 07/10/1917 e em 14/06/1920.

do universo cultural do Recôncavo – sobretudo de Nazaré – BA, cidade de origem do periódico e do referido escritor. Além disso, buscamos comprovar que a disposição das estruturas lexicais pode ser reveladora das relações sociais da comunidade que utiliza tal léxico.

A relevância do presente estudo reside no fato de que ao resgatarmos e editarmos textos que se encontravam na eminência de desaparecer – como ocorre com os textos de Anísio Melhor publicados em *O Conservador* –, possibilitamos que os mesmos se tornem acessíveis ao público leitor não especializado, bem como a especialistas que, porventura, sintam-se atraídos a estudá-los. Além disso, acreditamos que o léxico, como o considera Biderman (1981), é o âmbito da língua mais extralinguístico, já que mantém uma relação intrínseca com a realidade na qual o sujeito que dele lança mão se insere. Sendo assim, ao estudar o léxico de uma língua através dos escritos de um dado autor podemos chegar a conhecer características sociais da época e do lugar em que tais escritos foram lavrados. Por conseguinte, adentramos, por meio do estudo do léxico, no universo cultural de determinado povo. Logo, o estudo lexical dos textos de Anísio Melhor fornecem-nos pistas sobre o modo de vida do povo neles retratado.

Dessa forma, a fim de elucidar os passos da pesquisa, os dados coletados, a edição e a análise lexical empreendida, organizamos esta dissertação em sete seções, as quais compreendem a introdução, a contextualização do ambiente do Recôncavo baiano e, especialmente, da cidade de Nazaré – tanto em termos geográficos como econômicos e culturais –, algumas considerações sobre Anísio Melhor, as contribuições da filologia para preservação do patrimônio imaterial das gerações, a edição das crônicas e das cartas de Anísio Melhor resgatadas de *O Conservador* entre 1912 e 1921, o estudo do vocabulário e as considerações finais.

Na **Introdução**, trazemos as motivações que conduziram ao desenvolvimento da pesquisa, bem como o objetivo da mesma e a relevância de editar e estudar o léxico das crônicas e das cartas de Anísio Melhor.

Na seção intitulada **As múltiplas faces do Recôncavo baiano**, apresentamos as principais características da referida região, pontuando algumas diferenças geográficas e culturais existentes entre os municípios que a compõem. Nas breves considerações tecidas sobre o Recôncavo, tomamos como referencial teórico, especialmente, Santos M. (1998), Brandão (2007), Bomfim (2006), dentre outros. Na subseção 2.1, intitulada **O Recôncavo sob o olhar de Anísio Melhor**, expomos um Recôncavo como o via Anísio Melhor. Pautamo-nos, para tanto, nos textos resgatados de *O Conservador*. A subseção **A cidade de**

**Nazaré: sua representatividade econômica e cultural nas primeiras décadas do século XX** traz breve histórico da cidade de Nazaré, bem como características da economia e da cultura da cidade. As informações foram coletadas em *O Conservador*, sobretudo. Utilizamos também como referência Augusto (1999) e Santos O. (2011).

Na terceira seção, **Anísio Melhor: o homem por trás das letras**, pontuamos algumas considerações sobre a vida de Anísio Melhor, destacando sua participação na imprensa nazarena, na educação e nas manifestações culturais. As informações constantes nessa seção foram obtidas, principalmente, a partir da leitura de *O Conservador*, tanto de notícias, quanto de homenagens e artigos sobre o escritor, como também de seus próprios textos ali publicados.

Em **Enveredando pelos caminhos da crítica textual: edição das crônicas e das cartas de Anísio Melhor publicadas em O Conservador** apresentamos os fundamentos da Filologia e da edição de textos que respaldaram a pesquisa. Pautamo-nos, pois, em Spina (1977), Azevedo Filho (1998), Teixeira (2014, 2010), Queiroz (2008, 2006), Cambraia (2005), Duarte (1997), dentre outros. Na subseção **Notícias sobre o resgate dos textos**, tratamos do processo de localização e digitalização, bem como da representatividade do periódico *O Conservador* enquanto *loco* de produções literárias no período em questão. Em **Breves considerações sobre os gêneros discursivos: crônica e carta**, tratamos do gênero enquanto concretização de enunciados (BAKHTIN, [1979] 1997), abordando a crônica como um gênero próximo da vida diária (CANDIDO, 1992) e a carta como o gênero que, além de estabelecer comunicação, serve para que o escritor se mostre pela escrita (FOUCAULT, 1983). Na subseção intitulada **Edição interpretativa das crônicas e das cartas de Anísio Melhor**, apresentamos os tipos de edição preconizados pela Crítica Textual e as razões da escolha da edição Interpretativa. A seguir, são apresentadas as **Normas editoriais**, nas quais são detalhados todos os critérios adotados para a edição. Na subseção **A leitura interpretativa**, constam as crônicas e as cartas editadas.

Na seção **Estudos do léxico: embricamento entre língua, cultura e sociedade**, tratamos das relações existentes entre o léxico e o ambiente social no qual o mesmo está inserido. Além disso, é destacado o fato de que o léxico é representativo do arcabouço cultural do povo que dele faz uso. Embasamos-nos para os estudos das relações entre língua, cultura e sociedade em Saussure ([1916], 2006), Lyons (1981), Câmara Júnior (1972). Nos estudos do léxico usamos como referência Vilela (1995), Abbade, (2011, 2006, 2003), Biderman (1981), Dourado (2010). Subdividimos essa seção em uma subseção de título **O léxico em**

**funcionamento: a lexemática**, na qual discorremos sobre a teoria dos campos lexicais proposta por Coseriu (1977).

Feitas tais considerações sobre o léxico e seu funcionamento, passamos, então, para a análise do *corpus*. Expusemos, assim, na seção **As crônicas e as cartas de Anísio Melhor: os campos lexicais**, os resultados da pesquisa por meio da organização dos campos lexicais presentes nas crônicas e nas cartas resgatadas e editadas. A partir da teoria de estruturação do léxico, definida por Coseriu (1977), identificamos os seguintes macrocampos e seus respectivos microcampos: macrocampo dos espaços físicos (microcampos: das designações gerais, dos espaços rurais, dos espaços litorâneos, dos espaços urbanos); macrocampo da natureza (microcampos: dos elementos, dos fenômenos físicos e naturais, da fauna, da flora); macrocampo do sagrado (microcampos: do divino, de Jesus, do humano, da Igreja Católica, dos objetos); macrocampo do trabalho (microcampo: dos trabalhadores); macrocampo da alimentação (microcampos: das designações gerais, dos alimentos preparados, dos utensílios, das bebidas); macrocampo da música (microcampos: das designações gerais, dos gêneros musicais, dos músicos, dos instrumentos musicais, das danças). A fim de que as lexias sejam contextualizadas, são apresentadas as ocorrências das mesmas nas crônicas e nas cartas.

Na seção denominada **Considerações finais**, tecemos considerações sobre a relevância de um trabalho desta natureza e sobre como o léxico possibilita o acesso ao *modus vivendi* de um povo. Além disso, vale frisar a relevância da preservação dos textos produzidos em tempos pretéritos como via de acesso à época em que foram lavrados. Acreditamos, dessa forma, que a edição das crônicas e das cartas de Anísio Melhor, associada ao estudo lexical, contribui para que possamos conhecer histórias que se encontravam na eminência de desaparecer. Assim como favorece o acesso ao modo de pensar, de sentir e de ser do povo representado nos referidos escritos.

Essas considerações não encerram a discussão, uma vez que tão somente finalizam o trabalho ora desenvolvido. Portanto, muito ainda poderá ser discutido e novos resultados apresentados a partir de outros olhares lançados ao objeto em estudo.

## 2 AS MÚLTIPLAS FACES DO RECÔNCAVO BAIANO

O Recôncavo da Bahia é uma região considerada rica, tanto em termos geográficos, quanto em termos culturais e econômicos. Foi de extrema importância no processo de formação do estado da Bahia e do Brasil tendo, desde o período colonial, participação ativa no cenário econômico do país, sobretudo com a produção de açúcar, fumo, aguardente, farinha de mandioca e cerâmica.

Para compreendermos o papel desta região no cenário econômico da Bahia, é pertinente destacar que a política econômica implantada pelo colonizador português – a qual vigorou do século XVI ao século XVIII (TAVARES, 1964) – tinha por objetivo a exportação de matéria-prima e produtos nativos da lavoura. Acerca disso, Tavares (1964, p. 133) pondera que

[...] a sua mais específica área de atividades, que foi a agrária, definiu-se no que interessava ao mercado externo. Estas terras foram, então, colocadas [...] como fornecedoras de matérias-primas e artigos da lavoura tropical.

Dessa forma, o recôncavo mostrou-se como um dos polos de produção econômica no período, pautado, sobretudo, nas atividades agrícolas.

Considerando a mutabilidade dos espaços, em concordância com o também mutável, espaço social, com o passar do tempo – aproximadamente no final do século XIX e início do século XX – suas atividades deixam de ser exclusivamente agrícolas, cerâmicas, e passam a ser, também, industriais.

Não podemos perder de vista que as características do Recôncavo – em termos físicos e geográficos – são diversificadas, conseqüentemente, propiciadoras de uma multiplicidade de atividades culturais e econômicas ali desenvolvidas. A propósito dessa região, Milton Santos (1998) é da opinião que

O Recôncavo foi sempre mais um conceito histórico que mesmo uma unidade fisiográfica [...] [Aos] caracteres fisiográficos correspondeu uma diferente utilização do solo, que, ainda hoje [...], de certo modo perdura. Os solos pobres do cristalino serviram a culturas alimentares, tanto no norte quanto no sul. Os tabuleiros terciários foram o habitat ideal para o fumo. A série Santo Amaro deu o fôfo massapê, onde há quatrocentos anos se planta incessantemente a cana-de-açúcar. [...]. A unidade do Recôncavo provinha e provém [...] das relações mantidas de longa data entre suas várias porções com vocação e atividade diferentes (Recôncavo canavieiro, Recôncavo fumageiro, Recôncavo mandioqueiro e da cerâmica, sem falar nas zonas pesqueiras beirando mais proximamente o litoral, e do Recôncavo ao norte da cidade, servindo-a de lenha e carvão vegetal) [...]. Salvador presidia a esse espaço, coordenando as suas funções diretoras (SANTOS, M. , 1998 apud BRANDÃO, 2007, p. 23).

Conforme pontua Santos M. (1998), ainda que a palavra recôncavo faça alusão a uma unidade, como se se tratasse de um espaço homogêneo, a própria constituição física e topográfica dos municípios que o compõem favorecem a pluralidade de práticas sociais, culturais e econômicas, especialmente porque, do ponto de vista da sua distribuição espacial, alguns municípios estão situados ao entorno da Baía de Todos os Santos e outros adentram o continente, fazendo fronteira com diferentes territórios, como é o caso, por exemplo, de Amargosa, Brejões e Milagres<sup>3</sup>.

Os municípios que compõem o Recôncavo<sup>4</sup> se situam numa distância aproximada de até 100 km da Baía de Todos os Santos e, conseqüentemente, da capital baiana. Brandão (2007) sugere que, por questões históricas e culturais, muitos outros municípios devam fazer parte dos listados como pertencentes ao Recôncavo<sup>5</sup>. No entanto, com a criação da Região Metropolitana de Salvador (RMS)<sup>6</sup> alguns municípios deixam de ser considerados como pertencentes ao recôncavo, como, por exemplo, Camaçari, Itaparica, São Sebastião do Passé, Vera Cruz e a própria capital, Salvador. Destaque-se, entretanto, que, pela divisão dos territórios de identidade<sup>7</sup>, Camaçari e São Sebastião do Passé pertencem ao Recôncavo.

Para entender melhor a configuração dessa região, consideramos relevante discutir a noção de **espaço geográfico, território e identidade**. De acordo com Araújo (2010, p. 2),

O espaço geográfico resulta da constante inter-relação do homem com o ambiente, nas diversas escalas geográficas, promovendo uma intensa utilização dos recursos disponíveis, ao mesmo tempo em que estabelece relações afetivas que promovem transformações com um sentido de pertencimento num dado espaço.

<sup>3</sup> De acordo com a divisão em territórios de identidade, proposta pelo governo da Bahia, muitos dos municípios do Recôncavo se encontram em territórios distintos, não estando mais compreendidos no território denominado "recôncavo". Essa divisão sugere que as regiões sejam agrupadas a partir de suas características físicas, geográficas, culturais e identitárias.

<sup>4</sup> Os municípios que compõem o território de identidade do recôncavo são: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passe, Sapeaçu, Saubara e Varzedo (SEI, 2014).

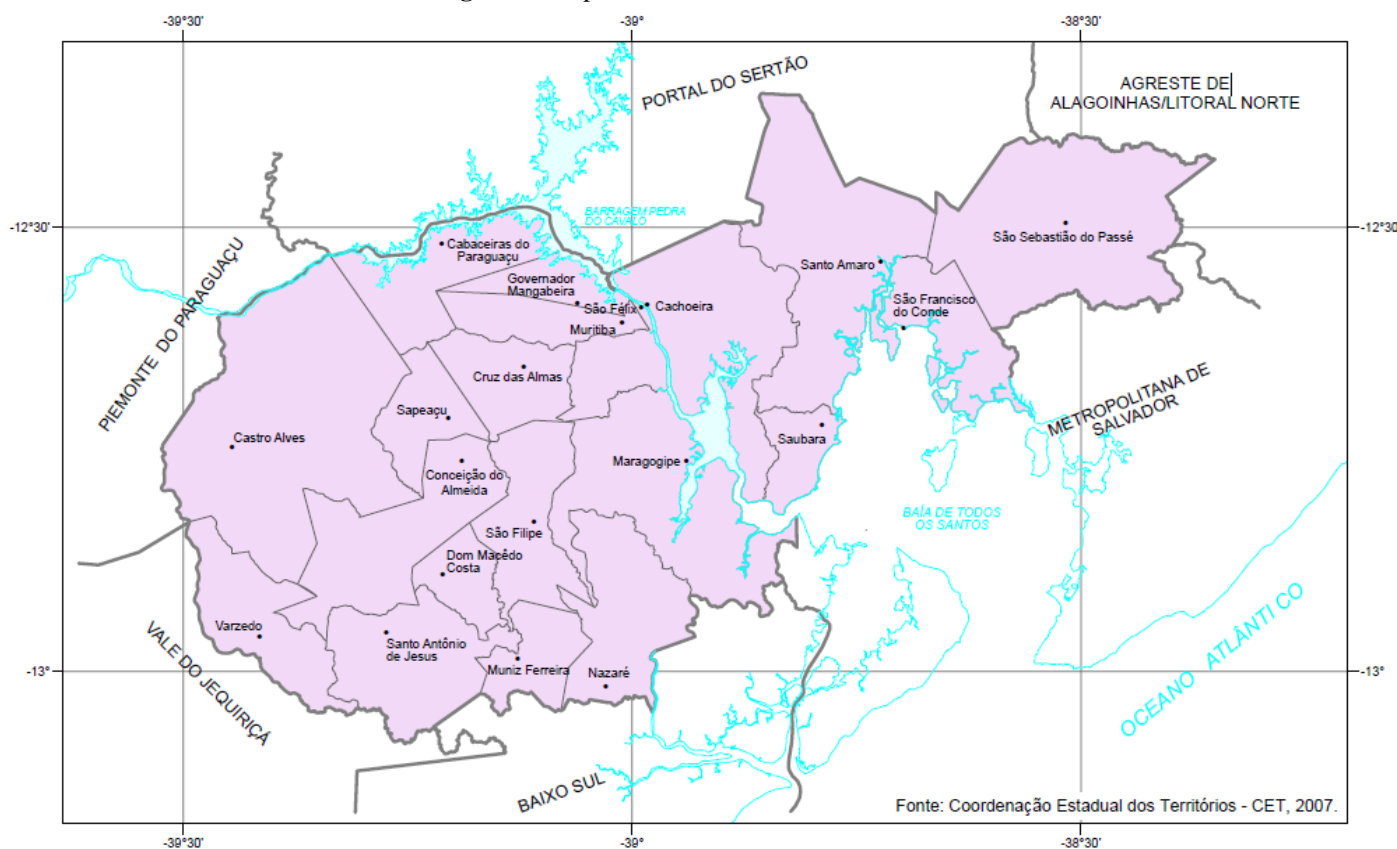
<sup>5</sup> Até o início do século XX os municípios que compunham o recôncavo eram: Amélia Rodrigues, Aratuípe, Cachoeira, Camaçari, Candeias, Catu, Conceição do Almeida, Conceição de Feira, Conceição do Jacuípe, Cruz das Almas, Dias D'Ávila, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Itanagra, Itaparica, Jaguaripe, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Maragogipe, Mata de São João, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Pojuca, Salinas da Margarida, Santo Amaro da Purificação, Santo Antonio de Jesus, São Felipe, São Felix, São Gonçalo dos Campos, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara, Simões Filho, Teodoro Sampaio, Terra Nova, Varzedo e Vera Cruz, além de Salvador (BRANDÃO, 2007).

<sup>6</sup> A Região Metropolitana de Salvador é composta pelas seguintes cidades: Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz.

<sup>7</sup> "Território é conceituado como um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial" (PERAFÁN; OLIVEIRA, 2013, p. 15).

Embora as produções culturais, sociais e, por assim dizer, o próprio modo de vida no recôncavo sejam pautadas, dentre outros fatores, na interação entre o homem e o espaço geográfico, esse espaço modifica-se com o tempo, acompanhando e, em alguns casos, determinando as transformações da sociedade. Isso é perceptível, dentre outras coisas, no aspecto econômico que deixa de ser exclusivamente agrícola e passa a ser, no início do século XX, também industrial. Os antigos engenhos vão cedendo lugar às indústrias; pequenas fábricas de manufatura vão surgindo. Serviços antes realizados unicamente pelas mãos do homem passam a ser executados por máquinas, diminuindo a mão de obra<sup>8</sup>. Ou seja, as modificações advindas dos avanços tecnológicos impactam o espaço citado e as formas de atuação do homem nesse espaço.

**Figura 1:** Mapa do Recôncavo - território de identidade 21



**Fonte:** Coordenação Estadual de territórios / Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Disponível em: <[http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/cartogramas/territorio\\_identidade/pdf/reconcavo.pdf](http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/cartogramas/territorio_identidade/pdf/reconcavo.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2015.

<sup>8</sup> Não podemos deixar de destacar que o período no qual se inserem os textos que compõem o corpus desta dissertação (1912-1921) ainda apresenta transformações modestas no Recôncavo e na cidade de Nazaré. As modificações mais profundas, que acarretam mudanças nas divisões administrativas dos municípios do Recôncavo começam a partir da década de 1940, com a implantação de polos petroquímicos (BRANDÃO, 2007).

Reiterando, os aspectos físicos e geográficos mantêm uma relação direta com as questões culturais, econômicas e sociais da região. Sendo assim, ao tratarmos dos aspectos culturais do Recôncavo, é necessário levar em conta o processo histórico de constituição do mesmo, seu papel no cenário econômico do país, bem como a diversidade física e geográfica anteriormente mencionada. De acordo com Bonfim (2006, p. 20),

[...] deve-se compreender o Recôncavo como uma área marcada por grandes diferenças sub-regionais desde o início da colonização, apresentando-se com intensa complementaridade econômica e continuidade cultural, resultantes dos efeitos do passado colonial que lhe confere características peculiares e complexas.

As diferenças e peculiaridades sinalizadas por Bonfim (2006) podem ser melhor compreendidas se levarmos em conta o fato – já mencionado – de que todo espaço é, ao mesmo tempo, físico e social. Suas características vão sendo definidas de acordo com as ações do povo que o habita em cada época. Assim, os territórios são delimitados não apenas pelas divisas político-administrativas, mas, sobretudo, pelas ações e pelas práticas nele desenvolvidas. Podemos, assim, afirmar que os territórios "[...] são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica" (SOUZA, 2000, p. 81).

Nessa perspectiva, é plausível a afirmação de Célia Regina B. Santos (1996) ao tratar de territorialidade:

A incorporação de dimensões culturais, identitárias e afetivas ao território constitui a formação de uma territorialidade. Portanto, a territorialidade não se define apenas por relações de poder (domínio), mas, sobretudo, por relações simbólicas que um grupo social desenvolve com seu espaço (SANTOS, Célia, 1996, p. 47).

Sendo assim, a territorialidade diz respeito não apenas à apropriação de um dado território, mas, principalmente, ao sentimento de pertença do povo que o ocupa. Trata-se mais de pertencimento identitário, que limítrofe.

Em relação ao Recôncavo, não podemos falar apenas em identidade, mas em **identidades**, sobretudo em função das múltiplas diferenças existentes entre os municípios que compõem o referido território. De acordo com Cleide Magali Santos (2000), do ponto de vista antropológico, a identidade pode ser definida como

[...] a identificação dos membros de um grupo a um modelo cultural comum que assegura unidade simbólica ao grupo [...]; portanto, essa identidade é construída

através do processo de toda a socialização, é uma identidade partilhada. São sentimentos, valores, crenças e cosmovisões em comum (SANTOS, Cleide, 2000, p. 78).

Por conta das diversidades existentes no Recôncavo, é pertinente considerar que a identidade só se constitui pelas diferenças, conforme pondera Stuart Hall (2009, p. 110):

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua “identidade” – pode ser construído [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta”.

É possível, portanto, afirmar que as características identitárias do povo do Recôncavo são construídas pelo que há de semelhante, mas, sobretudo, pelo que o torna distinto. Dessa forma, podemos dizer que o mesmo não é uma unidade econômica e geográfica, tampouco cultural. Constitui-se, pois, como um território heterogêneo que se opõe aos demais espaços por suas diferenças. Seu modo de produção, suas tradições, costumes, crenças, são aspectos peculiares que, ao mesmo tempo, o separa e o une. Conforme ressalta Brandão (2007, p. 53), “[...] um território só se constitui a base de uma região se ele comportar um conjunto de subsistemas fisicamente distintos, porém, cultural, social e economicamente interligados”.

Não podemos desconsiderar, ainda, o fato de que é através das relações sociais que as marcas identitárias vão sendo construídas. Dessa forma, cada grupo social possui identidades definidas a partir da cultura que lhe é própria. Cultura esta que está relacionada ao espaço geográfico, às tradições locais, à forma de perceber e dar sentido ao mundo circundante.

## 2.1 O RECÔNCAVO SOB O OLHAR DE ANÍSIO MELHOR

Diante das diversidades físicas, geográficas, sociais, culturais e econômicas do Recôncavo da Bahia, identificamos nas obras de Anísio Melhor um observador cuidadoso que trata de diferentes aspectos da vida do povo, como também das belezas paisagísticas da região, sobretudo das praias. Nos textos intitulados *Cartas à Lúcia* – que compõem uma coletânea de seis cartas – o leitor é convidado a admirar a beleza e deslumbre das praias de Itaparica, Manguinhos, Salinas de Margarida e Cacha-Pregos.

Lucia – aqui estou a ver praias e águas verdes.  
 Paragens douradas de sol, coisas simples de praias e ribeiras, vestidas desse encanto natural e ingênuo de outras eras.  
 Mau grado a invasão dos veranistas – rapazes de túnicas leves, vestidos brancos de miss e chapéus de palha de trigo, a verem como crianças e a viverem vida francesa, eu vejo a “ilha intrépida” naquela santa rusticidade [...] (MELHOR, 1918, p. 02).

Além do encanto da paisagem, o autor menciona a simplicidade e tranquilidade peculiares à ilha de Itaparica, no início do século XX. Opondo-se às grandes construções, tão características da capital, na ilha, encontram-se construções pequenas, simples, aconchegantes.

Tudo simples, Lucia, simples, sem a tortura da moda, despótica e exigente. Sobretudo a paisagem. Não há no longe dos edifícios alterosos, zimbórios e agulhas ferindo a cinta azul do espaço. Tudo é gracioso e pequeno. – Chalés e choupanas, casitas brancas cobertas de telhas, mostrando-se ao longe, manchas esbranquiçada[s] do verde policromo dos arvoredos (MELHOR, 1918, p. 02).

Esse lugar, descrito por suas belezas naturais, apresenta outras características como, por exemplo, os barcos utilizados para travessia e para pesca, bem como a coragem de quem se arrisca ao mar em busca do sustento. A ilha citada mostra-se, então, como uma terra “[...] cheia de homens do mar, valentes e fortes, encarando o oceano como um amigo, um irmão mais velho que divide as suas riquezas com os outros, e que se zanga a cada passo” (MELHOR, 1918, p. 02).

O trabalho do povo praiano não se circunscreve aos homens, mas cabe também às mulheres. Estas não ficam às voltas com trabalhos domésticos, apenas. Pelo contrário, saem também ao mar desenvolvendo atividades consideradas, tradicionalmente, masculinas – o que caracteriza uma crítica ao tradicionalismo, ao mesmo tempo em que propõe uma ruptura com determinados padrões. Além disso, apresenta a divergência existente entre as atividades desenvolvidas pelas moças da cidade em oposição às moças do “interior”, como é possível notar no trecho que se segue:

Parece o veleiro de Vó Tudinha.  
 Ela mesma é quem guia o barco você acredita?  
 – Não.  
 – Não acredita que uma mulher guie um barco? Ah! mecê pen[sa] que a gente é como as da cidade, que muito mal pegam a almofada e correm a agulha na cambraia fina...  
 Pois não; aqui a gente trabalha. Apanha lenha, asseia a roupa, cose os panos das velas, faz tudo [...] (MELHOR, 1919, p. 1).

O cenário paisagístico das praias é descrito como ideal para poetas que buscam inspiração. Nesse ambiente, os elementos da natureza favorecem a criação artística, segundo Anísio Melhor.

Lucia – Esta é a cidade das belas paisagens. Um grande poeta das cores, artista e homem, retina e sensibilidade, arrancaria dessas praias para o enquadramento das telas assombrosos trechos da natureza, harmonias admiráveis de cores e deslumbramentos.

Imagine, Lucia, que meu olhar se estende por águas azuis e praias alvadias. Sinto-me debaixo de um cair de tarde fresca e suave, vendo o sol a descer vermelho, brilhante [...] (MELHOR, 1918, p. 1).

A sensibilidade observadora de Anísio Melhor vai além dos limites das praias abrangendo, também, espaços rurais e urbanos. Para ele, as ruas são como veias das cidades que permitem perceber como a mesma se encontra: em festa, triste, bonita, feia. Ao personificar as ruas, Anísio Melhor destaca como elas se comportam e qual o seu papel numa cidade:

As ruas são os filhos da cidade. [...]

As ruas se identificam com seus moradores; sofrem os doestos que eles sofrem; sentem a satisfação que eles sentem. As paredes das casas são a roupagem da rua.

É pela rua que nós sabemos a habitação em festas ou pesada de luto (MELHOR, 1917, p. 2).

No que diz respeito ao espaço rural, Anísio Melhor descreve elementos e práticas que o caracterizam. A precisão dos detalhes convida-nos a conhecer, inclusive, as árvores que se encontram no caminho que conduz até à **fazendinha**.

A estrada abre-se larga, vermelha ensombrada pelas sombras das jaqueiras, dos munzês, do pau pombo, ou da copa de matataúbas esguias, aprumadas como uns verdes e belos paraguás. Da estrada toma-se um atalho cheio de degraus, embatido de lianas e trepadeiras. Salta-se um corcovo, encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus, um boi amarrado a uma corda, pastando, de novo a estrada larga, e por fim a cancela e o pasto da fazendinha (MELHOR, 1919, p. 1-2).

Além da descrição física do ambiente rural, Anísio Melhor menciona atividades peculiares ao mesmo, como o trabalho na casa de farinha, por exemplo: "[...] casando-se à voz dos meninos no terreiro ouve-se a voz do pessoal na casa de farinha. – Menina vira este beiju direito!" (MELHOR, 1919, p. 1-2). Não apenas em Nazaré, mas em várias cidades do Recôncavo, a produção da farinha de mandioca era intensa. Este produto abastecia as cidades circundantes, como também cidades do sertão baiano e, até mesmo, era exportada para outras regiões do país e até outros países. Seus derivados, como a tapioca, a goma, o beiju, também eram produzidos em larga escala.

As abordagens apresentadas por Anísio Melhor no que tange aos espaços litorâneos, rurais e urbanos, mais que nos fornecer pistas sobre as belezas de cada um, constituem-se fonte inestimável de informações sobre a forma como o povo se organizava socialmente nesses ambientes. Características referentes às tradições culturais, às atividades econômicas, aos costumes, à religião, são algumas das que encontramos em seus textos.

Muitas manifestações culturais são descritas, sobretudo aquelas de cunho religioso, como é o caso do reisado. No texto *Cartas à Mademoiselle Diabo I*, encontramos referência a este festejo: "ontem, senhorinha, vimos à noite uma festa que se faz aqui na terra e que vossencia (sic) conhece. Vimos um *reisado*" (MELHOR, 1919, p. 1). O reisado é uma festa religiosa que, geralmente, se inicia no Natal e termina, aproximadamente, dia seis de janeiro, quando se comemora o dia dos Santos Reis, em homenagem aos reis magos que visitaram Jesus ao nascer.

Outra tradição religiosa apresentada diz respeito ao costume de beijar, na sexta-feira da paixão, os pés de Jesus crucificado. Conhecida, ainda hoje, como procissão do Senhor Morto, a celebração da Igreja Católica consiste em andar com uma estátua de Jesus crucificado e, em seguida, os fiéis beijam os pés da imagem. Sobre essa tradição, encontramos em publicação de 31 de março de 1918, em *O Conservador*, a seguinte passagem:

Com a concorrência enorme de todos os anos, realizou-se na sexta-feira a procissão do enterro do Senhor, a qual percorreu as ruas principais da cidade. À noite teve lugar a solenidade do *beija-pés*, que foi bastante animada, levando a igreja aberta até dez horas. (O CONSERVADOR, 1918, p. 02, grifo do autor).

No conto intitulado *O beija-pé*, essa prática é descrita em minúcias por Anísio Melhor. Ele relata os preparativos e a arrumação das meninas que se dirigem à igreja; a cerimônia na igreja e os encontros no caminho de volta para casa. No entanto, o que deixa mais evidente é o valor simbólico que tem esse costume para os católicos.

Mas de todos os beijos nenhum beijo há mais respeitoso, mais sincero, para quem é católico, do que esse que se deposita aos pés da imagem do Cristo, na semana em que se lhe rememoram a morte, cavada pelas suas próprias mãos (MELHOR, 1920, p. 1).

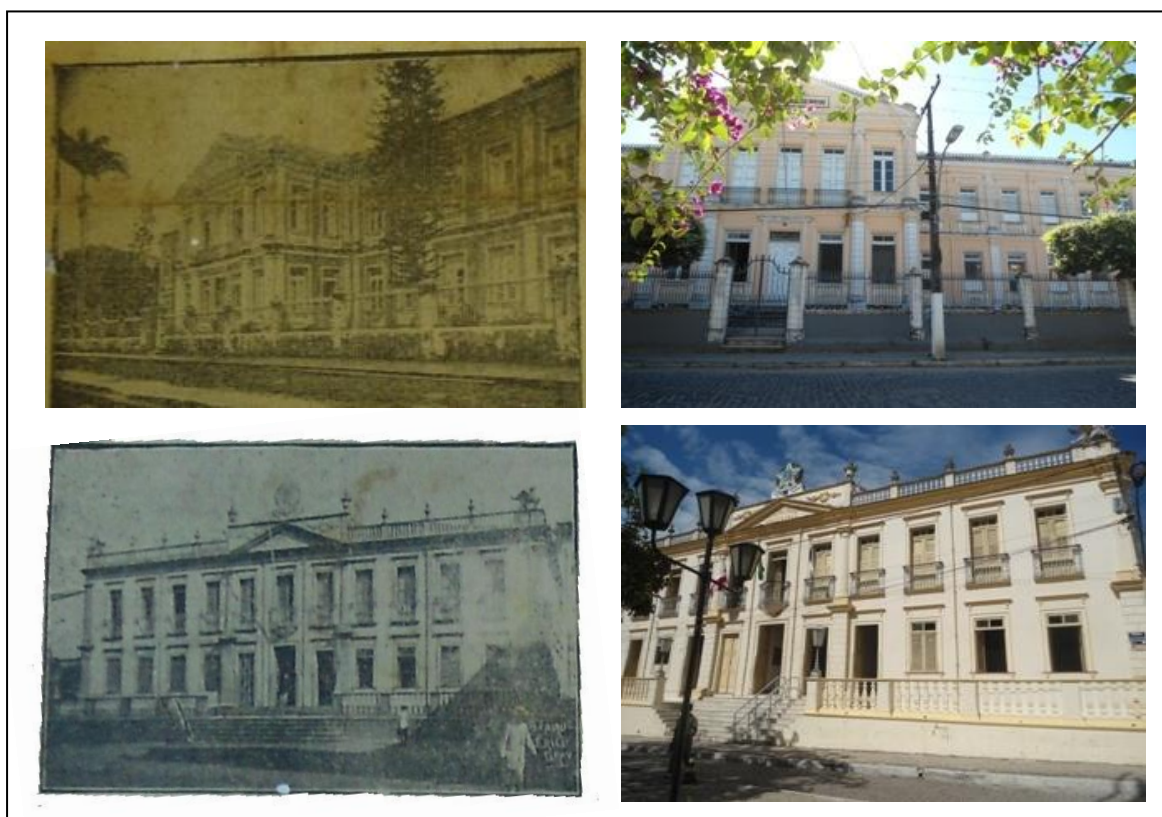
A partir do olhar de Anísio Melhor podemos ver um Recôncavo diverso, rico e belo. As maravilhas do ambiente, a riqueza que há na simplicidade de quem trabalha para o sustento, a singeleza presente nas cenas dos animais pastando, a fé de quem caminha, em

procissão, por agradecimento, são apenas pequenos fragmentos do mosaico uno, mas, simultaneamente, heterogêneo que é o Recôncavo.

## 2.2 A CIDADE DE NAZARÉ: SUA REPRESENTATIVIDADE ECONÔMICA E CULTURAL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Nazaré é um município do estado da Bahia, pertencente à mesorregião Metropolitana de Salvador e à microrregião de Santo Antônio de Jesus. Está situado no centro sul da região denominada de Recôncavo baiano, sendo entrecortado pelo rio Jaguaripe. Teve papel significativo na política e economia da Bahia, desde o século XVI até início do século XX. Conserva, ainda hoje, muitas construções históricas, como no Quadro 1, que guardam consigo marcas dos tempos idos.

**Quadro 1:** Fotografia da Casa de Misericórdia e da prefeitura municipal de Nazaré, em 1920 e nos dias atuais



**Fonte:** O Conservador, 1920. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros. As fotografias atuais foram tiradas pela pesquisadora em Nazaré, no ano de 2012.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Sua origem tem início com a formação da aldeia de Santo Antônio dos Índios do Jaguaripe, à beira do rio Jaguaripe<sup>9</sup>. Até meados do século XVI não havia povoação às margens do Jaguaripe, conforme apresentado pela história do município (IBGE, 2012). Aproximadamente em 1566, diante dos levantes indígenas, D. João – rei de Portugal – envia D. Álvaro, seu filho, para tomar frente às investidas dos índios. Por conta disso, a ele foram doadas terras localizadas entre o rio Paraguaçu e o rio Jaguaripe<sup>10</sup>.

Ao lado direito do Jaguaripe, encontravam-se as terras de Fernão Cabral, nas quais havia um engenho. Estas terras foram deixadas por ele, uma vez que criara uma religião e, por conta disso, fora exilado pela inquisição. Quanto ao lado esquerdo do rio, no século XVII, as terras pertencentes a Pedro Carneiro passam a ser de Antônio Brito, que aí constrói sua moradia e um engenho e denomina o local de fazenda de Nossa Senhora de Nazaré e Jaguaripe (AUGUSTO, 1999).

O nome da localidade é atribuído à aparição de Nossa Senhora a uma jovem camponesa, fato que propiciou a construção de uma igreja com o mesmo nome. Além disso, essa construção, segundo o professor Lamartine Augusto (1999), se deveu também a uma promessa feita por Antônio Brito, por ter seu filho salvo ao cair de uma embarcação – o que foi considerado um milagre realizado por Nossa Senhora. A fundação da igreja data de 1649.

Em 1753, o povoado é elevado a distrito com o nome Nossa Senhora de Nazaré, que em 1831 passa à categoria de vila (IBGE, 2012), sendo desmembrada de Jaguaripe. Sua emancipação, com o nome Nazaré, data de 1849, tendo sua sede localizada na antiga povoação denominada Nazaré das farinhas, que, por muito tempo, foi uma espécie de codinome da cidade. A este respeito encontramos a seguinte informação no periódico *O Conservador*:

A farinha de mandioca é uma [das] maiores produções deste muni[cípio] sendo considerada a melhor d[e] [qua]lidade em todo o estado. Na[zaré] gozou até bem pouco o no[me] *Nazaré das Farinhas* pela [...] desse produto. (O CONSERVADOR, p. 1, 1919).

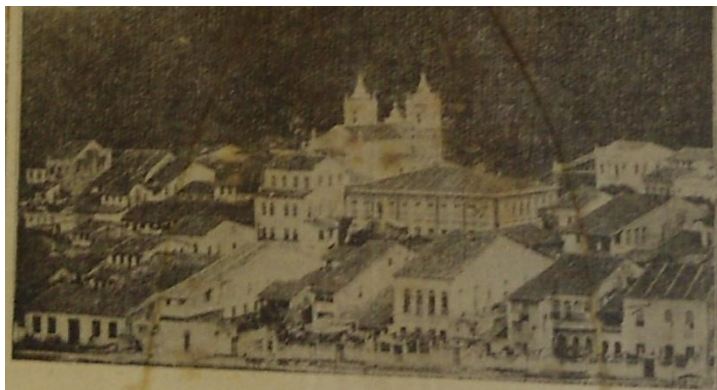
O início do século XX é marcado por inovações no setor econômico e na infraestrutura da cidade, que passa a ter iluminação elétrica, saneamento básico, telefonia e muitas indústrias, como veremos na seção a seguir.

<sup>9</sup> *O Conservador* publicou em 11 de julho de 1920 um capítulo de uma monografia elaborada por Anísio Melhor, na qual o mesmo aborda sobre a aldeia de Santo Antônio dos Caboclos. Trata-se da mesma aldeia que deu início à povoação em torno do Jaguaripe, que mais tarde originou a cidade de Nazaré.

<sup>10</sup> Para mais detalhes sobre a formação histórica da cidade de Nazaré, conferir AUGUSTO, Lamartine. **Porta do sertão**. 2. ed. Salvador: Edições Kouraçã, 1999, assim como o histórico da cidade no site <<http://www.nazare.ba.gov.br/nazare/site/index.php/a-cidade/historia>>.

### 2.2.1 Nazaré a partir de *O Conservador*

**Figura 2:** Fotografia da cidade de Nazaré no início do século XX.



**Fonte:** *O Conservador*, 1919. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

O que dispomos nesta seção pauta-se, sobretudo, nas publicações de *O Conservador*. Como o periódico pertencia, a princípio, ao Partido Republicano Conservador, os acontecimentos relacionados à infraestrutura da cidade, às atividades econômicas – fossem agrícolas ou comerciais – bem como às questões políticas eram recorrentes no periódico.

Um dos pontos fundamentais a serem considerados ao tratarmos da cidade de Nazaré no início do século XX, diz respeito à Estrada de Ferro que ligava Nazaré a Jequié. Tendo as obras iniciadas em 1871, foi, durante os anos em que esteve ativa (sua desativação ocorreu em 1971), a propiciadora do intercâmbio entre Nazaré, Vale do Jequiriça, Salvador e Jequié (SANTOS, O., 2011). Transportava passageiros e produtos da lavoura local, como, por exemplo, café, fumo, farinha de mandioca.

A Estrada de Ferro de Nazaré foi sendo construída aos poucos, mas, à medida que as estações ficavam prontas, as locomotivas começavam a circular nos trechos concluídos. Em 1917, o então diretor da ferrovia, Eufrásio Borges, verificando o mau estado de muitos dos trens, após uma inspeção, dá a seguinte informação à redação de *O Conservador*:

Devo observar-lhe que em relação às locomotivas, os reparos dependem de sobressalentes que não tem sido possível importar, devido à guerra. Quanto aos carros, os reparos, por sua vez, dependem também da vinda de material do estrangeiro (O CONSERVADOR, 1917, p. 1).

Depreende-se, portanto, que as condições de funcionamento da Estrada de Ferro de Nazaré, no período em questão, não estavam muito boas e sua melhoria era dificultada em função do cenário de guerra em que se encontrava o mundo.

Além das informações acerca do estado de conservação das locomotivas e dos carros da administração da Estrada de Ferro de Nazaré, o diretor fornece informações sobre o trecho ainda em construção: "a minha inspeção [...] se estendeu também à parte em construção de Jaguaquara a Jequié, havendo encontrado bem adiantados os trabalhos de movimentos de terra e obra de arte" (O CONSERVADOR, 1917, p. 1).

Essa linha férrea teve importância incomensurável por facilitar as tramitações comerciais entre o Recôncavo e os municípios do sertão baiano. Além disso, conforme pontua Oscar Santana dos Santos (2011), ela facilitava o transporte de mercadorias que eram exportadas, uma vez que conectava ferrovia e navegação. As trocas entre essas regiões não eram, portanto, meramente comerciais. Pelo contrário, o contato constante entre os povos desses lugares, favorecia o intercâmbio da cultura e de práticas sociais.

Nazaré viveu, até meados do século XX, sua época áurea. Era ponto de encontro de comerciantes das cidades circunvizinhas e essa visibilidade trouxe outros benefícios para a cidade. Em 13 de maio de 1917, é inaugurada a luz elétrica na cidade, acontecimento noticiado com louvor:

A cidade hoje exulta de contentamento. [...] Nazaré, não obstante o esforço dos dirigentes municipais, no correr dos tempos, se ressentia de uma iluminação pública que a colocasse na altura de outras cidades baianas, ao rumo do progresso. A empresa Industrial E. Tude & Comp. que inaugura hoje o serviço de iluminação elétrica, entre nós, vem satisfazer esse desejo público (O CONSERVADOR, 1917, p. 01).

A este respeito encontramos um soneto de Anísio Melhor – da coletânea de textos intitulados *Na troça*, e assinados pelo pseudônimo **Zé Pangolin**<sup>11</sup> – que destaca o fato de há muito ter sido anunciado que a luz elétrica chegaria. O mesmo menciona ainda a expectativa que se criou em torno desse acontecimento:

Mais outro turbilhão formidoloso  
Vai sofrer Nazaré na velharia  
Todo o povo num frêmito de gozo  
Hoje espera que a noite vire dia.

---

<sup>11</sup> Identificamos que se tratava de textos de Anísio Melhor trazer a assinatura AMELHO, muito utilizado pelo autor em outras coletâneas. Verificamos ainda que ora assinava AMELHO, ora com o nome completo, Anísio Melhor.

Que formigar de gente revoltoso  
 Vai haver ao dobrar da Ave Maria!  
 ... Papai, mamãe, yoyô, ó seu teimoso,  
 Olhe pra cima, é hora da alegria.

Vai-se o tempo da luz bruxoleante  
 Dos lampiões de vidro, fumaçantes  
 Dos guardas de escadi[nh]a, rua à fo[ra]

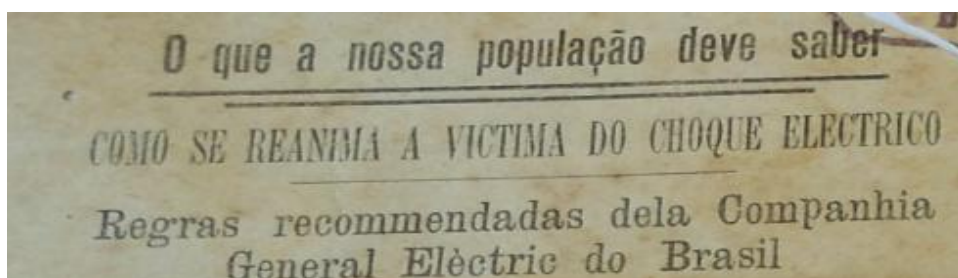
E eu fico a imaginar com bem saudade:  
 Lá se foram os profetas da cidade,  
 Quem há de anunciar a luz agora?!  
 (MELHOR, 1917, p. 02).

Com a instalação da eletricidade, a comercialização de querosene diminui consideravelmente na cidade, embora as comunidades rurais ainda não fossem atendidas com a iluminação elétrica. Com isso, os materiais antes utilizados para iluminar a cidade não se faziam mais necessários, o que culminou num leilão em praça pública a fim de vendê-los a quem interessasse.

O Dr. Eurico Matta, intendente deste município de Nazaré [...] faz saber aos que este virem ou dele notícia tiverem, que no dia 20 de junho vindouro, às 12 horas, na porta do paço municipal será vendido em hasta pública a quem maior lanço oferecer, todo o material que serviu na iluminação da cidade, a querosene, composto de ferro, lampiões, candeeiros e tubos [...] (O CONSERVADOR, 1917, p. 3).

As mudanças ocorridas em função da nova iluminação, que favorecia o comércio, as instalações industriais, implicavam também na necessidade de saber lidar com essa nova realidade. Isso significava, dentre outras coisas, saber como proceder em caso de possíveis acidentes. Por conta disso, na edição do dia 15 de julho de 1917, *O Conservador* publica uma reportagem sobre como reanimar vítima de choque elétrico, conforme podemos observar na figura abaixo:

**Figura 3:** Fotografia de manchete sobre choque elétrico



**Fonte:** *O Conservador*, 1917. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

O progresso advindo das relações estabelecidas com outras localidades, por intermédio da Estrada de Ferro de Nazaré, bem como pelas exportações de produtos agrícolas, estendia-se, cada vez mais, com a criação de fábricas e lojas comerciais. Deprendemos a partir da leitura de *O Conservador*, que a instalação da luz elétrica impulsionou o aumento destes estabelecimentos, uma vez que até mesmo os anúncios aumentaram no periódico. Dentre os que eram anunciados, destacamos: Empresa Industrial E. Tude & Companhia (usina hidroelétrica e fábrica de gelo), Tranquilino Melo & Ferreira (fábrica de sabão massa), Antiga Fábrica S. Lourenço (manufatura de fumos e cigarros), Stella (loja de calçados), Fábrica de tecidos, Indústria têxtil, dentre outros.

Sobre o novo momento referente ao comércio da cidade – que se encontrava em fase de crescimento e expansão – numa publicação de *O Conservador* encontramos a seguinte passagem:

A situação lisonjeira de Nazaré como estação central e capital de uma zona feracíssima e trabalhadora, tem atraído para aqui, segura dos mais vivos êxitos e de justíssimos favores, necessários às empresas que começam, larga soma de capitais, que vão concorrendo, já mesmo em começo de labores, em grande escala para nosso movimento comercial (O CONSERVADOR, 1919, p. 01).

A economia de Nazaré via-se movimentada, mas as fábricas, usinas e lojas eram apenas uma pequena parte de sua renda. Seu ponto forte encontrava-se, na verdade, no setor agrícola. As produções de fumo, cacau, café e mandioca eram exportadas e, além disso, abastecia cidades circunvizinhas. Não podemos perder de vista que muitas localidades do oeste e do sertão baiano também compravam essas mercadorias, que eram transportadas pelos trens.

Por ocasião do aniversário de *O Conservador*, o mesmo publica em sua primeira página, na edição de 5 de maio de 1919, uma matéria esclarecedora sobre a economia da cidade, citando como principais as produções agrícolas:

Nazaré tem na agricultura uma das bases seguras do seu progresso, oferecendo o seu solo emprego a várias culturas, todas de resultados os mais francos. A história nomeou esta cidade *celeiro da Bahia*, pela extensa exportação de produtos do solo que saiam das portas desta cidade com destino ao Funil, centro de operações da patriótica gente que se formou em colunas de soldados, sustentando a independência do país. Nazaré não é só das *farinhas*, como é largamente conhecida. A descrição que divulgamos das suas principais culturas são uma afirmativa do que avançamos nestas linhas (O CONSERVADOR, 1919, p. 01, grifos do autor).

Logo em seguida é apresentada a origem das principais lavouras cultivadas em solo nazareno, a saber: açúcar, mandioca, fumo, café, tabaco. O texto menciona ainda que, além

destas, outras lavouras também eram produzidas, mesmo que em menor escala, como, por exemplo: milho, algodão, batata, araruta, laranja, cacau, abacaxi, arroz, feijão.

A mercadoria mais produzida, entretanto, era a farinha de mandioca. Muitos artigos publicados em *O Conservador* fornecem informações importantes quanto ao seu cultivo, preparo e comercialização. Em 31 de março de 1918 é publicado um artigo contendo informações sobre esse produto, como aumento da exportação e sua valorização no mercado:

Tem chegado até ao *rolo* a atividade dos compradores da saborosa farinha de tapioca, nas portas da cidade [...]  
 As cargas de farinha de tapioca têm chegado a 180\$000 o que quer dizer: cada litro de farinha a 1\$000.  
 No cães palestravam [...] vários lavradores.  
 – Mas para onde vai tanta farinha? Pergunta um  
 – Para o Rio. No Rio agora é que o povo tá saboreando essa *frurta* (sic) (O CONSERVADOR, 1918, p. 02, grifo do autor).

A farinha era produzida em larga escala no município, fato que lhe rendeu o cognome *Nazaré das Farinhas*, ainda hoje conhecido. O trabalho nas casas de farinha era, a princípio, artesanal<sup>12</sup>, passando, mais tarde, à utilização de máquinas. Ainda no texto acima mencionado, encontra-se uma citação do historiador Rocha Pitta (1614) acerca do processo de preparo da farinha de mandioca, da qual transcrevemos um trecho:

As manaíbas lançam grossas raízes as quais arrancam e enrolam em uma forma de engenho, que chamam Bolandeira, e espremem em instrumentos de palha, que nomeiam tapitis, e logo a cozem em alguidares de barro, ou de cobre, e fazem farinha de vários gêneros, e [u]mas delgadas e tênues fatias, que suprem o pão com o nome de beijus (PITTA, In: O CONSERVADOR, 1918, p. 02).

A respeito da mandioca, Felix Souza Santos (2013) trata da pouca atenção dada a esse produto agrícola nas academias. Ou seja, enquanto muito se falou sobre o café, a cana-de-açúcar e o cacau, pouco se discutiu sobre a mandioca, cujo papel foi tão relevante para a economia e cultura de muitos municípios do Recôncavo. Mas,

[...] se no âmbito das pesquisas acadêmicas, comparativamente à cana, café e cacau, a mandioca encontrou um lugar secundário, entende-se que no processo de formação econômica do recôncavo, a mandioca ocupou um lugar central, pois, era a base do sustento alimentar da população, e produto gerador de capital, estabeleceu assim, relações bem definidas entre produção, circulação e consumo (SANTOS, F., 2013, p. 28).

---

<sup>12</sup> Ainda na atualidade algumas casas de farinha mantêm a prática de atividades manuais no processo de beneficiamento da farinha de mandioca.

Foi graças à produção agrícola, especialmente a de mandioca, que Nazaré foi, pouco a pouco, crescendo em termos econômicos e tornou-se destaque até meados do século XX. Em 1918 havia se tornado o 3º distrito agrônômico do estado da Bahia, conforme informação de *O Conservador*:

A esforço do nosso digno intendente doutor Eurico Matta, junto à Secretaria da Agricultura, foi designada Nazaré sede do 3º Distrito Agrônômico do Estado. Trabalhando com o máximo esforço pelo levantamento da agricultura neste município [...] (O CONSERVADOR, p. 1, 1918).

Constatamos, portanto, a partir da leitura de *O Conservador*, que a cidade de Nazaré progredia em termos econômicos e culturais, apoiada, principalmente, na agricultura. Sua representatividade estendia-se às cidades vizinhas que tinham nela o centro de trocas comerciais. Não podendo esquecer que o comércio – nele compreendidas também as lojas, fábricas e indústrias – teve importância salutar para o progresso da cidade.

### 3 ANÍSIO MELHOR: O HOMEM POR TRÁS DAS LETRAS

Filho do comerciante Manoel e da senhora Sofia, Anísio Melhor nasceu em Nazaré – BA em 07 de maio de 1885 e teve sempre uma vida simples. De acordo com Scarante (2008, p. 23), era um "homem de escassos recursos financeiros, mas muito respeitado e admirado por todos, [...] teve efetiva participação na vida pública e cultural na sua cidade natal".

**Figura 4:** Fotografia de Anísio Melhor.



**Fonte:** O Conservador, 1918. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Foi um dos fundadores do jornal local *O Conservador*. Desde muito jovem dedicou-se ao trabalho na imprensa, colaborando com a organização estrutural do mesmo e também por meio de sua produção intelectual, através da publicação de artigos, crônicas, dentre outros gêneros. Além do seu compromisso com *O Conservador*, colaborou ativamente com outros jornais que eram muitos no início do século XX, como podemos depreender do soneto de sua autoria, sob pseudônimo *Zé Pangolin*, intitulado *Na troça XXVII*:

Nazareth civiliza-se, bem feito!  
Quem não gosta de imprensa está doente,  
Sete folhas, (a conta) está direito!

Talvez até que a coisa ainda aumente  
 [...]
   
Sete folhas... gazeta com fartura,  
 Notícias florilégios e figura  
 Versos, troças, namoros e crônicas...

Postilhões lá se vão, ninguém recua:  
 A nuvem de gazetas enche a rua:  
 São gazetas, gazetas e gazetas...

(MELHOR, 1918, p. 01)

Em uma publicação, datada de 16 de setembro de 1949 (AUGUSTO, 1999), do periódico *A Bandeira*, pertencente ao Colégio Clemente Caldas, Anísio Melhor apresenta uma lista contendo o nome de todos os periódicos (jornais e revistas) que circularam ou circulavam em Nazaré até aquele momento, somando o total de sessenta e quatro periódicos. Destes, atuou diretamente, seja na direção, na redação ou como proprietário de seis, a saber: *Correio de Nazareth* – do qual era redator, juntamente com Rosendo Filho; *A Ribalta* – de propriedade da Escola Dramática Arthur Azevedo – atuava como redator; *A cigarra* – revista literária de sua propriedade e direção; *O Olho da Rua* – de sua composição e direção; *O Asilo* – pertencente ao Asilo de Meninos Desvalidos – trabalhou como diretor; *A Bandeira* – fundado por Anísio Melhor, mas pertencente ao Ginásio Clemente Caldas (MELHOR apud AUGUSTO, 1999). É incontestável a sua participação, seja como poeta, seja como redator, em diversos periódicos nos quais deixou muitos textos publicados.

Devemos levar em consideração que a imprensa está diretamente ligada à história social, aos interesses políticos e econômicos, às manifestações hegemônicas, assim como às de resistência. Por meio dela difundem-se ideias, moldam-se pensamentos, disseminam-se ideologias. Anísio Melhor tinha consciência disso e utilizava-se de suas obras para tecer críticas às mazelas sociais, como também para expor sua forma de compreender os mais variados fenômenos da vida em sociedade.

As diferenças sociais o incomodavam, sobretudo quando afetavam as crianças. Na crônica intitulada *A mãe dos desamparados*, o escritor fala sobre D. Bernarda (1796 – 1874) – que deixou em testamento a fortuna e o pedido para fundação de um asilo que recebesse crianças carentes –, e revela sua sensibilidade e afeição aos menores desamparados, como depreendemos do trecho a seguir:

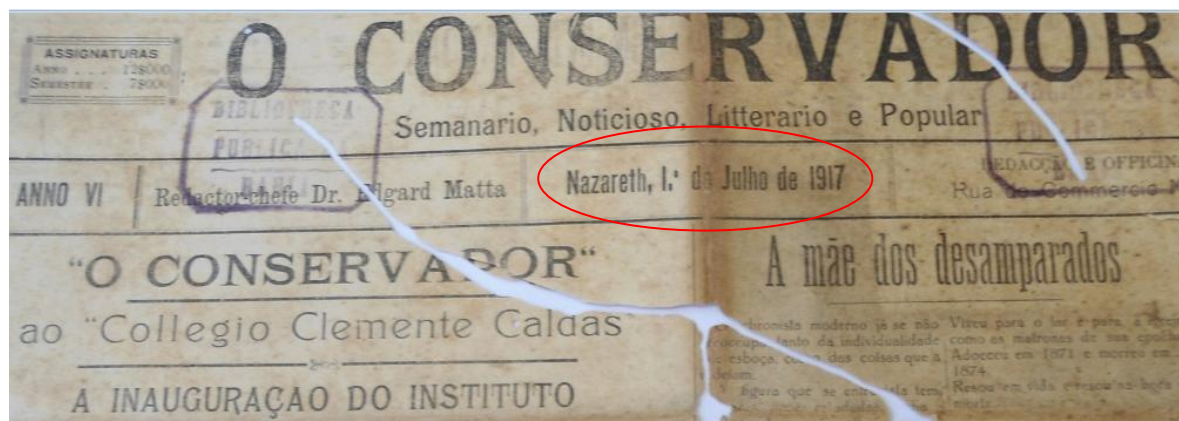
Das janelas do seu solar ela viu ruas sombrias, becos solitários e tristes, e dentro dessa melancol[ia]... crianças nuas, roendo ossos caídos de mesas, dormindo ao relento, enrolados no lençol do luar tiritando de frio.

[...]

Pensou em afastar do caminho da desgraça um punhado desses romeiros.  
Eu mesmo que escrevo estas linhas, escrevo comovido, como amo como ninguém as  
criancinhas vagabundas, esses pedaços de tristeza que andam enfeitando a claridade  
das ruas com a melancolia de olhares que gemem e de bocas que não tiveram beijos.  
(MELHOR, In: O CONSERVADOR, 1917, p. 01).

O Asilo dos Meninos Desvalidos, fundado graças à D. Bernarda, passa a dividir espaço  
com o Colégio Clemente Caldas, que inaugurado em julho de 1917<sup>13</sup> divide com aquele o  
mesmo prédio.

**Figura 5:** Anúncio da inauguração do Colégio Clemente Caldas



**Fonte:** *O Conservador*, 1917. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Esse colégio teve um papel importante para a cidade de Nazaré. E Anísio Melhor, adepto da ideia de que aos jovens se deve dedicar a maior atenção e todo o apoio possível para que tenham acesso à educação, – como depreendemos da leitura de *O Conservador* – viu no mesmo um espaço propício ao desenvolvimento dos jovens nazarenos.

Após a fundação do Asilo dos Meninos Desvalidos, Anísio Melhor participa de atividades no mesmo. No entanto, somente em 1926 atua diretamente com os meninos acolhidos pelo asilo, uma vez que no referido ano passa a ser o diretor da instituição – a qual havia sido fechada e volta a abrir as portas aos "meninos desvalidos". *O Conservador* assim noticiou o acontecimento:

[...] visitamos no dia 20 o belo prédio do 'Asilo de Meninos Desvalidos', situado na futura avenida Clemente Caldas.

Nesse dia tomou posse o nosso companheiro Anísio Melhor da direção do estabelecimento, dedicando-se a novo feito de vida, movimentada e trabalhosa, mas

<sup>13</sup> Encontramos trabalhos que indicam 1912 como o ano de fundação do Colégio Clemente Caldas. No entanto, localizamos em *O Conservador* de 1917 um texto de três colunas que trata da inauguração do colégio. No presente trabalho, que toma o referido periódico como fonte material de estudo, optamos por considerar 1917 como sendo o ano de fundação da mencionada instituição, especialmente porque não localizamos outras fontes documentais que atestassem 1912 como ano de fundação do Colégio Clemente Caldas .

perfeitamente adaptável aos moldes do seu espírito e a calma indigente de que é dotado (O CONSERVADOR, 1926, p. 01).

Anísio Melhor passa então a atuar, além de diretor, como professor do Colégio Clemente Caldas, junto ao Asilo dos Meninos Desvalidos, uma vez que, consoante Scarante (2006), era fluente em francês, espanhol e italiano. Além disso, tinha grande predileção pela música, o que o fez trabalhá-la com os meninos asilados.

Seu pensamento sobre os ensinamentos a serem passados à juventude é o de que os jovens deveriam ser ensinados não apenas a ler e a escrever, mas a se posicionarem diante da vida em sociedade, sabendo fazer escolhas e, enquanto cidadãos, sendo fiéis às necessidades do país. A este respeito, identificamos em uma publicação de *O Conservador* um chamado aos jovens nazarenos:

Precisamos mostrar lá fora que possuímos dentro de nós, bem vivo, o ardoroso sentimento pátrio e que defenderemos até o extremo o nosso solo, a nossa honra, os nossos foros de país livre e independente.

[...]

Da mocidade nazarena espera-se toda a dedicação e apoio à causa da Pátria.

Nazarenos! Trabalhemos pelo Brasil independente, forte invencível.

Preparemo-nos por meio das armas e por meio da cultura de nossos campos [...]. (MELHOR, 1917, p. 02).

Sua dedicação aos princípios da boa educação fez com que obtivesse uma instrução esmerada, sobretudo por seus próprios esforços. Encontramos em *O Conservador* um capítulo de uma monografia por ele elaborada, intitulada *Aldeia de Santo Antônio dos caboclos, há seis quilômetros de Nazaré*. No entanto, acerca de sua formação, Scarante (2006, p. 22) esclarece que "[...] em Nazaré, fez apenas o curso elementar, ou de primeiro grau. Todo conhecimento adquirido a partir daí, é resultado de sua dedicação pessoal aos estudos, o que faz dele um autodidata".

Ainda a respeito de sua formação, encontramos uma publicação de *O Conservador* que atesta o fato de Anísio Melhor ter se formado sem frequentar uma instituição de ensino e sem mestres que o orientassem. Trata-se de um discurso proferido pela professora Rosália Matta, por ocasião do encerramento de uma festa de arte promovida por Anísio Melhor. Transcrevemos, a seguir, um trecho do referido discurso.

Nas galerias majestosas onde salientam-se os vultos notáveis nas letras, nas artes e nas ciências há de figurar também o nome de Anísio Melhor.

Todos vós senhores o conheceis, todos vós sabeis como ele com toda a simplicidade fez-se poeta neste centro limitado.

Ele nasceu e criou-se sob este pedaço de céu, sem mestres, sem grandes recursos e ao seu esforço exclusivamente deve o muito que é. (O CONSERVADOR, 1920, p. 01).

Poeta das cores e dos sentimentos, o seu interesse e a sua paixão pelas letras, pela poesia, pelo mundo da escrita, são evidenciados em seus textos e em relatos de outros, sejam escritores, críticos literários, redatores de jornais, amigos. Maurício Virgílio, num discurso dirigido a Anísio Melhor, descrito em *O Conservador*, assim manifesta sua admiração pelo artista que era:

Anísio Melhor, artista admirável [...] os caminhos por onde passas são cobertos de jasmim e sombreados pelos loureiros da vitória, sombra que é feita de [l]uz, sombra que é construída pela glória, sombra cujo pedestal é a arte pura, [...] arte que vive em teus livros e que surge dos teus poemas.  
[...] O teu templo de arte, é um documento de alegria feliz, de serenidade de ventura e amor, espelho do teu eu de artista e do teu eu de homem. (VIRGÍLIO, 1920, p. 01).

A poesia de Anísio Melhor não se fazia presente apenas em poemas, mas podia ser notada em outros gêneros literários, como o romance. Antônio Ferreira Santos desnuda este aspecto do poeta ao afirmar que a obra *Almas enfermas* – romance de Anísio Melhor – é, também, poética.

E porque ainda se deixam comunicar ou mesmo absorver pela chama inflamada da poesia? É que esta, a poesia, jamais se eclipsará ou simplesmente deixará de coadjuvar na persecução de qualquer labor humano.  
E foi atendendo a esta tendência que Anísio Melhor lavrou *Almas Enfermas*. É uma pequena história de amor, simples na sua estrutura, porém impulsiva e algo caprichosa na individualidade dos personagens. (SANTOS, A., 1920, p. 01).

Além de Antônio Ferreira Santos, outros escritores e críticos literários escreveram sobre esta obra de Anísio Melhor. Chiacchio, ao tratar do referido romance, assim se manifesta:

Acabo de ler o livro de Anísio Melhor com a impressão salutar de quem percorre um caminho em flor. Não repare o leitor esse tom lírico ao começo de uma crônica que se destina à análise. É que mesmo quando nos impõe severidades de estilo[s] a obrigação de dizer de trabalhos definitivos de um escritor como Anísio Melhor, o êxtase involuntário nos trai a galantaria numa exclamação de encantamento tanto é o perfume desconcertante dessas páginas bem feitas. (CHIACCHIO, 1920, p. 01).

Devemos observar que o escritor e poeta está em constante contato com a realidade na qual se insere. O que, conseqüentemente, faz com que muito dessa realidade seja, de certa

forma, desnudado em seus escritos. No entanto, não podemos ignorar a observação feita por Sainte-Beuve (apud. CANDIDO, 2006, p. 28), ao afirmar que

[...] o poeta não é o resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.

Nesse sentido, Anísio Melhor se mostra como um poeta que observa atentamente tudo que o circunda e transpõe para suas produções realidades distintas, avivadas pelos sentimentos que o inspiraram a criar cada uma delas. Assim, coisas que parecem simples são tomadas como acontecimentos ricos, importantes. É o que percebemos, por exemplo, nas *Cartas à Lúcia*, nas quais o autor se deixa levar ora pela simplicidade e encantamento dos barquinhos que vão e vem, ora pela brutalidade com que as ondas agridem a praia.

Todas as tardes venho para o Porto contar os barquinhos e ler-lhes os nomes, todos de um seráfico misticismo, e de uma interessante rudeza de ortografia. É o “Vai com Deus”, o “Estrela do mar”, o “Senhor do Bomfim”; as vezes o mar fica pintado deles como se fosse o mar de estrelas. (MELHOR, 1918, p. 02).

O cenário tranquilo, simples e belo das praias, no mesmo texto – *Cartas à Lúcia I* – mostra-se como inspirador e, segundo Anísio Melhor, um poeta teria, naquele lugar, o espaço ideal para seus devaneios e inspiração para a criação artística.

Um poeta aqui, Lúcia, um poeta de alma em luz, o olhar em saudades, um Mistral cheio de sonhos e de evocação o que não faria?!  
Traçaria páginas doces, emotivas [...]. (MELHOR, 1918, p. 02).

Em outro texto da mesma coletânea – *Cartas à Lúcia II* –, se referindo às praias de Itaparica, o autor continua a exaltar o ambiente praiano, destacando a beleza do cenário, o qual ele descreve cuidadosamente:

Lúcia – Esta é a cidade das belas paisagens. Um grande poeta das cores, artista e homem, retina e sensibilidade, arrancaria dessas praias para o enquadramento das telas assombrosos trechos da natureza, harmonias admiráveis de cores e deslumbramentos. (MELHOR, 1918, p. 01).

Anísio Melhor mostra-se afeito à literatura, à graça dos versos e das rimas, às cantigas, aos desafios. A arte literária tem, por conseguinte, a destreza de, ao mesmo tempo, abordar

questões sociais e proporcionar divertimento. Além disso, permite que os mais diversos sentimentos sejam externados. Dessa forma, segundo o referido escritor,

[...] o poeta é o homem que se fez criança. E os versos, os versos são romarias de beijos tornados em luz; são asas que os dedos macios da Fantasia arrancaram do corpo irreal dos sonhos. Anda, adormece. Apanha no ar essa lira que o vento açoita afinando as cordas. (MELHOR, 1919, p. 01).

As tradições populares tiveram largo espaço nas obras de Anísio Melhor. Os reisados, o samba de roda, as quadrilhas, são apenas algumas das manifestações populares descritas nos diversos gêneros que produziu, inclusive nas cantigas de violas. Acerca destas, sua paixão nunca foi escondida. Publicou, inclusive, um pequeno livro de versos intitulado *Cantigas ao luar*, em torno do qual Afonso Costa publica as seguintes considerações, apresentada na edição de 20 de janeiro de 1918 pelo *O Conservador*:

Cantigas ao luar são (sic) uma preciosa coleção de versos que Anísio Melhor publicou agora, em seguida ao esplêndido êxito produzido por Maria Lúcia. Dos que manejam as letras na Bahia, aos nossos tempos, nenhum se revela com tal feitura e semelhante acabamento de artista literário, como Anísio Melhor. (COSTA, 1918, p. 02).

Anísio Melhor procurava exaltar as tradições locais por meio da poesia e da música. Além de poeta, escritor, redator e educador, também cantava e, aliado aos sons melodiosos da viola, encantava com sua voz. Em 30 de maio de 1920 *O Conservador* publica informações sobre uma serata organizada por Anísio:

[...] realizou-se no domingo passado uma esplêndida festa de arte organizada pelo nosso companheiro Anísio Melhor [...].  
A primeira parte da serata constou de interessantes números de música: valsas e tangos cantadas pelo poeta, formando a segunda parte a leitura da conferência humorística e imitativa – MAGROS e GORDOS – que fez rir a valer e onde Anísio Melhor se mostrou, mais uma vez, [...] cheio de graça e de fino espírito.  
As músicas cantadas pelo poeta foram quase todas originais de compositores nazarenos o que deu ainda mais valor ao festival. (O CONSERVADOR, 1920, p. 01).

**Figura 6:** Fotografia de Anísio Melhor com uma viola.



**Fonte:** *O Conservador*, 1918. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

O seu gosto pela viola era conhecido por admiradores e artistas, tanto nazarenos quanto das cidades vicinais.

Diante do cenário nacional da literatura, em que muito se buscava romper com a prática de imitação do estrangeiro, propondo uma literatura genuinamente nacional (BOSI, 1970), Anísio Melhor parece coadunar com esta linha de pensamento. Em sua obra é visível a preocupação em preservar as tradições peculiares ao folclore brasileiro, dando especial relevo àquelas específicas do Recôncavo Sul baiano. Por conta disso, destacamos o quão é fundamental um trabalho que busque resgatar a produção de um escritor que, embora tenha uma produção significativa tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, não faz parte do rol daqueles que a crítica literária, de uma forma mais geral, consagrou.

#### **4 ENVEREDANDO PELOS CAMINHOS DA CRÍTICA TEXTUAL: EDIÇÃO DAS CRÔNICAS E DAS CARTAS DE ANÍSIO MELHOR PUBLICADAS EM *O CONSERVADOR***

Falar em Filologia leva-nos obrigatoriamente a pensar nas incontáveis contribuições que a mesma tem oferecido aos diversos campos da ciência. Quantos foram os documentos resgatados, quantas as histórias, as lembranças, as manifestações humanas mais distintas que com os mesmos vieram a lume?! Não se trata apenas de lidar com papéis amarelados, corroídos pelo tempo, abandonados. Trata-se, sim, de lidar com o arcabouço espiritual das sociedades pretéritas. De conhecer aquilo que ainda está segredo nos arquivos públicos, particulares ou mesmo jogado em algum “canto”. Trata-se, por fim, de manter viva a memória dos povos, fazendo-a presente.

Diante disso, resta-nos, então, pensarmos um pouco mais acerca do caminho trilhado por essa área do saber desde seus primórdios até os dias atuais. Obviamente, não há como fazer esse percurso com indiscutível precisão. Por conta disso, contentamo-nos em apresentar um breve esboço desse caminhar, às vezes firme, outras vezes impreciso, mas sempre significativo para a humanidade.

Nesta perspectiva, começamos, pois, por dizer que o surgimento da Filologia está intrinsecamente ligado à percepção da necessidade de preservar a memória por meio dos registros escritos. Conforme pondera Spina (1977, p. 60), no momento em que a criação cede lugar ao cansaço, volta-se o olhar ao passado. No entanto, acreditamos que, para além da exaustão criativa, os homens necessitam conhecer e preservar as manifestações passadas numa tentativa de compreender os fenômenos do seu tempo. Daí a busca pela manutenção daquilo que as gerações pretéritas deixaram registrado por meio da escrita. A Crítica Textual – ciência que busca resgatar esses registros escriturais – desponta, por conseguinte, no período alexandrino (322-146 a. C.), o qual tem como centro a biblioteca de Alexandria.

Os filólogos alexandrinos centraram seus trabalhos em edições críticas de escritores literários como Homero, Alceu, Anacreonte, Píndaro, Aristófanes (SPINA, 1977, p. 61). Sua função estava pautada na catalogação, revisão, emendas, comentários, dentre outros, ou seja, começou-se, nesse turno, o trabalho atribuído à Ecdótica, visto que já comparavam testemunhos na tentativa de assegurar a genuinidade dos textos. E essa prática perdurou até o Renascimento.

Apenas no século XIX surge o que hoje é denominada de Crítica Textual Moderna a partir das publicações de Lachmann (1793-1851). Considerado o pai da “nova crítica textual”,

Karl Lachmann, através das edições do *Novo Testamento Grego* e do poema *De rerum natura* de Lucrecio,

[...] revelou-se [...] um marco decisivo na constituição da crítica textual, dando-lhe base e princípios científicos. Até então tratava-se de uma crítica subjetiva, [...] em que o filólogo tomava por base uma edição consagrada e a corrigia em confronto com um códice qualquer [...] (SPINA, 1977, p. 66).

Os princípios preconizados por Lachmann conferiram à crítica textual o rigor no trato com os textos. Assim, para determinar a genuinidade de um dado documento faziam-se necessários alguns procedimentos, como: acoplar todos os testemunhos, compará-los levando em consideração todos – inclusive os mais recentes –, conhecer o estilo do autor e a norma vigente na época em que o documento fora lavrado, não ser atraído pela linguagem fácil, visto que era esta a preferida dos copistas.

Os métodos propostos por Lachmann foram aperfeiçoados por Giorgio Pasquali (1885 – 1952) que os ampliou e retificou. Enfim, favoreceu o fortalecimento da crítica textual, uma vez que aumentou a cientificidade da mesma ao preencher as lacunas deixadas por seu antecessor.

No Brasil, os trabalhos na área da Ecdótica na década de 40 do século XX são modestos e ainda sem muito rigor. Ganha vislumbre somente a partir de Emanuel Pereira Filho, com suas investigações acerca da poesia lírica de Camões (SPINA, 1977). Nos anos subsequentes, até a década de 50, surgem outros nomes como Pe. Augusto Magne e Souza da Silveira. No entanto, é na década de 60 que a Crítica Textual se volta para as produções brasileiras e ganha nuances da crítica moderna ainda hoje trabalhada. A este respeito, Queiroz (2008, p. 89) afirma que

Os anos de 1960 foram marcados pelo desenvolvimento da Crítica Textual no Brasil, pois [...] têm-se as primeiras edições críticas exemplares, a saber: *Iracema*, de José de Alencar, de responsabilidade de Cavalcanti Proença; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis, a cargo da Comissão Machado de Assis; o *Livro das aves*, sob a responsabilidade de Nelson Rossi e sua equipe; *Teatro*, de Martins Pena, *O guarani*, de José de Alencar, a cargo de Darcy Damasceno; e *O Tratado da Província do Brasil*, de Gândavo, por conta de Emanuel Pereira Filho.

Desde então, muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos em várias universidades em todo o país, com o intuito de resgatar textos e as histórias neles documentadas. Merece destaque a Universidade Federal da Bahia, que a partir dos trabalhos do professor Nilton Vasco da Gama, iniciados em 1970, tem desenvolvido inúmeras pesquisas nessa área,

contribuindo para o resgate e preservação de textos e, conseqüentemente, para a perpetuação da memória cultural presente nos mesmos.

Partindo de tais considerações, cabe-nos destacar que o trabalho filológico é de importância ímpar, uma vez que retira do ostracismo textos de naturezas diversas e, por meio do resgate desses textos – relegados ao olvido – traz à tona aspectos sociais, culturais, econômicos de um dado povo. Podemos dizer que ao resgatar textos escritos em épocas pretéritas resgatamos, outrossim, os sentimentos e a maneira como tal sociedade percebia e vivenciava o mundo. Nesta perspectiva, Teixeira (2014, p. 33) pondera que

[...] o trabalho do filólogo pode ser comparado ao do arqueólogo, pois, enquanto este procura conhecer as civilizações da Antiguidade através dos vestígios materiais, aquele estuda os testemunhos escritos a fim de desvencilhar a história das civilizações engendradas nos materiais escritos deixados por aquelas.

Sendo assim, é mister afirmar que o trabalho empreendido no sentido de resgatar os textos de Anísio Melhor é profícuo, por possibilitar ao leitor especialista e ao leitor não especialista acesso à versão fidedigna das crônicas e cartas do referido autor publicadas no periódico *O Conservador*, nos anos de 1912, 1917-1921, tendo, portanto, acesso aos costumes e tradições vazados em sua escrita. Além disso, por meio da edição desses textos, favorece-se a preservação da memória do povo neles representado, dado o fato de que o suporte dos mesmos se encontra em avançado estado de deterioração.

#### 4.1 NOTÍCIAS SOBRE O RESGATE DOS TEXTOS

Antes de adentrarmos na explanação sobre o trabalho de resgate e edição dos textos de Anísio Melhor, faz-se necessário apresentarmos o periódico *loco* de suas publicações. *O Conservador* circulou na cidade de Nazaré – BA de 1912 a 1945<sup>14</sup>. De publicação semanal, foi, durante esses anos, um espaço reservado às discussões políticas, aos causos corriqueiros do cotidiano, às celebrações festivas da cidade e da região e, de maneira muito significativa, às publicações literárias locais.

---

<sup>14</sup> Na dissertação de mestrado de Scarante (2006) consta 1942 como o ano da última publicação do periódico. No entanto, foi localizado na biblioteca particular do professor Lamartine Augusto um exemplar de 1945. Em entrevista, Lamartine afirmou que *O Conservador* passou por momentos de instabilidade, sendo que houve anos em que apenas alguns números foram publicados, fato ocorrido em 1942. Em 1945 ele volta a publicar, sobretudo movido por questões políticas, por conta das eleições de 1947.

**Figura 7:** Fotografia com informação sobre a periodicidade semanal de *O conservador*.



**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Sua fundação data de 05 de maio de 1912, tendo como idealizadores Anísio Melhor, Edgard Matta e Militão Santos.

**Figura 8:** Fotografia dos fundadores de *O Conservador*.



**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

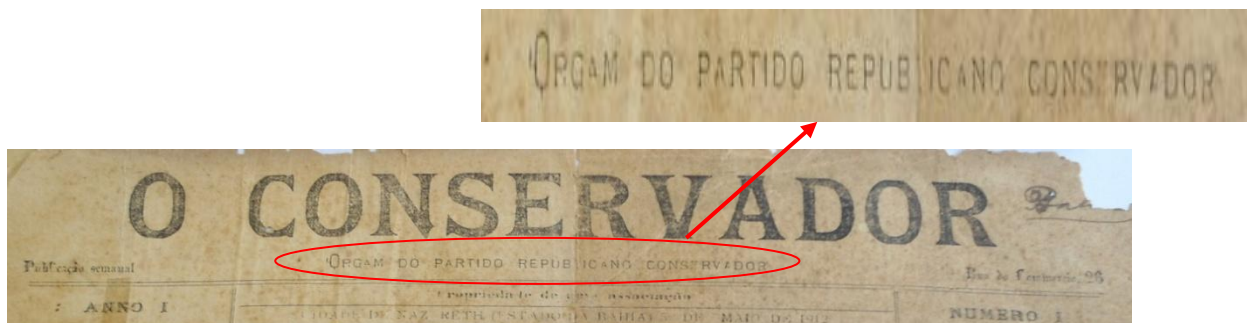
**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Inicialmente, era composto por quatro páginas das quais, geralmente, a primeira destacava algum assunto político, fosse de natureza mais geral – como a guerra – fosse de assunto nacional ou mesmo da Bahia. Compunha-se por cinco colunas no ano de 1912, apresentando seis colunas em 1917<sup>15</sup>. Indicando seu pertencimento partidário, no primeiro ano de circulação trazia no topo da primeira página a inscrição: “Orgam do Partido

<sup>15</sup> Não podemos precisar se foi em 1917 que essa mudança ocorreu, vez que os exemplares de 1913 a 1916 não foram localizados, como mencionado anteriormente.

Republicano Conservador”. Passa posteriormente a: “Semanário, noticioso, literário e popular”, dando indícios de que os textos literários ganharam mais espaço em suas páginas, conforme atestam as figuras 9 e 10:

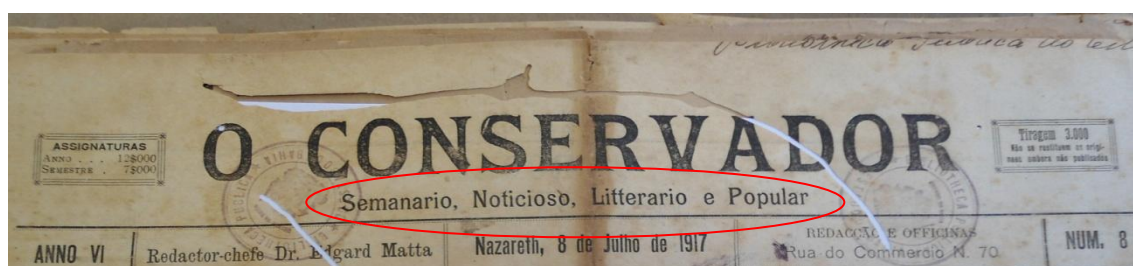
**Figura 9:** Cabeçalho de *O Conservador*, 1912.



**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

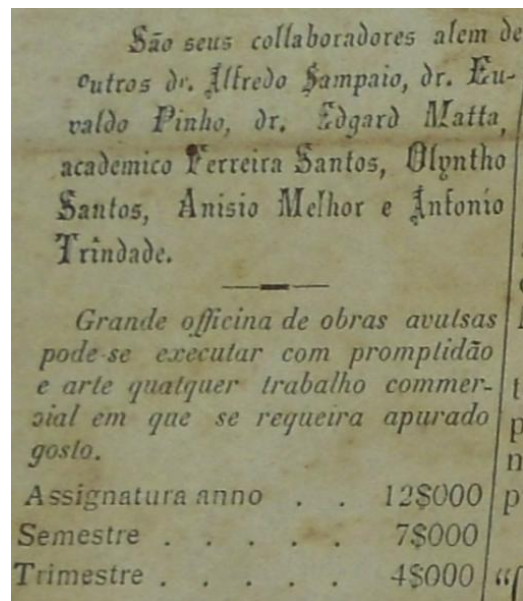
**Figura 10:** Cabeçalho do *O Conservador*, 1917.



**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

A sobrevivência do jornal dependia das assinaturas e daqueles que, voluntariamente, colaboravam para sua manutenção, fosse com prestação de serviços ou com contribuição pecuniária. Em 1917 apresenta, no início da primeira página, os nomes dos principais colaboradores, assim como os valores das assinaturas anuais, semestrais ou trimestrais.

**Figura 11:** Colaboradores do periódico e valores das assinaturas

**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Tinha suas acomodações localizadas na Rua do Comércio, nº 26, conforme atesta o próprio periódico. Em 2 de janeiro de 1918 o mesmo anuncia a nova casa de *O Conservador*, afirmando que "O Conservador com amplas acomodações e dividido de modo a facilitar e trazer na maior ordem os seus serviços, pode, na sua typographia (sic), executar qualquer obra, por maior que seja, com a máxima presteza e perfeição" (O CONSERVADOR, 1918, p. 01). Passa, então, a localizar-se à Rua do Comércio nº 70.

**Figura 12:** Tipografia Aurora, sede de *O Conservador*

**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

O periódico, descrito por si mesmo (por seus redatores), informa sobre os esforços empreendidos no papel desempenhado enquanto difusor de informações e propagador de ideais políticos, assim como enquanto *loco* de produções literárias. Numa publicação sobre a inauguração do Colégio Clemente Caldas temos uma breve ideia acerca das questões sociais e políticas por ele defendidas:

Nós que fazemos de nosso credo, na imprensa do Estado, com os olhos ávidos do futuro, na esperança de manhãs mais alvas e mais puras para esta grande Pátria, de nosso credo, uma compreensão inalterável de altos sentimentos sociais e maiores deveres políticos, tangidos os ódios e as paixões, nos rejubilamos hoje, consciente e voluptuosamente, do muito que pugnamos pela manutenção da grandiosa instituição que o altruísmo dos Caldas assentou nesta nobre terra dos nazarenos [...] (O CONSERVADOR, 1917, p. 01).

Durante os anos em que foi veiculado, *O Conservador* serviu à parcela letrada da cidade de Nazaré e de cidades circunvizinhas, demonstrando comprometimento com as causas locais e, inclusive, nacionais. Na comemoração do sexto aniversário do periódico se pode ler:

Há precisamente seis anos que o primeiro número desta folha se espalhou pela cidade, levando nas suas primeiras colunas o seu auto de fé, o seu compromisso de imprensa, no qual traçamos a carreira dos nossos ideais e o compromisso de servir à pátria, de servir ao povo, de servir à cidade (O CONSERVADOR, 1918, p. 01).

Esse jornal – como era comum na época – funcionou, durante os anos em que foi impresso, como um espaço favorável à publicação de textos literários. Considere-se que ainda era uma época marcada pela escassez de editoras que se interessassem por publicações locais (TEIXEIRA, 2008). Dessa forma, justifica-se a quantidade ampla de textos literários de vários escritores<sup>16</sup> em *O Conservador*, dentre os quais localizamos os de Anísio Melhor.

Diante da relevância do periódico como *loco* de publicações literárias locais e circunvizinhas, começamos o trabalho de resgate dos textos em 2011 por meio do projeto coordenado pela professora Maria da Conceição Reis Teixeira intitulado **Edição e estudo de textos literários e não-literários publicados em periódicos baianos**<sup>17</sup>, o qual compreendia subprojetos ficando compelido a nós o de título *Edição e estudo dos textos publicados no O Conservador entre 1912 e 1916*. Como os exemplares de 1913 a 1916 não foram localizados

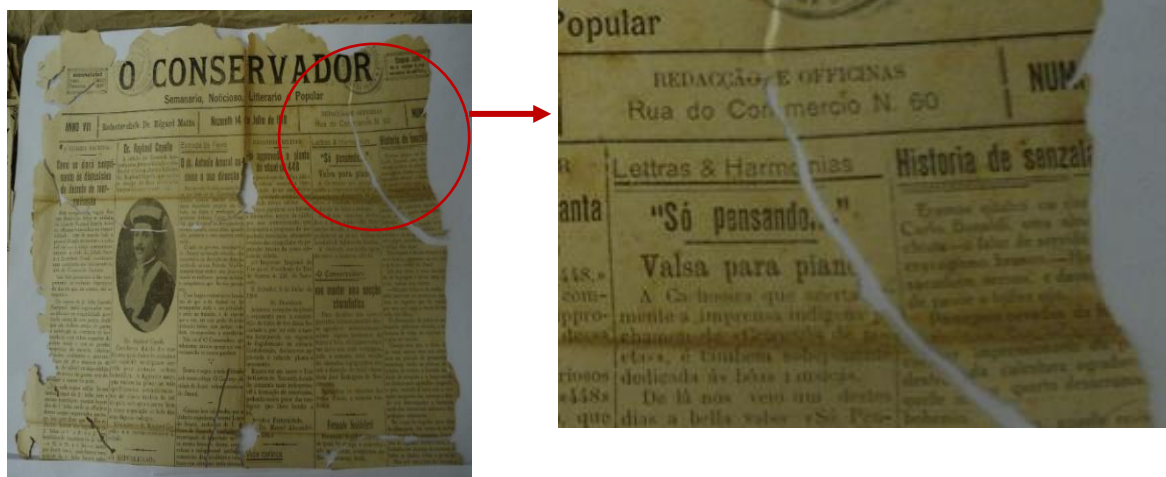
<sup>16</sup> Foram localizados textos de Antônio Ferreira Santos, Ceciliano Ramos, Joaquim Embiruçu, Edith Costa, Flávio José, Edgard Matta, Antônio Dantas Trindade, Gonçalves Matta, Anísio Melhor, dentre outros.

<sup>17</sup> O projeto, sob coordenação da professora Maria da Conceição Reis Teixeira, tem resultado em artigos, trabalhos de conclusão de cursos e dissertações de mestrado. Os membros que compõem (ou compuseram) o grupo são: Alaine Priscila Matos Spínola, Ana Carolina Nascimento de Jesus, Andreza da Silva Conceição, Joelma Jesus Oliveira, Juliane Guimarães Cunha, Lívia dos Santos Dias, Luís César Pereira Souza, Nair Caroline Santos Ramos, Orivalda de Souza Reis, Ediane Brito Andrade Schettini.

nos acervos, a pesquisa teve como foco textos publicados até o ano de 1921. Os exemplares do referido periódico foram localizados no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (situado no Bairro da Piedade, Salvador – BA), na Biblioteca Pública do Estado da Bahia (situada no Bairro dos Barris, Salvador – BA) e na Biblioteca do professor Lamartine Augusto (situada em Nazaré – BA, cidade de origem do periódico). Devemos, no entanto, destacar que a maior parte dos fac-símiles foi obtida na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, na sessão de periódicos raros.

O contato com o suporte permitiu, de imediato, a percepção do mau estado de conservação do material. No embrulho pelo qual se achava envolvido o periódico, já havia a inscrição S.C.U. (Sem Condição de Uso). Algumas páginas, lamentavelmente, encontravam-se com rasgões ou rasuras que impossibilitaram a leitura e, conseqüentemente, a transcrição de alguns trechos dos textos. O tempo, a má acomodação, a ação de insetos e o mau uso são as prováveis causas da situação na qual se encontra o suporte, levando a um processo mais acelerado de deterioração. A figura 13 dá uma pequena ideia do estado de conservação.

**Figura13:** Exemplar de *O Conservador de 1918*.



**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros  
**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Além de rasgões e rasuras foram encontradas, ainda, em alguns casos, inscrições feitas com carimbo, ou mesmo à caneta, com letras cursivas sobre o suporte. Na maioria das vezes trata-se do nome da biblioteca, como é possível observar na figura abaixo:

**Figura 14:** Emendas no suporte



**Fonte:** Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Acervo de Periódicos Raros.

**Fotografia:** Ediane Brito Andrade Schettini

Esse tipo de inscrição pode prejudicar a leitura dos textos, além de danificar o suporte. Vale destacar, ainda, que em alguns casos são colados pedaços de papéis, como remendos nos exemplares – conforme é possível observar no lado direito da figura anterior.

Diante da situação do suporte, acometeu-nos, ainda mais, o sentimento de importância que tem o papel do filólogo, ao impedir que tais textos se percam e junto com eles todas as informações e histórias ali presentes. Sua contribuição é ímpar ao oferecer ao público um texto passível de leitura, sem necessidade de ter novamente acesso ao suporte. Acerca disso, Teixeira (2006, p. 39) afirma que

O labor filológico não terá sentido se o material recuperado e/ou restaurado não for colocado à disposição da comunidade da qual o seu autor, de forma direta ou indireta, faz parte. Por isso que, quando a obra editada apresenta dificuldades de leitura, é necessária a preparação de edições críticas, adotando-se uma postura metodológica modernizadora para que o leitor contemporâneo tenha, sem nenhum tipo de dificuldades, acesso ao saber produzido.

Por conseguinte, o resgate e edição dos textos ora trabalhados oferece o acesso do público aos mesmos e, em consequência, ao conhecimento de parte da época e da história do povo que o autor intentou retratar nas folhas de *O Conservador*.

É pertinente, pois, destacar o quão árdua é essa tarefa de resgate e disponibilização dos textos por meio do trabalho filológico, na tentativa de clarear fatos, conhecer histórias e realidades outras registradas nas escritas dos textos. Empreendemos, a princípio, visitas aos acervos a fim de verificar a existência e recorrência do material, fazendo um levantamento das

obras e em seguida os registros<sup>18</sup> por meio da edição fac-similar. Posteriormente, todos os textos foram transcritos e catalogados em um índice. Todos esses passos dados no sentido de adentrar na história por meio dos registros literários. Afinal,

Os documentos dos arquivos permitem avivar os fatos, acontecimentos, todavia para que isto aconteça é necessário adentrar nos 'sótãos dos fatos', revirar papéis velhos amórficos, raspar a camada espessa de poeira, colar fragmentos, organizar retalhos, colocar em desordem para depois ordená-los, fazendo emergir o texto e contribuindo para 'o mover das histórias' que se encontram aprisionadas, adormecidas, silenciadas nos cartórios, nas igrejas, nos conventos, nas Câmaras Municipais, nas bibliotecas, nos arquivos públicos e eclesiásticos (TEIXEIRA, 2010, p.817).

Nessa mesma direção, Queiroz (2008, p 93), ao tratar da importância do resgate de textos de autores baianos, afirma a relevância desse trabalho vez que o resultado apresenta uma dupla face: se por um lado é profícuo por contribuir com a historiografia literária, por outro, os textos literários constituem-se em verdadeiros mananciais da cultura na qual se inserem.

O levantamento, a seleção e a edição crítica de textos de autores baianos representam um ato de preservação do patrimônio literário, escritural e linguístico da Bahia e do Brasil. As etapas que constituem o trabalho da Crítica Textual são obrigações dos pesquisadores, face às gerações vindouras, no sentido de perpetuar a memória literária baiana. A importância desse tipo de trabalho está centrada na recuperação do texto como documento de uma ideologia, enquanto produto social e cultural (QUEIROZ, 2008, P. 83).

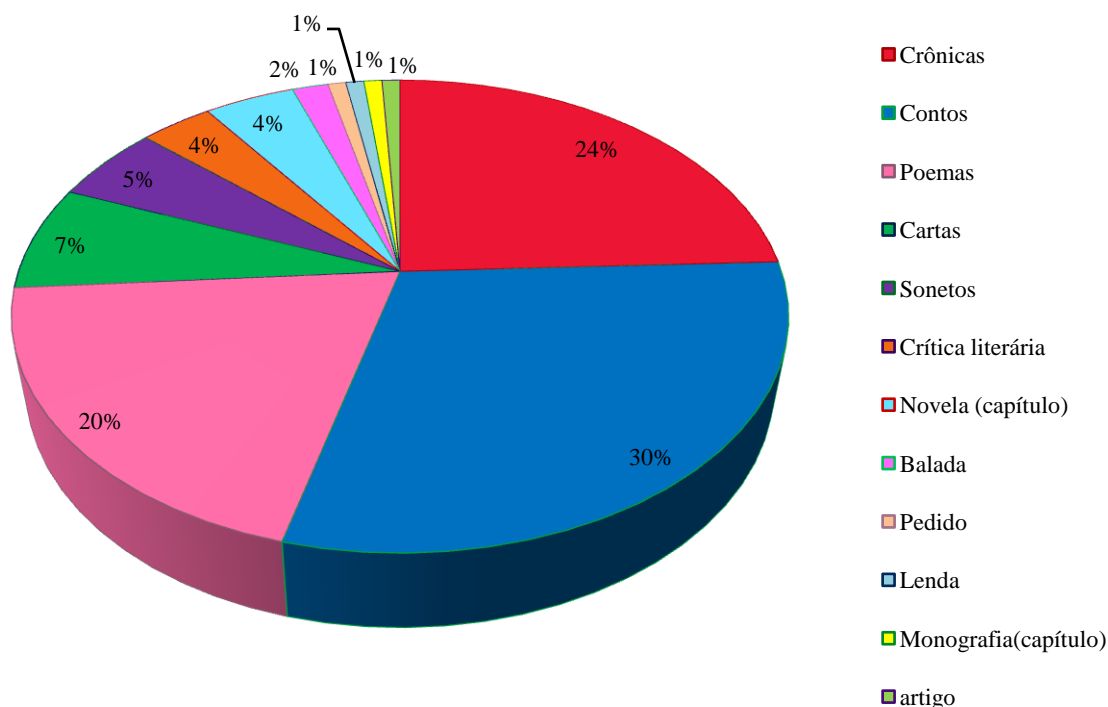
Tal afirmação reitera o nosso propósito com o presente trabalho: resgatar as crônicas e as cartas de Anísio Melhor e contribuir para a preservação da memória do Recôncavo baiano.

Da incursão empreendida no periódico foram resgatados 111 textos de Anísio Melhor, de gêneros diversos, a saber: crônicas, cartas, contos, poemas (em verso e em prosa), sonetos, críticas literárias, novelas<sup>19</sup>, baladas, pedido, lenda. Foi também resgatado um capítulo de sua monografia com o título *Aldeia de Santo Antônio dos caboclos, a 6 km de Nazareth*. A distribuição dos textos por gênero pode ser observada no gráfico a seguir.

---

<sup>18</sup> Fizemos os registros fotográficos com uma câmera fotográfica digital Sony cyber-shot, Dsc-w510, 12.1 megapixels.

<sup>19</sup> As novelas eram publicadas em pequenos trechos no rodapé das páginas. Resgatamos, pois, não a novela inteira, mas capítulos das mesmas.

**Gráfico 1:** Distribuição, por gênero, dos textos resgatados

**Elaboração:** Ediane Brito Andrade Schettini

Diante da quantidade de textos resgatados, optamos por editar, no momento, apenas as crônicas e as cartas por serem os gêneros que mais nos forneceram pistas acerca da vida do povo do Recôncavo baiano e, de maneira especial, da cidade de Nazaré – BA. A edição desses textos é relevante por se tratar, pelo que sabemos até o momento, de versão publicada apenas em *O Conservador*<sup>20</sup>, correndo, pois, o risco de se perderem. Com isso, silenciar-se-ia o arcabouço cultural registrado pelo autor nesses escritos.

<sup>20</sup> Anísio Melhor chegou a publicar um livro intitulado *Ideias e Emoções*, no qual registrou algumas de suas crônicas. No entanto, as cartas não foram publicadas (pelo que conseguimos averiguar) e boa parte das crônicas encontra-se dispersa.

## 4.2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS – CRÔNICA E CARTA

Para compreendermos as peculiaridades de um dado gênero discursivo, faz-se necessário considerarmos o fato de que – como afirma Bakhtin (1997 [1979]) – toda e qualquer atividade humana só pode ser realizada por intermédio de uma língua. Sendo assim, as relações sociais, situadas historicamente, são determinantes na elaboração dos diversos gêneros textuais – os quais são tão variados quanto às possibilidades de atividades do ser humano (BAKHTIN, [1979],1997).

O autor considera, ainda, que a utilização da língua se dá por meio da construção de enunciados, em momentos específicos, atendendo às necessidades da situação em que são produzidos. A este respeito afirma ainda que

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, [1979], 1997, p. 279).

Podemos, portanto, afirmar que a definição dos gêneros não está apenas relacionada à sua estrutura linguística, mas está intimamente relacionada às condições sociais em que tais gêneros são produzidos, ao objetivo de quem os produz, à relação que mantém com aquele (s) a quem pretende atingir com os enunciados concretizados num dado gênero. Nessa direção, Marchuschi (2008), elucidativamente, diz que

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Se considerarmos como inegável a relação entre o contexto social e as construções enunciativas – conseqüentemente entre as relações sócio-históricas e os gêneros – assim também havemos de considerar a multiplicidade de gêneros que tais relações favorecem. Acerca disso, Bakhtin é categórico:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta

um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas) (BAKHTIN, [1979], 1997, p. 279-280, grifo do autor).

Além da relação com a história social, na constituição dos inúmeros gêneros textuais há, por conseguinte, de acordo com os princípios bakhtinianos, três elementos basilares: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. Acerca dos mesmos, o autor esclarece que mantêm, no enunciado, uma relação de interdependência e estão diretamente ligados ao contexto em que o enunciado é produzido (BAKHTIN, [1979], 1997).

Faz-se necessário, ainda, levar em conta a divisão que Bakhtin ([1979], 1997) propõe entre os gêneros textuais. Para ele as manifestações da língua se concretizam em gêneros primários – diálogos orais, conversas cotidianas – e gêneros secundários – literários, científicos. Não podemos perder de vista que, de acordo com a abordagem apresentada pelo autor, os gêneros textuais secundários podem englobar diversos gêneros primários. Nesse sentido, Bakhtin ([1979], 1997) faz a seguinte ponderação:

Quando a literatura, conforme suas necessidades, recorre às camadas correspondentes (não literárias) da literatura popular, recorre obrigatoriamente aos gêneros do discurso através dos quais essas camadas se atualizaram. Trata-se, em sua maioria, de tipos pertencentes ao gênero falado-dialogado. Daí a dialogização mais ou menos marcada dos gêneros secundários, o enfraquecimento do princípio monológico de sua composição, a nova sensibilidade ao ouvinte, as novas formas de conclusão do todo, etc. Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero (BAKHTIN, [1979], 1997, p. 286).

Nesta perspectiva, gêneros literários, como o romance, podem comportar em seu interior cartas, diálogos, receitas, etc. Isso significa que, como ponderou Bakhtin (1997 [1979]), os gêneros textuais são realizações mais ou menos estáveis, mas isso não implica que sejam homogêneos. Na verdade, a maioria dos gêneros é híbrida, isto é, se compõe de vários gêneros. Ainda assim,

por sua natureza mesma, o gênero literário reflete as tendências mais estáveis, perenes da evolução da literatura. O gênero sempre conserva os elementos imorredouros da arcaica (sic). É verdade que nele essa arcaica (sic) se conserva graças à sua renovação, graças à sua atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em

cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. (...) É precisamente por isto que tem a capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento (BAKHTIN, [1979], 1997, p. 106).

Partindo de tais considerações, podemos afirmar que a crônica e a carta – gêneros que compõem o *corpus* do presente trabalho – incorporam outros gêneros recorrentes do cotidiano, como a conversa, por exemplo, sobretudo pelo fato de serem gêneros que têm como um de seus objetivos a aproximação com o leitor/interlocutor.

#### 4.2.1 A crônica

A origem da crônica no Brasil está intrinsecamente atrelada ao jornal, uma vez que é nas páginas deste que a mesma ganha espaço. É nos chamados **folhetins**<sup>21</sup> que esse gênero passa a ser publicado. De acordo com Bender e Laurito (1993),

[...] das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. [...] Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo (BENDER e LAURITO, 1993, p. 16)

Antônio Candido (1992) destaca o fato de que originalmente a crônica é fugaz, uma vez que o jornal – suporte em que é veiculada – caracteriza-se pela efemeridade<sup>22</sup>, já que, normalmente, é publicado diariamente. No entanto, ao passar para o livro, a crônica torna-se durável, conforme aponta o referido autor:

Ela [a crônica] não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório [...], a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (CANDIDO, 1992, p. 14-15).

<sup>21</sup> Os folhetins eram publicados nos rodapés dos jornais. Geralmente apresentavam capítulos de romances, havendo também os folhetins dedicados a assuntos diversos. É a partir destes que a crônica ganha visibilidade.

<sup>22</sup> Anísio Melhor, por ter consciência desse caráter efêmero dos jornais, chegou a publicar algumas de suas crônicas em um livro intitulado *Idéias e Emoções*. Entretanto, muitas continuaram dispersas em periódicos, o que confirma a relevância do resgate e edição das mesmas.

A crônica tem, por conseguinte, como uma de suas peculiaridades a ligação com o cotidiano, com as atividades e acontecimentos corriqueiros do dia a dia. A temática apresentada pela mesma está, portanto, ligada aos fatos passageiros da vida humana. Isso não significa que sua abordagem efêmera seja sem valor. Pelo contrário, por meio da escrita simples e, geralmente, coloquial, o cronista valoriza e eterniza – através do registro escrito – as interações humanas, as relações sociais, políticas e culturais. Jorge de Sá (1985), ao tratar da visão do cronista frente à realidade, afirma que

[...] a vida diária se torna mais digna de ser vivida quando a convivência com outras pessoas nos leva a olhar para fora de nós mesmos, descobrindo a beleza do outro, ainda que expressa de forma simplória, quase ingênua, mas sempre numa dimensão que ultrapassa os limites do egocentrismo. Assim, quando o cronista fala de si mesmo [...] é a *vida* que está sendo focalizada por uma câmara disposta a alcançar um amplo raio de ação (SÁ 1985, p. 22, grifo do autor).

Nesta mesma direção, Candido (1992), ao abordar sobre os gêneros literários, afirma que há evidências de que muitos deles costumam, de certa maneira, utilizar uma linguagem que disfarça a realidade vivida. O que não ocorre com a crônica, uma vez que, por meio do uso coloquial da linguagem, procura se aproximar da vida tal como ela é. Sendo assim,

[...] por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

É, portanto, o "ar de fala comum", os assuntos próximos da vivência diária, que fazem com que a crônica interaja de perto com o povo e fale aos seus sentimentos. Assim se apresentam as crônicas de Anísio Melhor: tratando de assuntos costumeiros da cidade de Nazaré – BA, como nascimentos e falecimentos; de acontecimentos significativos no cenário baiano, nacional ou mundial; das belas paisagens das praias do Recôncavo; da simplicidade do povo da roça, de sentimentos comuns na sociedade, como o amor, a solidão e a inveja, por exemplo.

#### 4.2.2 A carta

Ao tratarmos do gênero carta (ou epístola), faz-se necessário chamarmos a atenção para a flexibilidade que os gêneros apresentam. Isso significa que a estrutura de uma carta pode variar, em menor ou maior escala, a depender de quem a escreva e de suas intenções. Sendo assim, pode figurar em seu cabeçalho o nome de quem escreve e a quem se destina, o local/data e a saudação, em seguida ser apresentado o corpo da carta (com a narrativa propriamente dita) e, por fim, o encerramento (ou despedida) (TRAVAGLIA, 2007).

Devemos destacar que a existência da carta remonta à Grécia antiga, onde tinha por objetivo não apenas relatar acontecimentos, mas, sobretudo, tratar de assuntos políticos e militares, podendo, inclusive, apresentar leis, ordens e códigos do Estado. No período medieval, eram utilizadas para estabelecer a comunicação entre um reino e outro, entre a igreja e o povo, grupos e/ou pessoas que moravam distantes. Normalmente era enviada por um mensageiro e lida em voz alta (BAZERMAN, 2005). Serviu, portanto, como meio de comunicação entre instituições e pessoas.

Outro fator preponderante a ser levando em conta é a variedade de gêneros epistolares (SILVA, 2002). Ou seja, a carta, atualmente vista como um gênero pessoal, desempenhou papéis distintos em diferentes épocas. Como destaca Silva (2002), as correspondências, antes de serem pessoais, atendiam a outros objetivos, muitas vezes, inclusive, ao entretenimento.

Uma das características centrais do gênero carta pessoal é o direcionamento a um interlocutor (real ou fictício), a quem se dirigem confissões, relatos ou mesmo conselhos. Através da escrita de uma carta o escritor externa sentimentos e desnuda seu eu àquele a quem escreve. É nesse sentido que Foucault (1983) afirma

Escrever é, portanto, 'se mostrar', se expor, fazer aparecer o seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário [...] e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. (FOUCAULT, [1983], 2014, p. 152)

É nessa perspectiva que as cartas de Anísio Melhor são escritas para Lúcia<sup>23</sup>. No entanto, ao mesmo tempo em que ele se mostra para ela por meio da narrativa, ele solicita que sua interlocutora se permita ser vista e sentida através de uma resposta:

Lucia, manda-me um pouco da tua alma para que eu sinta melhor essa doçura de quadros emotivos, essa alegria do sol das praias e as caricias desse grande vagabundo – o vento do mar. (MELHOR, 1918, p. 02).

Depreendemos, portanto, que, numa carta, estão presentes não apenas informações ou relatos vividos, mas também sentimentos e, talvez, a própria essência de quem a escreve. Nessa direção, Foucault ([1983], 2014) afirma que se conhece melhor um escritor lendo suas correspondências do que lendo textos que, declaradamente, afirmem ser autobiográficos. Assim,

[...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias. (FOUCAULT, [1983], 2014 p. 153-154).

Além da característica de escrita de si presente em uma carta, devemos ressaltar que a mesma faz parte dos gêneros primários de que nos fala Bakhtin ([1979], 1997). Logo, a linguagem utilizada procura se aproximar do mais natural ou adequar-se àquela que sabe (ou imagina) ser a linguagem mais utilizada pelo interlocutor. Como gênero primário, a carta assume, na literatura, um papel significativo, uma vez que não apenas relata situações reais, como também pode ser ficcional. Em um caso ou em outro, encontramos nela muitas pistas sobre quem a escreve e sobre os acontecimentos e sentimentos nela retratados. Por conta disso, o estudo das cartas de Anísio Melhor resgatadas de *O Conservador* mostra-se como relevante, uma vez que, por meio delas, podemos ter acesso às descrições do ambiente do Recôncavo, às práticas praieiras por ele relatadas, aos costumes sociais da época em que foram escritas e, inclusive, aos seus sentimentos.

---

<sup>23</sup> Lúcia é uma interlocutora imaginária, a qual figura em várias cartas, contos e romances de Anísio Melhor.

### 4.3 EDIÇÃO INTERPRETATIVA DAS CRÔNICAS E DAS CARTAS DE ANÍSIO MELHOR

O trabalho de edição de textos exige que se tenha um conhecimento sobre os tipos de edição, bem como que se faça uma análise do *corpus* a fim de escolher a que seja mais adequada. Para tanto, deve-se levar em consideração os objetivos pretendidos e o público alvo almejado. Segundo Cambraia (2005, p. 91),

[...] a importância de se pensar no público-alvo está no fato de que dificilmente uma mesma edição é adequada para todo tipo de público, pois diferentes são os seus interesses. Assim, uma edição que reproduza particularidades gráficas de um texto quinhentista pode interessar a um linguista, mas não seria adequada a um público juvenil interessado especialmente no conteúdo do texto [...].

Dessa forma, não é possível determinar esta ou aquela edição como a melhor dentre todas: elege-se a que melhor atenda às exigências do texto a ser editado e às pretensões do editor.

Nessa acepção, destacamos as edições preconizadas pela Crítica Textual, quais sejam: a Fac-similar, a Diplomática, a Paleográfica ou Semidiplomática e a Interpretativa. Na primeira, reproduz-se fielmente o documento original, seja por meio de fotografia digital ou microfilmagem. Nesse tipo de edição preservam-se todos os dados extrínsecos e intrínsecos do texto e é assegurada a preservação do suporte, vez que não se tornará mais necessário manuseá-lo. De acordo com Cambraia (2005, p. 91), nessa edição o grau de mediação é zero e o acesso ao testemunho ocorre de forma “praticamente direta”.

A edição Diplomática, por sua vez, busca preservar todos os elementos presentes no texto original. Por conseguinte, o uso por especialistas é assegurado já que todos os caracteres são mantidos tais como aparecem no testemunho. O grau de mediação do editor é baixo, sendo mantidos aspectos textuais como: paragrafação, uso de maiúsculas, separação silábica e vocabular, abreviaturas, etc.

No que diz respeito à edição Paleográfica ou Semidiplomática, o grau de intervenção é considerado mediano, já que abreviaturas são desdobradas, por exemplo, a fim de tornar o texto mais acessível ao público não especialista. Pode-se, ainda, corrigir possíveis falhas que, porventura, tenham ocorrido no processo de cópia do texto (CAMBRAIA, 2005).

A edição Interpretativa tem um alto grau de mediação e procura corrigir falhas visíveis, atualizar a ortografia, fazer emendas, quando necessárias. Sua finalidade primordial é oferecer ao público não especializado um texto de leitura compreensível. As uniformizações

realizadas por este tipo de edição “[...] acabam por fixar apenas uma das leituras possíveis do testemunho, razão pela qual esse tipo recebe o nome de *interpretativa* [...]” (CAMBRAIA, 2005, p. 97, grifo do autor). Dessa forma, Duarte (1997) recomenda que essa edição seja adotada quando se tratar da “edição crítica de um texto de testemunho único” ou da edição “de um texto de testemunho único, ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público não diferenciado” (*apud* TEIXEIRA, 2014, p. 43).

O modelo de edição escolhido para o estabelecimento dos textos de Anísio Melhor foi a Interpretativa<sup>24</sup>, conforme a concebe Duarte (1997). Por se tratar de textos literários publicados apenas em periódicos do início do século XX, objetiva-se que tanto o público especialista quanto o público de modo geral tenham acesso aos textos. Assim sendo, são feitas atualizações ortográficas, correções de erros tipográficos óbvios, atualizações de pontuação.

#### 4.3.1 Normas editoriais

As crônicas e as cartas de Anísio Melhor resgatadas de *O Conservador* foram lidas interpretativamente assim como define Duarte (1997).

Na organização dos textos, dispomo-los cronologicamente, conforme data de sua veiculação no referido periódico.

O título de cada crônica ou carta é apresentado centralizado e em negrito, uniformizando a sua distribuição espacial no *layout* da folha.

As linhas são numeradas, de cinco em cinco, reiniciando-se a contagem a cada texto.

O seccionamento dos textos e a estruturação em parágrafos são mantidos conforme o original.

As opções tipográficas e o uso de caracteres especiais – como, por exemplo, *itálicos*, *reclames* – são conservados conforme o original, respeitando-se as peculiaridades do estilo do autor e dos gêneros textuais crônicas e/ou cartas.

---

<sup>24</sup> Esse modelo editorial é o mesmo adotado pelo projeto de pesquisa intitulado *Edição e estudo de textos literários e não-literários publicados em periódicos baianos*, coordenado pela professora Maria da Conceição Reis Teixeira, na Universidade do Estado da Bahia, do qual participei como bolsista de iniciação científica, no período de 01/08/2011 a 02/07/2012.

A grafia<sup>25</sup> das palavras foi atualizada em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. As atualizações consistiram em:

- a) Emendar a acentuação de acordo com a norma ortográfica vigente, já referida. Nos casos em que palavras hoje não mais acentuadas são apresentadas com acento, retiramos os mesmos – amôr > amor; dôr > dor; primavéra > primavera; corôa > coroa.
- b) Simplificar todos os casos de consoantes duplas em nomes comuns – aquelle > aquele; ella > ela; approximava > aproximava; officio > ofício; chammas > chammas.

Entretanto, conservamos a grafia conforme original nas seguintes situações:

- a) as letras maiúsculas em início de palavras, a fim de destacá-las ou personificá-las – como, por exemplo: Destino; Amor; Natureza; Ódio etc.;
- b) a fala característica de determinados personagens, como, por exemplo, sertanejas;
- c) os antropônimos.

Conservar o uso do apóstrofo nas palavras: minh'alma, d'água, d'Ele.

Grafar os estrangeirismos em itálico mesmo que assim não se apresentem no original.

Desdobrar as abreviaturas, colocando-as em negrito e itálico.

Manter a pontuação conforme o original, exceto em casos que prejudiquem a leitura. Nesses casos, os acréscimos são indicados por colchetes [ ].

As rasuras, falhas, rasgões e acréscimos são indicados através dos seguintes operadores:

[ ] acréscimo

[...] omissão por rasura, falhas ou qualquer outro dano no suporte.

---

<sup>25</sup> A ortografia do século XIX até meados do século XX apresenta uma grande variedade quanto aos usos de consoantes. Surgem, portanto, muitas complicações de ordem gráfica (Cf. QUEIROZ, 2006). Por conta disso, encontramos nos textos de Anísio Melhor muitas ocorrências de consoantes duplas, assim como o uso de **h** no início de algumas palavras (hontem, por exemplo), como também consoantes do grupo **ph, ct, ch, çç (phantasia, fructo, orchestra, Christo, predilecção, acção, etc)**. Outro caso comum é a variação de natureza grafo-fonética, em que o /o/ é utilizado em lugar do /u/, /e/ em lugar do /i/, como em páo (pau), ferio (feriu), sociaes (sociais), creanças (crianças). Além disso, verificamos ocorrências de outras variações referentes ao uso do /s/ e do /z/ (civilização), à substituição do /i/ por /y/ (olympo). Em todos esses casos atualizamos a grafia. No entanto, as atualizações não estão indicadas no texto, uma vez que optamos por apresentar uma edição sem o acréscimo do que lhe é muito particular, o aparato crítico. Os fac-símiles estão disponíveis em anexo, de modo que o leitor especialista, se assim o deseje, pode consultar e realizar sua leitura.

**Quadro 2:** Catalogação das obras de Anísio Melhor resgatadas do *O Conservador*.

<b>CATALOGAÇÃO DAS OBRAS</b>			
<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>COLUNA/PÁGINA</b>
05/05/1912	Eternidade	Conto	3ª e 4ª colunas; p. 3
09/06/1912	Modernismo	Conto	1ª e 2ª colunas; p. 3
21/07/1912	Vilancetes	Poema	3ª coluna; p. 2
21/07/1912	À beira da morte	Conto	1ª e 2ª colunas p. 3
08/09/1912	Amor que vence	Conto	2ª e 3ª colunas; p. 3
13/05/1917	Na troça XXI <sup>26</sup>	Soneto	2ª coluna; p. 2
07/06/1917	Na troça XXIII	Poema	5ª coluna; p. 1
07/06/1917	Estrias	Crônica	6ª coluna; p. 1
07/06/1917	Maria Cabocla	Novela	Rodapé da p. 2 e da p. 3.
17/06/1917	O messias do naturismo	Crônica	4ª, 5ª e 6ª colunas; p. 1
17/06/1917	Na troça XXIV	Soneto	3ª coluna; p. 2
17/06/1917	Estrias - História dos "dois corações"	Conto	4ª e 5ª colunas; p. 2
01/07/1917	A mãe dos desamparados	Crônica	5ª e 6ª colunas; p. 1
15/07/1917	O elogio do burro	Crônica	4ª e 5ª colunas; p. 1
22/07/1917	A carta anônima	Crônica	6ª coluna; p. 1
29/07/1917	Anésia Cauassú	Crônica	3ª e 4ª colunas; p. 2
09/09/1917	Evangelho pagão	Crítica literária	3ª coluna; p. 1 e 3ª coluna; p. 2
09/09/1917	A origem das ruas	Crônica	5ª e 6ª colunas; p. 2
07/10/1917	Passional	Conto	6ª coluna; p. 1 e 1ª coluna; p. 2
05/11/1917	História de um beijo	Poema	4ª e 5ª colunas; p. 2
28/11/1917	À mocidade nazarena	Pedido	1ª coluna; p. 2

<sup>26</sup> Na série de textos intitulados *Na Troça* Anísio Melhor utiliza o pseudônimo Zé Pangolin. Apenas na publicação de 24/12/1918 assina por Amelho, assinatura presente em outras coleções de textos de sua autoria.

28/11/1917	No topo da montanha	Poema	3ª e 4ª colunas; p. 2
25/12/1917	Natal! Natal!	Crônica	1ª, 2ª e 3ª colunas; p. 1
02/01/1918	Balada	Balada	3ª coluna; p. 2
20/01/1918	Cartas à Lúcia	Carta	4ª e 5ª colunas; p. 2
20/01/1918	Na troça XXIV	Soneto	3ª coluna; p. 2
29/01/1918	Cartas à Lúcia II	Carta	1ª e 2ª colunas; p. 1
10/02/1918	Cartas à Lúcia III	Carta	4ª e 5ª colunas; p. 1
17/02/1918	O culto da sinceridade	Crônica	3ª e 4ª colunas; p. 1
17/02/1918	Cartas à Lúcia IV	Carta	3ª e 4ª colunas; p. 2
24/02/1918	Cartas à Lúcia V	Carta	3ª e 4ª colunas; p. 2
02/03/1918	Cartas à Lúcia VI	Carta	6ª coluna; p. 1
10/03/1918	Mademoisele Vaidade	Crônica	5ª coluna; p. 1
24/03/1918	Na troça I <sup>27</sup>	Poema	5ª coluna; p. 1
24/03/1918	A marcha do ódio	Crônica	6ª coluna; p. 1
31/03/1918	Na troça II	Poema	5ª coluna; p. 1
31/03/1918	História do outro tempo	Conto	6ª coluna; p. 1
03/04/1918	O poeta republicano	Crítica literária	3ª coluna; p. 1
03/04/1918	Na troça XXVII <sup>28</sup>	Soneto	4ª coluna; p. 1
12/04/1918	Na troça XXVIII	Poema	3ª coluna; p. 1
12/04/1918	A cadeira misteriosa	Conto	4ª e 5ª colunas; p. 1
28/04/1918	Na troça XXIX	Poema	4ª coluna; p. 1
05/05/1918	Na troça XXX	Poema	1ª coluna; p.2
05/05/1918	Assassino	Conto	4ª coluna; p. 2
12/05/1918	Na troça XXXI	Poema	5ª coluna; p. 1
21/07/1918	Livros e letras: um novo poeta	Crítica literária	3ª coluna; p. 2

<sup>27</sup> Nessa publicação recomeça a numerar os textos *Na troça*.

<sup>28</sup> Retorna à sequência de numeração.

04/08/1918	Prelúdio sentimental à ela	Crônica	6ª coluna; p. 1
06/09/1918	Versos a ela	Poema	2ª coluna; p. 2
10/11/1918	O homem da mão vermelha	Conto	6ª coluna; p. 1
24/12/1918	Na troça XXVIII <sup>29</sup>	Poema	2ª coluna; p. 1
24/12/1918	A rapariga que vomitou sangue	Conto	6ª coluna; p. 1
05/01/1919	Sua majestade o homem	Crônica	3ª coluna; p. 2
09/01/1919	Balada de D. Eleonora	Balada	4ª e 5ª colunas; p. 2
31/01/1919	Cartas à mademoiselle Diabo I	Carta	1ª e 2ª colunas; p. 1
16/02/1919	Cartas à mademoiselle Diabo II	Carta	6ª coluna, p. 1 e 1ª coluna, p. 2
23/02/1919	Uma santa velhice	Crônica	5ª e 6ª colunas; p. 1
23/03/1919	Sob a figueira de Judas	Crônica	1ª e 2ª colunas; p. 1
06/04/1919	Maria Clara	Conto	6ª coluna; p. 1 e 1ª coluna; p. 2
14/04/1919	Almas enfermas	Novela (capítulo)	Rodapé; p. 02
21/05/1919	Almas enfermas	Novela (capítulo)	Rodapé; p. 02
01/06/1919	Almas enfermas	Novela (capítulo)	Rodapé; p. 02
08/06/1919	As duas rosas de sangue	Conto	6ª coluna; p. 1
08/06/1919	Almas enfermas	Novela (capítulo)	Rodapé; p. 02
15/06/1919	Cinco minutos de Mefistófeles	Crônica	3ª coluna; p. 1
27/06/1919	Um drama de paixão e de sangue	Conto	5ª e 6ª colunas; p. 1
03/08/1919	Sob a atração do abismo	Crônica	6ª coluna; p. 1 e 1ª coluna; p. 2
31/08/1919	À hora dos espíritos	Conto	6ª coluna; p. 1
07/09/1919	Um casamento na roça	Crônica	5ª e 6ª colunas; p. 1; 4ª, 5ª e 6ª colunas; p. 2
05/10/1919	O vestido de crepe	Conto	6ª coluna; p. 1
05/10/1919	Luz e sombra	Poema	Rodapé; p. 2

<sup>29</sup> Repete a numeração e assina o texto como Amelho.

12/10/1919	Impressões de arte	Crítica literária	5ª e 6ª colunas p. 1 e 1ª coluna p. 2
12/10/1919	Versos esquisitos	Poema	3ª e 4ª colunas; p. 2
19/10/1919	À sombra da árvore do tempo	Conto	6ª coluna; p. 1 e 1ª coluna; p. 2
26/10/1919	Canções sem metro II	Poema	4ª coluna; p. 1
26/10/1919	O drama da Rua Nova	Conto	3ª e 4ª colunas; p. 2
09/11/1919	Na troça	Poema	5ª coluna; p. 1
22/11/1919	É preciso perdoar	Crônica	3ª coluna; p. 1
22/11/1919	Na troça	Poema	4ª coluna; p. 1
22/11/1919	Canções sem metro V	Poema	2ª coluna; p. 2
08/12/1919	Ana Verônica	Conto	6ª coluna; p. 1 e 1ª coluna; p. 2
14/12/1919	A história da rainha santa	Conto	3ª coluna p. 1
19/12/1919	Canções sem metro VII	Poema	3ª coluna; p. 2
15/02/1920	Pell Mell	Conto	6ª coluna; p. 1
29/02/1920	A triste serenata	Crônica	6ª coluna; p. 1
14/03/1920	Nazaré e o dia 15 de março	Reminiscências	4ª e 5ª colunas; p. 1
22/03/1920	Na beira da praia	Conto	3ª e 4ª colunas; p. 1
11/04/1920	O beija-pé	Conto	6ª coluna; p. 1 e 1ª coluna; p. 2
18/04/1920	Sinhazinha	Conto	5ª e 6ª colunas; p. 2
05/05/1920	Caminha	Soneto	Rodapé; p. 1
05/05/1920	Lenda da Yara	Lenda	6ª coluna; p. 2
16/05/1920	Acende a tua lâmpada	Crônica	6ª coluna; p. 1
16/05/1920	Olhos azuis	Poema	6ª coluna; p. 2
30/05/1920	História de doido	Conto	3ª e 4ª colunas; p. 2
14/06/1920	Passional <sup>30</sup>	Conto	5ª e 6ª colunas; p. 2
14/06/1920	Na estrada	Soneto	Rodapé; p. 2

<sup>30</sup> Republicação. Já havia sido publicado em 07/10/1917.

11/07/1920	A aldeia de Santo Antônio dos caboclos, a seis quilômetros de Nazaré	Monografia (capítulo)	2ª e 3ª colunas; p. 1 e 2ª e 3ª colunas; p. 2
12/09/1920	Ele e ela	Conto	6ª coluna; p. 1
19/09/1920	Os teus olhos	Crônica	3ª coluna; p. 1
03/10/1920	Minha luz!	Crônica	6ª coluna; p. 1
14/10/1920	Duas cartas	Conto	6ª coluna; p.1
17/10/1920	Rosas	Crônica	3ª coluna; p. 2
31/10/1920	Uma carta	Conto	6ª coluna; p.1
12/12/1920	Baladilha à ela	Poema	6ª coluna; p.1
25/12/1920	Coração de mãe	Conto	2ª e 3ª colunas; p. 2
07/01/1921	Vivina	Conto	2ª coluna; p. 2
16/01/1921	Fúlvia	Conto	6ª coluna; p. 1
16/01/1921	Acusação	Poema	Rodapé; p. 2
23/01/1921	O que eu disse a ela	Crônica	6ª coluna; p. 2
20/02/1921	O Catulo das parias	Crônica	2ª coluna; p. 2
27/02/1921	A nova cruz de Cristo	Crônica	3ª coluna; p. 2
05/05/1921	As mulheres resistem	Conto	6ª coluna; p. 1 e 3ª coluna; p. 2

#### 4.4 LEITURA INTERPRETATIVA

### ESTRIAS

Ontem a vi na missa. Com os braços apoiados na travessa superior da cadeirinha, o terço todo feito de contas de madrepérolas preso a uma das mãos, ela  
05 tinha o olhar cravado na imagem piedosa e serena da Virgem.

Dentro dos olhos havia o brilho quente de uma lágrima. O gradil da nave

escondia-lhe um pouco o rostinho moreno e ela, entregue àquela prece de pensamento e de olhos, não via que longe, bem longe, no fundo largo do templo, eu tinha os olhos para ela, preso à sua imagem, cismando naquela piedosa prece que o seu olhar e o seu  
 10 pensamento faziam à Virgem, nesse perfumado mês de maio, mês de crisântemos e de rosas rubras.

A sineta tintilou. A orquestra momentos depois entoou uma Ave Maria. Eu insensivelmente de joelhos, os olhos presos àquele perfil esguio de S. Cecília, murmurei baixinho, quando em volutas o incenso invadia tudo:

15 Ave Maria!

### O MESSIAS DO NATURISMO

O messias do Naturismo?

Sim. Eliezer kaminetzky. A cida[d]e hospedou faze[m] poucos dias, ess[e] Messias da vida simples e de [u]m [id]eal forte, de beleza ra[di]ante. U[m] [a]póstolo  
 05 do vegetarianism[o] [...]cado do espírito santo da Natureza que o impeliu a pregar desde as cidades cultas aos mais escusos rincões do planeta a volta da humanidade à vida cândida e simples do campo[.] É um missionário. É um atordoado da civilização. Tem revoltas íntimas e palavras doces para os que o escutam. Combate os vapores do álcool com o oxigênio das matas; combate o fumo dos cigarros com a névoa das  
 10 montanhas; o tinir das moedas no mármore das bancas do jogo com o trinado cheio de sol da garganta dos pássaros. É uma tonteira? – Já disseram isso do Cristo – e a sua palavra ficou; e os seus ensinamentos vincularam no espírito das multidões, embora torcida a sua forma, empanada a sua verdade, escondida a beleza ampla e sadia do Amor que ele ensinava pelo aviltamento asqueroso da ambição, pela sombra satânica  
 15 do Ódio, nessa luta leonina de irmãos com irmãos.

O ideal do Cristo é hoje uma claridade tão vaga, que ilumina apenas um grupo de almas privilegiadas. Eliezer sem mostrar predileção por nenhuma seita é uma delas. – Porque aconselha a prática do Bem; porque defende a vida dos animais; porque prega a igualdade dos povos como Kropotkine, a união dos seres como Rousseau; o  
 20 amor à Verdade como o próprio Jesus.

Atraí-o à minha casa; sentei-o à minha mesa. Aproximei-me do seu coração; comungamos juntos o pão da fraternidade espiritual, trocamos a alegria santa das nossas ideias, como se fôssemos da mesma família. Porque os artistas são irmãos, e Eliezer é um artista deslumbrado da Natureza; um pintor de imaginação; um poeta de sonhos, da Harmonia e da Beleza.

Sós, longe do bulício da cidade, cercados pela natureza, nessa habitação que é minha e dos meus livros, nós nos ficávamos à beira da mesa, a ler Ruskin, a falar de Gorki e Chaliapine, a refletir olhando a beleza das cópias de Raphael, de Leonardo, de outros deuses do [s]agrado olimpo das Artes.

E os olhos de Eliezer cerravam-se nessa transfiguração sem esforço do Cristo, deslumbrado, vivendo para a imaginação, para o sonho de acordado, tal como eu às vezes fico, debaixo do luar, revivendo na alma o quadro de minha infância e a luz de uns olhos que se abriram para a noite da Morte, que se fecharam para a vitória momentânea da Vida.

Eliezer lera aquele homem da ilha de Samos de que nos fala Ovídio e que dizia: 'deixai de vos servir de manjares abomináveis; dão-vos os campos searas abundantes; para vós vergam de frutos as árvores com os mais belos pomos'.

Ou então *Meva*, aquele Jesus de túnica e sandália, e grosso bordão que percorreu a Europa doutrinando, com a estranha limpidez das suas ideias e a sua fé nova e ardente o resurgir da vida dentro da Natureza.

*Meva* dizia como Eliezer: eu não anuncio ao mundo o triunfo de nenhum espírito celeste. O Deus único que ilumina os meus passos e em nome do qual eu venho é a mãe de todos os homens – é a Natureza. Temos que voltar ao campo. Os templos da minha religião não se fazem com pedra. Fazem-se com algo mais emocional, mais belo, mais vivente. Fazem-se com árvores e se chamam – bosques [.] Os homens para serem felizes, para beberem na vida o doce trago que os pode tornar ditosos, devem deixar para sempre as cidades e correr para a terra virgem. Devem comer ervas e viver em santa paz com seus semelhantes, os animais.

Joseph Solomonson, ou antes, *Meva* e Eliezer são o mesmo em espírito diverso. E como os profetas muitas vezes, na idade dos tetrarcas se encontraram, eles também estiveram em Roma e se olharam irmãos de ideal, de preces e de cultos, sob o sol glorioso da cidade dos césaes.

Eliezer tem encontrado no caminho da sua vida mais espinhos do que flores. E

tem vencido com a sua fé. Tem triunfado com a sua força. É um bom lavrador. Por  
 55 onde passa atira as sementes que são as suas ideias. Se o terreno é fértil elas rebentam  
 em searas fecundas; se estéril o vento passa e arrasta na sua impetuosidade os  
 grânulos sem vida.

Faz lembrar Sumé esse deus das lendas dos índios de meu País. Sumé  
 apareceu no Brasil pisando sobre as águas. Nunca encontrou empecilhos ao seu  
 60 caminho. Se faltava a terra firme ele pisava o espaço, andava sobre o mar; trilhava à  
 flor dos rios. Onde chegava atirava as sementes que trazia e atrás de si floresciam as  
 searas, reverdecia o arrozal, penduavam-se os milharais e a abundância chegava para a  
 vida das tribos, para a fome dos índios transviados, para a graça dos campos e a  
 luxúria pagã da Natureza. A fé é tudo na iniciativa e nas aspirações do homem.  
 65 Eliezer tem o espírito místico dos russos. E o misticismo é a âmbula da fé viva e  
 ardente. Eu bendigo os dias de vida simples que nós vivemos naquela casa cheia de  
 sol e de perfume de flores e frutos. E admiro, sobretudo, aquela bondade tolstoiana<sup>31</sup>  
 de Eliezer, revelada em todos os seus gestos, e a bondade e a calma. Para que a Ideia  
 triunfe é preciso a paciência da formiga.

### A MÃE DOS DESAMPARADOS

O cronista moderno já se não [p]reocupa tanto da individualidade [qu]e esboça  
 co[m]o das coisas que a r[o]deiam.

05 A figura que se entre[v]ista tem, [...] estudadas [...] às observações alheias,  
 es[con]de no coração virtudes meritóri[a]s ou tranca sôfrega dentro dele, contendo a  
 respiração, velhos ódios e maldades. Uma antiga poltrona, um livro ensebado, uma  
 taça, uma cigarreira falam às vezes mais do seu dono do que a própria figura dele, do  
 que as próprias palavras que lhe saiam no momento dos lábios. O que é preciso é  
 10 saber tocar a alma das coisas, é ter os olhos do espírito abertos para a compreensão  
 dos seres inanimados, é saber arrancar tudo do nada. É ser um pouco Deus e um  
 pouco Diabo; surpreender o irreal, analisar sonhos; vadear a profundidade do  
 pensamento e sondar o alcance da ideia. Saber como se deslocam os reptis e como

---

<sup>31</sup> Referência a Liev Tolstói (1828-1910), escritor e pacifista russo.

voam as águias. O que é preciso é isso.

15

\*\*

\*

O retrato de *dona* Bernarda dá-nos ideia do que ela foi. A moldura fala. Sente-se ali a boa disposição do artista a copiar os traços fisionômicos. Essa despreocupação das vaidades. Há fisionomias carregadas donde se irradiam luzes simpáticas. Como há retratamentos que importam numa imodéstia. E belezas feias... E simpatias que desagradam.

20

*Dona* Bernarda Caldas nasceu em 1776. 'Foi batizada em casa de *dona* Mônica, pelo padre Bento Ferreira de Carvalho a 13 de Setembro do mesmo ano, sendo seus padrinhos Manoel dos Santos Ribeiro e sua irmã *dona* Ignácia Joaquina.'

25

Casou-se primeira e segunda vez. Viveu para o lar e para a igreja, como as matronas da sua época. Adoeceu em 1871 e morreu em 1874.

Rezou em vida e rezou na hora da morte.

\*\*

\*

30

Só? Não, a sua fortuna fez o A[s]jilo dos Meninos Desvalidos. O seu p[en]samento subiu no correr da sua exist[ê]ncia a regiões mais claras, mais luminosas, ao rincão onde se escondeu a caridade quando fugiu da terra.

Das janelas do seu solar ela viu ruas sombrias, becos solitários e tristes, e dentro dessa melancol[ia]... crianças nuas, roendo ossos caídos de mesas, dormindo ao relento, enrolados no lençol do luar tiritando de frio.

35

Pensou em afastar do caminho da desgraça um punhado desses romeiros. Pensou em arrancar do banquete da miséria um pouco dessas flores que lhe enfeitam a mesa. Pensou. E falou ao esposo, gravou a sua ideia nas palavras do seu testamento. E morreu com essa indiferença prazenteira dos pássaros. Os seus olhos cerraram-se como quem vê muita luz ou como quem quer gravar dentro da retina todas as cores de um belo acaso.

40

Nenhuma mulher nesta terra tem mais direito às bênçãos das mães e à ternura de expressões ao se lhe declinar o nome. Eu mesmo que escrevo estas linhas, escrevo comovido, como amo como ninguém as criancinhas vagabundas, esses pedaços de tristeza que andam enfeitando a claridade das ruas com a melancolia de olhares que gemem e de bocas que não tiveram beijos.

45

## O ELOGIO DO BURRO

Há motivos que fazem rir sem o emprego da graça. Como há gentilezas que incomodam. [S]er burro é [ter] a inconsciência das cr[ian]ças e a [in]diferença natural e espontân[e]a do sol.

A inteligência é um mal. É com[o] certa flor da Índia, que irradia a beleza do rubro, amostra a seda das pétalas, é como uma taça cavada num rubi faiscante e tem veneno que mata; embriaga e enlouquece.

O talento [in]tensifica os músculos da ideia. Dá calor e vida; arrasta à febre de grandes expansões; levanta e abate; faz águias e abutres; dá asas e paixão; faz descer e subir, porque a paixão é luz e é lama. Ilumina e emporcalha. A estupidez mede a vida do homem; tira-lhe a impulsividade. Fá-lo dizer pouco e olhar bastante. Produz pouco e engana muito. É como o fruto fechado que se não conhece se há doçura ou azedume. A aspiração que é uma tática e é o lado moral do egoísmo, é o mal que mais persegue a inteligência.

O burro não tem aspiração. Mede o terreno que pode vencer. E quando tem um grande desejo de mover-se é para recuar. Recuar é voltar para o ponto de onde se veio. E isso agrada sempre porque na velhice se quer voltar à juventude; na juventude à infância. O que é a ideia? – a semente do espírito? – a tortura do pensamento? a irradiação da luz misteriosa do cérebro? Tudo isso? Nada disso? Se é tortura – dói; se é irradiação de luz – maltrata a retina do olhar. E a dor só é bela no irreal, na elegância dos períodos e na fantasia dos versos. Jesus Cristo que é o emblema e o símbolo da Dor, no momento em que ela mais se intensificava Ele lamentou o abandono do pai. Fúria, no drama de Ibsen, acostumada à luz da lâmpada muitas vezes santa, quando o sacrilégio partiu aquele vaso que alimentava a fé nos Deuses, ela cerrou os olhos apavorada. Mais da transmutação da luz em treva que do terror da espantosa ofensa.

É o perigo das quedas, mesmo as do olhar. Ter talento é subir. Ser burro é descer. Quando o olhar sobe de mais cansa. E descendo parece que refresca, porque descansa da altura, desdobra-se com mais simpatia, tem a volúpia da humildade.

Ser burro é ser humilde; ter talento é ser arrogante, pretensioso, porque o talento ao homem é como a asa ao pássaro: quanto maior o espalmado da pluma maior a força do voo. A águia que voa é uma nuvem que rola; a andorinha que passa é uma flecha escura que fere o ar.

\*

35

\*\*

Desde a antiguidade o burro tem sido o irracional mais motejado pelo ser humano. No Egito, o burro era a figura de Typhon, o deus do mal. La Fontaine fez do burro o símbolo da estupidez; Burridan a figura da indecisão... Lachambaudie o característico do ridículo. O rei Midas preferindo Pan a Apollo foi castigado por esse deus do parnaso com uma orelha de burro. Em todos os tempos o burro tem sido motejado. Motejado e defendido também. Buffon e Cherville, Erasmo e Emile-Yang levantaram bastante a figura simpática do burro. Dechamps e Goia, Girardet e Gavarn[i] ocuparam-se do burro nas suas melhores telas e caricaturas. O burro é a paciência, é mais do que a paciência, [é] a resignação. Já figurou nos jogos Olímpicos da Grécia; nas armas de cidades; levou Saul ao trono de Israel, levou lenha para o sacrifício de Isaac; esteve na gruta de Belém e levou Jesus fora do Egito. O burro trota reparando a paisagem. É um impressionado do campo e nele corre uma criança, porque só os humildes têm a alegria pelas pequenas coisas. Os humildes e as crianças.

Ramalho Ortigão diz que os burros se entregam a cismas e reflexões, trotando pela estrada. É a revolta surda de serem a maior figura do trabalho e os maiores esquecidos da recompensa. O homem não vê[,] muitas vezes[,] o perigo de um barranco, a maldade traiçoeira de um abismo. Os outros animais precipitam-se arrastando o homem. O burro não: desconfia de longe e tem a prudência das cobras. O descuidado cai; o advertido sabe recuar. O descuido é propriedade do inteligente, porque tem a desculpa de saber. O que no talentoso é originalidade, é nevrose, no burro é ignorância e criação má.

Certa vez um rapazinho contratara levar dez burros para a feira[,] Montara em um e, sem incluir esse que o conduzia, contou os outros. Tinha nove. Coçou a cabeça irado. Bateu o campo todo, feriu-se nos espinhos da mata. Juntou de novo o lote, contou, tinha nove. Voltou três léguas atrás, até a fazenda. Lá apeando foi que acertou a conta. O burro em que ele ia montado, coberto de pó, ferido, suarento franzia o beijo inferior, numa expressão de escárnio.

Um poeta humorista, certa vez desenganado por um grupo de médicos[,] resolveu tomar leite de burra. Tomou e ficou curado. Escreveu essa interessante quadra:

65

‘Com leite de burra pude

Fugir à morte assassina  
 Mais devo[,] pois[,] a saúde  
 Aos burros que à Medicina’.

## A CARTA ANÔNIMA

05 Lá fora um jovem intelectual matou-se. Um momento de desespero, uma carta anônima apagou-lhe a vaidade de viver.

O anonimato não deprime, levanta; não ataca, defende; não mancha, purifica.

Valer-se do anonimato é cuspir injúrias ao vento; é morder sem dentes; é como envenenar a água, só degrada a quem o faz. O anonimato é a espuma da covardia.

10 Matar-se por ser atacado pelo anônimo é julgar-se muito fraco, muito desiludido, é não ter a mocidade dos músculos, é não ter a sensibilidade preparada para os grandes choques. Os grandes e os pequenos. Todo pai deve, antes de tudo preparar a alma dos filhos. Explicar-lhes a maldade humana antes do A B C. Ainda que não compreendam as crianças gravam. Explicar-lhes a filantropia ladra dos potentados, a caridade que tira o pão da boca do pobre, a gentileza que maltrata: todas  
 15 essas armadilhas que o homem inventou com o rótulo pomposo de sociedade. Sim. E dar-lhes a ler em vez do livro de orações o livro da sabedoria dos crimes. Nekens e De Quincey. Fazê-los desconfiados e receosos. Ensinar-lhes a altivez do Desprezo. Ele é tudo na vida do vivente. Bálsamo que suaviza; e licor que tonifica. O desprezo amacia o olhar; aplaca o desespero; combate a raiva. Não há para a ofensa que desce como o  
 20 desprezo que sobe.

Ele é como o antídoto que fecha os lábios de uma ferida. O desprezo é próprio dos grandes. Quando se olha com desprezo, parece que os pés levantam o corpo, porque vê-se bem pequena, desaparecida quase, a figura do que nos ofendem.

\*

25

\*\*

Eu não conheci esse moço. Mas estou aqui a vê-lo uma grande criança. Um simples, um bom. Lutando para ser honesto, escusando propostas fora do círculo da

30 honradez, fugindo dos cafés, dos centros de perversão, querendo alguma mulher muito  
 bela, muito arrogante, e pouco educada. Fazendo vigílias sobre os livros, sofrendo  
 esse desespero mofino dos fracos, erguendo-se do leito com os olhos arroxeados e a  
 cabeça em tonturas... E um dia cansado de sofrer, ver subir do coração aos olhos, à  
 boca, ao pensamento, à alma, uma onda de raiva impetuosa, forte, rude – aquela carta  
 anônima.

35 Dissolver um veneno qualquer e, numa noite feliz, bebê-lo, depois de ter  
 rezado de mãos postas e cérebro ardente, por alguém, mãe ou irmã, um desses seres  
 brandos como aves, santos como o pão das hóstias.

\*

\*\*

40 A desgraça ensina melancolias à alma. O boi chora quando se sente tolhido de  
 defender-se. A alma dos homens é como as almas dos bois. Tudo o que sente tem  
 alma. Ter alma é sentir.

O que os olhos exprimem não são lágrimas é o cerne da alma em desespero.  
 Todos nós temos um horto dentro da sensibilidade. E toda a alma tem transfigurações  
 de Cristo e maldades de Judas. Há lenhos que se podem empregar em cruces e há  
 45 figueiras que se podem prestar para forcas.

Tudo dentro de nós, bem dentro de nós.

### ANÉSIA CAUASSÚ

05 A experiência humana só amostra dois rumos para se vencer a vida: a astúcia e  
 a força. A astúcia que é a arte de vencer a força; e a força que é o direito de triunfar da  
 astúcia. Uma se assenta no arдил; outra se ampara na verdade. A força tem a liberdade  
 e a fereza do sol; a astúcia tem a harmonia e o calor agradável da luz artificial. E  
 chegam ambas ao mesmo fim, que é auxiliar a humanidade a tatear esse charco de  
 misérias que é o mundo. A força tem loucuras divinas; a astúcia tem suti[lezas]  
 infernais. E desejos de serpent[e]; e ambições de sap[o]. Para auxiliar a astúcia veio a  
 10 inteligência; para auxiliar [a] força veio a coragem. A coragem que é o espelho [em]  
 que se reflete a beleza mas[culi]na da força, é como se a alma de Bevenuto Celini

desse movimento e vida à figura de Hércules. A alma da força é a coragem, a coragem franca, bela como o desespero, viril como o olhar dos profetas, resistente como a adaga de Átila.

15



20

Um dos mais belos exemplares da coragem nos vem agora notícia de Jequié. É essa figura horrendamente bela de Anésia Cauassú. É a Joanna d’Arc dos sertões, inspirada pelo deus das selvas, lutando pela vitória da força. Anésia Cauassú é o símbolo da altivez do bandoleiro sertanista. A sua história? Escutemo-la dos seus próprios lábios. Anésia é o pivô em cujo círculo de ação giram os últimos acontecimentos da cidade baiana. Ouçamo-la.

25

'A nossa família não é de ladrões. Somos como as árvores grandes das matas, como os veados das catingas, queremos que não nos roubem o sol, o ar, a ação de viver em liberdade plena. A alma do sertanejo é como o vento. Não quer prisões nem detenções. Não quer restrições nem limites. O bandoleiro não faz emboscadas, não fere à traição, não caminha apalpando. Pisa seguro; fere frente à frente, manda que se prepararem para morrer. É a lei da força. É o breve da coragem. O nosso valor vem da nossa [...] Matar e morrer. – são [duas] [cois]as diferentes[,] mas são iguais na balança do destino da gente. Os *cauassús* têm sido a garantia de Jequié. Na nossa fazenda somos todos uns. Mulheres e homens, ninguém há que não saiba manejar a *repetição*, a manulicher, a comblain... Mulheres e homens. Casei-me, meu marido sofreu o dissabor da prisão aí na cidade. Eu o vi na barra do tribunal insultado e de cabeça baixa. Hoje já não é ele quem briga, sou eu. As suas calças estão aqui nestas saias. Na nossa família somos todos uns. Todos manejam a *repetição*. Homens mulheres.

35

Somos odiados; o ódio é bom porque dá mais força e a força mais coragem'.



40

Efetivamente Anésia Cauassú, tem sido a figura mais alta, mais bela desse acontecimento que tem estremecido e quebrado a tranquilidade de Jequié. De uma feita o bando atacou Silvino do Curral Novo. A Anésia teve pena de Silvino, montou num cavalo e partiu para aquele local, hoje destruído quase pela enchente do Rio de Contas. Foi levantando a perna do alção da sela e gritando *não morreu, não morre mais; chegou Anésia Cauassú!*

45 E apaziguou tudo e livrou Silvino.

Ultimamente os *rabudos* mandaram dizer a Anésia que ela não *saltaria* fogo no *São* João, em Jequié (Saltar fogo é pular fogueira na noite de *São* João, costume muito agradável na gente do povo sertanejo).

50 Anésia foi ao juiz pedir garantias; o juiz explicou-lhe a atmosfera pesada de sobressaltos em que se sentia Jequié. Anésia mandou buscar dois camaradas no bando dos seus irmãos. Prendeu a ponta da saia no cós, na cintura, e, bela, iluminada pelas labaredas das fogueiras, percorreu numa apoteose da sua força e da sua coragem as ruas todas da cidade baiana. Três dias depois ela, com apenas seis do bando, enfrentou uma coluna compacta dos *rabudos*. E gritava arrogante bela como o deus das batalhas:

55 *Atirem, atirem, se querem ouvir o ronco da repetição de Anésia Cauassú.*

Cauassú quer dizer mata fechada, mata brava na língua dos selvagens. Anésia é a braúna altaneira que se levanta flechando o ar, querendo a liberdade de viver sem entraves, sem limites.

\*

60

\*\*

Abençoada sejas, símbolo da liberdade e da força. Que Deus te proteja, que Proserpina te faça correr nas veias o fogo santo do inferno, que Apis, o divino Apis, dê aos teus músculos a beleza masculina da força. Amém.

## A ORIGEM DAS RUAS

### A Rua Barão Homem de Melo

05

A rua Barão Homem de Melo deu o que beber, o que comer, o que divertir e o que trabalhar ao povo.

10

As cidades são como certas mães de família que não distribuem a mesma educação por todos os filhos... As ruas são os filhos da cidade. Cada qual tem um destino diverso, conhecem regras diversas de civilidade; umas às vezes falam uma linguagem delicada, cerimoniosa das salas; outras a gíria do relaxo; umas sobem

animadas pelo progresso, outras se estacionam, se apequeninam, perdem a extensão dos seus prédios, entregam-se a outras mais novas e se transformam, muitas vezes, em vielas, em becos e os becos são a velhice e a tristeza das ruas.

15 As ruas se identificam com seus moradores; sofrem os doestos que eles sofrem; sentem a satisfação que eles sentem. As paredes das casas são a roupagem da rua.

É pela rua que nós sabemos a habitação em festas ou pesada de luto. Da rua se vê o crepe nas cimeiras da janela, que é o sinal da morte e da tristeza; e a cortina e a  
20 seda azul das fitas, que é um sinal de riso e de vida.

Ordinariamente quem dá nome a uma rua que começa é o povo. Registre embora, depois, a Municipalidade com um nome qualquer a nova via pública, o apelido que fica é sempre o que o povo deu.

Parece que há nisso além do orgulho de dar nome ao que é seu, porque as ruas  
25 são do povo, a solidariedade completa em manter o primitivo apelido.

O Conselho é a representação do povo, mas[,] não sei, o anônimo, nesses casos, tem mais força na camada a que eu tenho satisfação de pertencer.

### **Rua Barão Homem de Melo**

30 Apesar de ser o nome dessa rua uma homenagem muito justa ao estadista ilustre que, no governo da Província, trabalhou com grandes simpatias pelo progresso de Nazaré, a rua Barão Homem de Melo ainda hoje é conhecida pelo nome de *Rua da Fontinha de cima*.

Primitivamente em 1760, existiu um[a] fontinha, presume-se no local onde  
35 corre o grande cano receptor das águas que correm da linha de esgotos da rua do Comércio ou *Quitanda*. Em um testamento de Ignácio Cardoso Jardim, (figura de importância naquele tempo, porque em 1785 vê-se o seu nome num dos primeiros lugares das assinaturas de organizadores da irmandade de N. S. de Nazaré), encontrei na distribuição dos bens essa dádiva:

40 'Deixo a minha filha Felipa Maria uma casa que possuo ao costal do rio, acima do porto, no caminho que vai para uma *fontainha*'.

Mais tarde esse caminho se foi tornando edificado até que se formou uma pequena rua com o nome *Rua da Fontinha*. Em 18... uma pequena linha de casas do lado oposto deu ao começo da Rua da Fontinha um novo nome – *Rua dos Açougues*.

45 Daí em diante se foi alastrando a casaria. Pela guerra da independência já existia o  
 “*Beco da Quitéria*” dez ou doze casas, em cujo extremo fazia esquina a casa de uma  
 africana forra, de raça nagô, que teve a honra de dar nome ao mencionado beco, que  
 ainda hoje o conserva, num período quase de cem anos. Ao seguir do Beco da  
 50 Fontinha, chamando-se a essa nova via pública 'Rua Nova', composta de seis ou oito  
 moradas de cada lado e todas pertencentes ao negociante Machado. A rua da Fontinha  
 foi sempre a rua do movimento, do trânsito ininterrupto. Nela existiu o primeiro teatro  
 da cidade que se cognominou o *Bahú* e demorava na esquina hoje da Praça **doutor**  
 Seabra.

55 Era um edifício largo, espaçoso, com acomodações vastas e de bela estrutura  
 interna. Mais tarde, na mesma rua levantou-se outro teatro para um grupo de  
 amadores, no local onde está situada a 'Pensão Alexandre', ficando aquele largo, ao  
 lado do edifício com o nome do *Largo do Teatrinho Novo*. Esse teatro foi batizado  
 pelo povo com o nome de '*Canastra*'.

60 O Barão de Taytinga quando presidente da Câmara conseguiu adquirir a parte  
 de terra em que está situado hoje o Matadouro Público, retirando-o do local onde se  
 acha a Estação da Estrada de Ferro. O matadouro era também[,] como se vê, na  
 Fontinha.

A Rua da Fontinha foi sempre de grande movimento. Deu o que comer o que  
 65 beber, o que divertir e o que fazer ao povo. Teve fonte, Matadouro, teatro e Estação de  
 Ferro.

É hoje, embora estreita, uma artéria de bons prédios, fortes e em grande parte  
 elegantes.

## NATAL! NATAL!

A igreja católica rememora nesse dia o nascimento do maior Homem no  
 sofrimento e na justiça – o nascimento de Jesus Cristo.

05 De um extremo a outro do mundo civilizado, o pensamento humano se  
 levanta, abr[e]-se uma clareira nessa rude selva de ideias que é o nosso cérebro, para

que a alma torturada e desiludida procure ainda de rincão em rincão, no [â]mago desse horto, a fonte da Verdade e da Justiça. Não há quadra que mais comova o coração do homem que sofre do que essa estação de alegria, de sinos tintinabulando, de heras floridas e de perfumes vivos, gritando. A alegria é o espelho da Dor, como o sofrimento é o amanhã da bem-aventurança. Nem se pode crer que haja noite sem aurora, desvanecimento sem esperança, cegueira sem uma leve promessa de luz. Não se pode crer, porque a noite se cansa de ser negra; o desvanecimento lastima-se de ser imutável, e a cegueira, que é o campo fecundo da treva, acha um dia razão de florescer em luz.

Bendita a humildade em que nasceu esse Deus, das gerações cristãs! Ser humilde é comungar esse pão fraternal de uma fé nova, é aparecer homem no meio dos homens, é ser um combatente dessa guerra surda que há séculos se prepara no coração do povo, pelo princípio absoluto da igualdade. E foi a fé a maior lei na qual Jesus mandou que se fizesse reparo. Ela conduz dentro de si a mentira do presente e a verdade do futuro; acorda entusiasmos extintos, lembra vitórias esquecidas, aguça o instinto, reforça a tibieza, abre-se em luz no alcance derradeiro da nossa vista, faz o nosso rumo, porque ela é a estrela grande que encaminha dentro de nós esses três magos da fortuna: O desejo, a Ambição e a Felicidade. Anunciam-se de ano a ano. O primeiro bate a porta do nosso coração e entra; o segundo para em meio da estrada e retrocede; o terceiro – a Felicidade – um mouro rude e bravo, descreve ao longe no fundo da paisagem, a sua silhueta, e esmaia, anula-se, desaparece...

\*\*

\*

30 Natal!

Quanta alegria reina lá fora, nessa estação perfumada, que é, por si[,] um salmo da natureza ao nascer do maior sofredor do mundo!

Cantam sinos, sinos de pequenina igreja que vibram notas alegres na imensidão azul do ar. Espalham-se e se confundem perfumes de incenso, mirra, pitangas e alecrins silvestres.

Há um chilrear de crianças – aves das sombras – a encher de alegria a estrada.

De um extremo a outro do mundo civilizado, o pensamento humano se levanta, abre-se uma clareira nessa rude selva de ideias que é o nosso cérebro, para que a alma torturada e desiludida procure ainda, de rincão em rincão, no âmago desse

40 horto, a fonte da Verdade e da Justiça.

Natal! Natal!

## CARTAS

### À LÚCIA

05

Lúcia – aqui estou a ver praias e águas verdes.

Paragens douradas de sol, coisas simples de praias e ribeiras, vestidas desse encanto natural e ingênuo de outras eras.

10 Mau grado a invasão dos veranistas – rapazes de túnicas leves, vestidos brancos de miss e chapéus de palha de trigo, a verem como crianças e a viverem vida francesa, eu vejo a “ilha intrépida” naquela santa rusticidade de antes de 23, com seu forte de amuradas negras, a sua capelinha de *São* Lourenço olhando o mar nervoso, enrijando as ondas e arremessando-se perto.

15 É bem a terra do 'Sargento Pedro', cheia de homens do mar, valentes e fortes, encarando o oceano como um amigo, um irmão mais velho que divide as suas riquezas com os outros, e que se zanga a cada passo.

Mercês, a interessante e graciosa apaixonada do 'Sargento' é ainda o tipo sincero e verdadeiro da ilha, de saias franzinas tocando no artelho, chinelinhas de couro e cabelo atado com simplicidade, enfeitando-se de rosas, frescas.

20 Tudo simples, Lúcia, simples, sem a tortura da moda, despótica e exigente. Sobretudo a paisagem. Não há no longe dos edifícios alterosos, zimbórios e agulhas ferindo a cinta azul do espaço. Tudo é gracioso e pequeno. – Chalés e choupanas, casitas brancas cobertas de telhas, mostrando-se ao longe, manchas esbranquiçada[s] do verde policromo dos arvoredos.

25 E de vez em quando uma vela, outra, mais outra a passar sacudida pelo vento, ora rumo à Bahia, ora direção a outros portos, dando a graça de umas asas brancas à largura sem fim do mar.

Um poeta aqui, Lúcia, um poeta de alma em luz, o olhar em saudades, um Mistral cheio de sonhos e de evocação o que não faria?!

30 Traçaria páginas doces, emotivas, como às de Theresinha, naquele livro de

ouro dos 'Destinos'.

Todas as tardes venho para o Porto contar os barquinhos e ler-lhes os nomes, todos de um seráfico misticismo, e de uma interessante rudeza de ortografia. É o 'Vai com Deus', o 'Estrela do mar', o 'Senhor do Bomfim'; às vezes[,] o mar fica pintado deles como se fosse o mar de estrelas.

Lúcia, manda-me um pouco da tua alma para que eu sinta melhor essa doçura de quadros emotivos, essa alegria do sol das praias e as carícias desse grande vagabundo – o vento do mar.

Praia de Itaparica.

## CARTAS À LÚCIA II

Praias de Itaparica

Lúcia – Esta é a cidade das belas paisagens. Um grande poeta das cores, artista e homem, retina e sensibilidade, arrancaria dessas praias para o enquadramento das telas assombrosos trechos da natureza, harmonias admiráveis de cores e deslumbramentos.

Imagine, Lúcia, que meu olhar se estende por águas azuis e praias alvadias. Sinto-me debaixo de um cair de tarde fresca e suave, vendo o sol a descer vermelho, brilhante. É o Petrônio da luz que abre as veias e morre para não ceder ao capricho da noite.

Tintas diferentes começam a ornar o céu. Fachas douradas, traços vermelhos, manchas louras passam, se apagam, se adensam, erguem-se em montanhas de ouro, escondem-se atrás do Baluarte, saem, de novo, para a confusão das tintas; até o espontar das estrelas e o nascer da lua.

Da Ponta das Baleias novo espetáculo ao cair da tarde. Águas trêmulas chamaloteando-se, discos anilados, traços em rugas, e, ao fundo, lá ao longe a Capital, – casarias em manchas vermelhas, pequeninas, à frente de sombras verdes de árvores grandes e arredondadas.

Crepúsculos doces, magoados, batidos em tintas de saudades. Telas de Van Dick, paisagens de Ruysdael, traços de poesia das marinhas holandesas, jogos de



55 apagasse. Devia ser perfumado aquele ornato feminino, – Um perfume suave à flores de laranjeiras de Andaluzia, à tulipas cultivadas em Nice. – Perfume que inspirasse versos líricos e despertasse beijos demorados e serenos.

Mão, elegante, de dedos helênicos, unhas polidas, mão de mulher bonita, devia ter sido a que se vestira com aquela luva que um bocado de sol acariciava.

60 Como fora parar ali o belo guante de fio da Escócia? Tangido num momento de raiva? Atirado n[u]m desespero de ciúme? Descalçados para que a mão bonita se oferecesse em beijos a alguma boca de moço elegante?

65 Não sabemos, Lúcia. Não é bom[,] nem se deve reconstruir cenas que podem trazer dissabores. Lembrar o abandono. Recordo-me de quando deixei de ver os teus olhos; de quando fiquei assim como esse pequeno ornato feminino, esquecido de ti[,] tendo como essa luva cinzenta um raio de sol a acariciar-me a alma: – esperança de tornar-te a ver-te[.]

A minha carta de hoje é bem que seja em torno dessa luva abandonada.

## CARTAS À LÚCIA III

Praias de Itaparica

05 Lúcia – Subo as ameias do forte. Vejo a maré a crescer em empolos, as ondas a morderem as pedras negras e sinto o vento a desfazer-me o cabelo. Percorro com a vista o quadrado da fortaleza abandonada. Espio pelas gretas dos mirantes, olho com pesar o esborcinamento e a velhice da Casa de Ordens, e o *São* Lourenço, o velho guerreiro de 23, aparece aos meus olhos um pobre mendigo a dormir extenuado, ao sol, e a sonhar as suas glórias e os brilhos de sua mocidade.

10

Procuro onde teria tremulado a bandeira mandada por Labatut. Estudo as posições, evoco aquela cena patriótica e, (admirável poder dos sentidos!), vejo a Ponta das Baleias a formigar de gente, o Padre João da Costa abençoando o novo pavilhão e a tropa alegre, ufana, perfilada, trazendo chapéus de palha, tendo a um lado da aba palmas e folhas verdes.

15

Visões da Independência: fogo sagrado do patriotismo a arder na pira dos

corações, vitória da alma em sanha de liberdade, graça e luz da alegria a subirem do coração aos olhos, para darem mocidade a todos os rostos.

Lúcia, o pensamento é um poder de magia que nos faz ver em certos instantes  
20 o que desejamos. Olho tudo nesse desdobramento, nessa viagem do espírito a que me abalanco.

– Soldados e voluntários; heróis e covardes; sentinelas perfiladas; artilheiros com as roupas besuntadas de pólvora; crianças prendendo com as mãos o chapéu que o vento quer roubar, e, no tope do mastro, saudando à Bahia, como um grande lenço  
25 que acenasse o azul – a minha bandeira, a tua bandeira, a bandeira de todos nós.

Debaixo da extensa sala da Casa de Ordens olho dois cárceres negros e úmidos[.] Recordo Fernando Caldeira e vejo-o lá dentro, sentado sobre um quadrado de pedra, contrafeito, velho, o cabelo em desordem, levantando de momento a momento os olhos cheios de resignação. Desço o declive ao pé da área calçada; espio  
30 ainda o grande tanque de água negra que arrancava sons cavos às minhas p[e]dradas e volto para o mar. O ve[n]to sacode tudo. Uma saudade do[c] invade-me o espírito. Vejo ao longe, distante, um vulto de mulh[e]r entre coqueiros novos. A fisionomia meiga, fresca, o olhar levemente melancólico fazem-me lembrar o teu olhar e a tua fisionomia. Com certeza é a minha ilusão dos sentidos. Essa mulher és tu, Lúcia.

35 É a minha imaginação quem te vê.

#### IV

Lúcia – Viaja-se também pelo pensamento. Vem, trajada assim como estás em linhos brancos, coloca sobre a cabeça um desses chapéus de palha que te dão a graça das figuras das 'Vendedoras de Murilo' e passeamos praia a fora, com essa alegria de  
40 primavera que anda no teu rosto e desabrocha a rosa vermelha dos teus lábios.

Olha os barcos que chegam. Esse é o 'Destemido'; aquele é o 'Veleiro'; aquele maior é o 'Vitória Grande', o outro 'Viva Maria' e aquele pequenino, como uma ave que fecha as azas é o 'Vai com Deus', – bocadinho de espuma, quando ele passa mar a fora, levando, como carga mais preciosa, a fé que se percebe dentro de seu nome.

45 Como estás linda, mocinha feito criança, a catar com os dedos rosados essas conchas alvas que se espalham pela areia, flores com que o mar, todos os dias, enfeita o vestido de sua noiva eterna: – a praia.

Agora contornemos a casaria. Subamos por esse caminho ensombrado de árvores, poeirento, sinuoso, para admirarmos um espetáculo mais amplo, majestoso –

50 o mar visto lá de cima da Mangueira de *Santo* Antônio.

É o ponto de atração dos veranistas. Há segredos ali que as auras sabem, confidências que a verdura ouviu, mágoas, alegrias, palpitação de coração, dores e prazeres.

55 Para ali vão artistas e namorados – o pensamento e a forma; a vida e a imaginação; o sonho e a realidade. Olha, aqui há letras, sinais, emblemas gravados na velha árvore.

Encosta, Lúcia, a tua cabecinha ao tronco desse antigo arvoredado e ouve o que diz ele de outros que por aqui passaram e se detiveram debaixo desse mundo de folhas verdes, quase negras.

60 Olha aqui, entre os traços de um coração, um M e um A.

Serão iniciais de dois amantes, de dois irmãos, serão de um pessimista como eu e uma figura da Crença como tu?

Serão de duas crianças registrando um idílio amanhecendo? Serão símbolos de um amor antigo, ainda aqui a jurar a eterna união?

65 Por que paras, Lúcia, porque te deténs, como em cismas, diante dessas duas iniciais que a figura rude de um coração moldura? Por quê?

### O CULTO DA SINCERIDADE

Parece que escrevi um título vão, constituído de letras mortas, intraduzíveis. Ser sincero é ser pela verdade. E a verdade que sempre teve maus dentes, no dia em  
05 que ela aparecer no meio dos homens será como os acicates do Cristo no meio do templo ou como o chumbo em líquido salpicado em meio de leprosos.

A vida humana é a simulação, quando não é a dúvida; a simulação que aparece nas suas diferentes modalidades como a ciência do *mimetismo social*, a dúvida que é o desejo partido ao meio, árvore que tem raízes e não tem sombras: estrada que se  
10 bifurca, abre-se em dois caminhos e faz deter o peregrino em ânsia de viagem. Olha-se a vida hoje com um doloroso pesar.

Porque ela, través esse desgraçado espírito social, já não é a ave que voa, como imaginou o poeta, mas a que se encarcerara voluntariamente, sem saudades da luz,

sem arrepios de dor, brutalizada, acorrentada, presa à cadeia da civilização.

15            Nem sempre as nossas palavras devem ter a bondade dos escalpelos. Não se  
deve levantar discussões: deve-se evitá-las. Quando as opiniões se levantam respeita-  
se as opiniões. Parece que é vida inútil a que se mede dentro do sacrifício dessas  
normas. Não: quando a voz é fraca, quando o grito tem a certeza de se perder na  
20            quebrada das serras, quando o calor da palavra não atinge o gelo da indiferença, para  
que se trabalhar o inútil? – é mondar terra estéril; é sachar ramas que a natureza não  
deu trigo.

              Esse é o caminho a seguir. Mas sem errar, sem tergiversar, sem se dobrar a  
injunções, sem ceder aos ímpetos de vontade adversa, mesmo dentro de nós. Tudo  
isso se consegue, sobretudo, arredando-nos o mais possível da comunhão dos homens,  
25            vivendo no meio deles.

\*

\*\*

              Mas há na fria agitação das pequenas cidades, relações que se tornam  
preciosas como raios de sol. Mãos que se apertam sem desconfiança, convívios que  
30            nos são um lenitivo [n]a nossa vida feita de receios, como é para o caminheiro que se  
perde no isolamento da floresta a misericórdia de um grito humano que lhe aponta o  
rumo. São as relações dos eleitos da sinceridade, é o convívio dos que cultivam esse  
sentimento, graça fecunda e benéfica da alma, educada no raciocínio e na razão.

\*

35            \*\*

              Esse jovem de quem a imprensa local se ocupou há dias, noticiando-lhe a saída  
de Nazaré, faz-me, a respeito disso, traçar aqui estas linhas que eu julgo menos que  
um preito de estima, um preito de justiça.

              Justiça, sim; ele soube encará-la sem titubeios. E a quem encarna com  
40            sabedoria a justiça, velando pela honra da sociedade, é justo que se não lha negue, ao  
fazer-se referências à sua individualidade.

              Euvaldo de Pinho foi, entre nós, um magistrado que soube honrar a profissão,  
soube ser um defensor íntegro da moral pública.

              E quando se diz isso de um moço, nesse tempo em que a mocidade, lá fora, é a  
45            alegria, e a tontura, divulgou-se a rota de um espírito, fez-se o elogio de um caráter.

Mas o traço mais alto do seu viver em Nazaré, aparte os deveres do seu posto, e entre os que o tiveram bem perto, em coração e espírito, foi o da sinceridade.

Sinceridade no querer, sinceridade no se exprimir, esse princípio, enfim, de educação que se retempera na mocidade, ao calor dos nossos atos de homem, com as responsabilidades que, menos por um dever à sociedade, mas por uma obrigação de consciência, tomamos aos nossos ombros.

\*

\*\*

[E]stou daqui[,] estou a ver a mão que num gesto largo me atirou de bordo, os últimos adeuses, ao deixar a cidade. Custa tão pouco e é tão raro ser-se sincero.

Thomaz Buckle numa das suas conclusões morais já afirmou 'que ninguém ficará desonrado se se conservar sincero'.

E isso é um consolo, pelo menos para quem escrevo estas linhas.

## CARTAS À LÚCIA IV

Salinas de Margarida.

Lúcia – Passa diante de mim, na minha imaginação, toda uma litania de olhos: – Olhos que se embriagam de ternura; olhos que se incendeiam de volúpia; uns tristes espelhos de dor alheia, outros alegres, vaidade do riso próprio; olhos de santa e de malvada; olhos que procuram ou que fogem; vivos e mortos; olhos que exprimem tudo: gritos e preces, hipocondrias e delírios, sombras e claridades.

Olhos apavorados co[mo] os de Desdémona; olhos de luz em ironia como os de Sganarelo, bons e maus, frios como a paciência, ardentes como o desespero.

Não há, meu amor, quem melhor exprima estados íntimos do que os olhos humanos. Lê-se nos olhos como se lê nos livros sagrados. E os olhos não mentem, mesmo nesses estudados volteios que são a graça do rosto das mulheres.

Os olhos, Lúcia, são os inspiradores do amor. Foi pelos olhos, que nasceu o primeiro pecado. No céu e na terra. Eles geraram em Lusbel a vaidade de dominar a região da luz, geraram em Eva o desejo de possuir por completo o coração de Adão.

Os olhos são espelhos da alma, a pedra de toque das ambições. Há olhos que são guias de outros olhos.

20           Indicam caminhos para a vitória da vida; e apontam vitórias para o caminho da morte.

              Mesmo nas estátuas, os olhos são o que mais fala.

              Recordo essa litania dos olhos, porque ela apareceu na minha imaginação após ter visto em escultura os olhos mais piedosos, de uma tortura mais resignada e de uma  
25           resignação mais torturante que eu hei visto em olhos de imagem: os olhos da *Mater Dolorosa* da igreja de Salinas.

              Nunca imaginei piedade tão santa, amargura tão comovente numa fisionomia dentro das paredes de um templo e das cercaduras de um altar.

              Aqueles olhos evocavam toda a paixão de Jesus, desde a prisão ao Calvário,  
30           desde o gemido de angústia até o suspiro de morte.

              Entretanto aquela escultura não me lembrou a mãe do Cristo. Havia ali um traço de mulher dos nossos tempos, não sei se no misticismo, na candura ou na graça.

              Quem seria a mulher, Lúcia, que dera ao artista as linhas do seu corpo e a piedade dos seus olhos para a figura três vezes santa da Virgem Maria?

35           – Santa na verdade dos livros; santa no devotamento da alma; santa na pied[a]de e na dor do Calvário.

\*

\*\*

              Defront[e] a mim, em rumo dessas pitorescas [p]raias, sentou-se no banco de  
40           ré do v[a]rposinho que nos conduzia, uma rapariga franzina, perfumada como um beijo de primavera.

              Pálida, de seios ainda meninos, trazia na cabeça uma coifa de rendas e vestia uma túnica de linho branco.

              Ao seu lado, de pé, cheio de alegria e de beleza masculina, um rapaz tomou-  
45           lhe a mão, carinhosamente.

              Que doce idílio, que palavras de amor iluminava naquele momento a graça de um tão belo quadro! Moviam-se os lábios de ambos, falavam os olhos, desabotoavam-se as fisionomias em gestos de carinho e, parecia, certamente, a eles que ali ninguém mais existia.

50           Na quilha do vaporzinho chocava-se rudemente a água na paciente e monótona

travessia em torno da Ilha do Medo. Uma esteira de espumas ficava atrás de nós, no leito do mar, margeando o sulco esbatido que o vapor deixava.

Quanto encanto e inocência, Lúcia, transparecia naquele semblante fresco de menina e moça! As palavras saíam-lhe dos lábios como o perfume sagrado do incenso  
55 sai da concha prateada das caçoulas. O ambiente parecia impregnado daquela humana candura. O vento tocava-lhe de leve a túnica, bebia-lhe as palavras, arrastava-as para longe, a lembrar, talvez, motivo de outras cantigas aos passarinhos.

E o vapor seguia. Cantava o sol o hino da luz clara do verão. Havia dentro das curvas verdes da água brunidos de luz, tremuras de ouro polido, reflexos e brilhos nas  
60 voltas bruscas do mar saindo em empurrões de ondas para fora da praia.

Dentro do naviosinho andava a pasmaceira das viagens demoradas. Liam uns, outros de face voltada para a paisagem olhavam árvores que se sacudiam nas vergastas do vento, casinhas de janelas e portas, para o mar, como sentinelas daquele inimigo que tinha raivas tão furentes insuflado pelas tempestades.

Quando nós chegamos, a rapariga franzina e perfumada[,] tinha[,] junto a si[,]  
65 ainda[,] a figura esbelta do jovem cheio de alegria e de beleza masculina.

Ao pé de mim um tipo à maneira de Balzac, com a mesmíssima luneta do grande mestre olhava o grupo e dizia entre dentes:

– 'Do bonde do Bonfim até aqui é o terceiro namorado que pega a mão daquela  
70 rapariga'.

## CARTAS À LÚCIA V

Manguinhos.

05 Com a queda da tarde, senti hoje, mais que os outros dias, a suave melancolia que os poetas dão o nome de saudade.

– Recordações em grupo, paisagens, almas, vidas por onde paira o meu carinho, e até, (que delicioso pungir de dor antiga!) quadros de minha infância.

O que é a saudade, Lúcia? Pétalas da flor da tristeza? Um olhar ao passado? O  
10 sonho da alma? A misteriosa lâmpada de Aladim que todo vivente tem dentro d[e] si

para iluminar o que se foi?

A saudade! – A revoada das andorinhas do pensamento a lembrar na tristeza dos crepúsculos o verão que passou? A saudade sente-se, mas não se define; é como o beijo, Lúcia. O beijo que é a ave onde a volúpia assenta o voo, o beijo que é o selo do amor, segredo de lábio para lábio: o beijo não é nada disso, porque a palavra é vazia, a  
15 compreensão humana é mesquinha para traduzi-lo.

Tu que sabes medir o meu grande afeto, tu que tens a alma em luz e a lírica paixão das heroínas de Lamartine, não sei se entenderás o que há em mim para o culto desse sentimento da distância, flor da melancolia e do abandono, luz que vacila em vitrais coloridos de pôr de sol. Quem primeiro teria sentido no mundo o espinho da  
20 saudade a sangrar o coração?

– Jubal, o primeiro tocador de harpa das escrituras? Zilla a esposa que viu Lamech encher o coração de outro amor?

Nem eu sei, nem tu sabes, nem os livros dizem, porque a saudade é a filha do Amor e do Passado, e o amor é luz que se não pode encarar e o passado é sombra que se não alcança.  
25

Afonso Lopes Vieira andou três jornadas pelo caminho da tristeza. Chamou-se o Poeta da Saudade. Teceu versos de ouro e brancuras como sóror Mariana as toalhas de crivo dos altares.

São páginas e páginas onde o bardo triste, irmão de Antônio Nobre e irmão do Fado, cantou até a *saudade de outras saudades*.  
30

Empunhou a viola portuguesa; passou por ela dedos amestrados de trovadores da Mouraria, e no ritmo gracioso das suas endechas cantou, acredita, Lúcia, toda a saudade dos fadistas pela garganta e pela guitarra da Severa – o rouxinol do fado.

A saudade! – Mas será a saudade isso que eu penso ver nos teus olhos e no teu rosto ao leres estas linhas?  
35

Saudade que faz longe o que está perto e [q]ue faz perto o que está longe. Que [a]proxima e que recua, que adormece e que acorda sensações.

Lúcia, deixa-me beijar mais uma vez tuas mãos. Vejo-as, sinto-as carinhosas, den[t]ro dessa imensa e adorável saudade.  
40

\*\*

\*

Graciosa e magnânima leitora destas cartas perguntou-me há dias quem era

*Lúcia*. E eu lhe respondi:

45           – *Lúcia* é o amor que venho guardando de criança. É o meu consolo e o meu zelo. É a flor que eu encontro no prado e o perfume que me acompanha para casa; é a conselheira dos meus atos, por que é voz do meu silêncio. Quando eu conheci *Lúcia* tinha talvez dez anos.

50           Amamo-nos com a pureza do coração infantil. Ela leu nos meus olhos as primeiras alegrias de minha alma; inspirou-me os primeiros versos e eu cantei a noite dos seus cabelos, a graça e a leveza do seu riso, o encanto dos seus carinhos. *Lúcia* tinha para mim cuidados de irmã. Mais tarde ela continuou a guiar-me nesse meu apagado caminho das letras. Mocinha, havia no seu olhar doçuras esquisitas; sentava-se ao meu lado, escutava rindo os versos apaixonados que eu traçava às mulheres que  
55 me impressionavam. Dava-me louçania ao espírito, luz às ideias, clareava a forma dos meus sonetos e inspirava o assunto dos meus madrigais.

Foi por instâncias suas que eu escrevi a uma mulher a minha primeira carta de amor. Ela tomou-a rindo, beijou-a e eu senti no coração a minha maior vaidade.

*Lúcia* vive em todos os meus versos e nas páginas de todos os meus contos.

60           Apareceu nas minhas novelas e eu tinha alegrias serenas, zelo de pai amoroso para ela, que se tornava criança, mal eu sentia hora por hora o caminho dos anos.

E chamei-a “*Maria cabocla*”, “*Maria das Graças*”, vi-a correr pelos campos, vi-a, num ímpeto de amor, atirar-se no mar; viver a vida trágica do ciúme e a alegria intensa do carinho.

65           Morrer velhinha e feliz com Santa Mônica; extinguir-se desgraçada, e moça como as mulheres de Zola, – Branca, sobre o leito da morte como a Henriqueta de Renan; trêmula em convulsões vomitando sangue como a Terezinha de Montalvão.

Outros, disse eu à graciosa leitora, chamam a dona destas cartas – Musa, Inspiração, Fantasia; eu chamo-a *Lúcia*, compreende?

70           Mademoiselle, entretanto, não quis crer. Para ela *Lúcia* eras tu mesma, *Lúcia*.

**CARTAS**  
**À LÚCIA VI**

Bahia.

05       Frei Bonifácio tem talvez vinte anos.

Foi percorrendo hoje todo o convento dos franciscanos, que eu lhe vi os olhos azuis, estranhamente azuis e a face pálida de foragido do mundo.

Trilhamos juntos aqueles corredores silenciosos do claustro, entre paredes de mosaicos brancos alinhados. Vimos refeitórios e salas do C[a]bido. Conversamos. Há  
10       na vida um silêncio que adormece a alma, uma sensação desconhecida de ódio ao mundo, esse inferno vermelho, onde a baixeza, o orgulho, a maldade e o ódio formaram o homem.

Frei Bonifácio tem talvez vinte anos.

Mas que mocidade esplendente eu vi nos seus olhos estranhamente azuis,  
15       olhos que se acostumaram a guiar o pensamento no caminho da prece!

E esse culto do silêncio que se levanta em harmonias mudas por toda a casa!

Nem eu sei dizer as sombras de recolhimento que eu senti envolver-me a alma. Ali, que é uma casa onde se pensa exteriormente ser o posto do sacrifício e do ócio, é, entretanto, um núcleo metódico de trabalho e de devotamento.

20       Tudo é simples, tudo é consolador, tudo é vida, mas vida separada do mundo, vida sadia, vida humilde, vida santa, porque a humildade é a santificação, e a santificação não é mais do que a pureza dos hábitos e do pensamento.

Eu vi naquela vida de convento a vida das aves. A tranquilidade do ninho, o abrigo das ramas, e o desejo louco de estender asas para o azul, bem para o azul.

25       Andamos levados pelo piedoso asceta até os campos cultivados, até a linha dos muros, vendo lá embaixo o formigar do povo e o fonfonar dos autos.

Frei Bonifácio falava da vida do claustro com uma alegria de criança.

– Esse hábito, disse-nos ele, eu não o trocava pelo traje mais rico, pelo posto mais alto nos impérios do mundo.

30       – E do recolhimento, irmão, perguntei eu, a saudade da pátria, o carinho da família?

– Ele baixou a cabeça um breve tempo, dois leves traços assinalaram-lhe o espaço dos cílios, e na voz com um ligeiro sotaque teuto, balbuciou:

– Ah! eu queria ver minha mãe; uma vez só tomar-lhe a benção e ... voltar para  
35 nunca mais.

Nos olhos azuis de Frei Bonifácio espontou, sem ele querer, uma lágrima  
comovedora.

Eu tive vontade de lhe beijar as mãos.

## MADEMOISELLE

### VAIDADE

Eu não sei de atração mais irresistível do que a Vaidade.

05 De toda essa perturbadora série de figuras que o senhor Diabo criou com uma  
gargalhada para ameninar o caráter do homem. *Mademoiselle* Vaidade é a mais  
vivace, a mais alegre, a mais vitoriosa. O dinheiro, o luxo, o Talento, a pureza da  
Raça, tudo se insufla, vibra, rebrilha, toma cintilações de cristais e brancuras divinas,  
se se aproxima dessa histérica e lisonjeira criatura.

10 Foi numa tarde assim de luz inquieta e de temores de chuva que nós nos  
encontramos lá embaixo, num dos bancos do jardim.

*Mademoiselle*, magrasita, risonha, vibrando a cada golpe de olhar, tinha, para o  
ligeiro assunto daquele encontro, sorrisos de mulher bonita, enquanto nos seus olhos  
corria sôfrega a chama viva de uma mentorosa graça infantil.

15 Brincando com a ponta fina da sombrinha na areia a graciosa filha do Senhor  
Diabo discreteou sobre todos os limites da sensibilidade humana.

Fez o elogio da fragilidade, enalteceu as virtudes da Mentira e teve palavras de  
entusiasmo vibrante quando quis a todo transe levantar *bibelots* comuns em argila  
quebradiça, pra abater imagens viris e impecáveis, talhadas em verdadeiro mármore.

20 Fora dos tapetes de verdura, no jardim, passavam transeuntes. De vez em  
quando um alegre bando de raparigas pisava a laje nivelada, estendida em torno da  
igrejinha. *Mademoiselle* voltava-se risonha com essa admirável curiosidade feminina  
e os [seus] tinham sempre o lampejo de superioridade enganosa que há nos olhos das  
mulheres elegantes ou das mulheres bonitas.

25 Ao longe, no outro lado do rio, um velho muro coberto de limo e de gusanos

olhava, como que sonolento, o quadro que as nossas figuras completavam.

*Mademoiselle* Vaidade contou-nos rindo a história dos seus últimos *flirts*... eram todos o mesmo no modo de sentir, – Artistas e homens; ganâncias e desprendimentos. Mas o que *Mademoiselle*, notava em todos eles era o desejo de  
 30 aparecimento. Literatos medíocres que se jactavam de glórias do país; artistas – sombras que se diziam seres iluminados: a mediocridade ostentando credenciais de talento raro e o talento a olhar com mesquinhez e ridículos o meio onde ele exsurgia belo e triunfante.

Nunca eu tinha visto mulher mais frívola e de mais atração, na minha vida.

35 Ao despedirmo-nos, ao apertar aquela mãosita branca e perfumada, eu senti uma corrente de entusiasmo percorrer todo o meu sistema nervoso e tive desejos demorando a sua mão enluvada na minha mão desnuda, de lhe mentir também, narrando-lhe glórias que eu não possuí e graças que as Musas não me trouxeram.

### A MARCHA DO ÓDIO

Lúcia, ontem falaste-me acidentalmente num ódio que tiveste. E eu te quis escrever hoje sobre a marcha do Ódio. Sim; o ódio não para, minha filha. Corre como  
 05 o ferro derretido; sobe como a labareda do incêndio. Vezes ele é violento e destruidor como o ácido sulfúrico; vezes é humano e santo como a sede d'água. Tantos anos tem a criação do homem, como tantos anos o Ódio caminha. Nasceu dos olhos de Caim, inspirou o primeiro assassínio na terra e se tem avolumado, crescido, que, hoje, como uma loucura no cérebro de todas as raças, tem molhado de sangue o mundo i[nt]eiro.

10 A marcha do Ódio! Nem Cristo pôde detê-la. Ele que apregoava o amor entre os homens, foi o alvo do ódio dos fariseus, foi a vítima do ódio dos seus irmãos da raça de Judá. Odiar é ser humano. Na comunhão de todos os seres, cinco mil blasfêmias, filhas do rancor, estão para cinco, apenas para cinco, palavras de amor verdadeiro.

15 O homem baixa a vista e em torno dele, ao alcance do seu olhar e no limite do seu desejo só ver o Ódio.

– O ódio que abate e que levanta; o ódio que cria e que mata; o ódio que faz a

maldade e o inferno; a bondade e o céu.

Ódio de verme e de estrela, ódio de lama que fermenta e de lírio que  
20 desabrocha; mas sempre ódio.

Alguém já disse que o Ódio é o céu das almas sem azas. E o que não voa,  
anda, salta, se estorce, desliza, mas age sempre.

A mesma divergência fatal que existe entre o prazer e a dor, existe entre o  
amor e o Ódio.

25 São polos que se defrontam na geografia dos sentimentos humanos. O amor  
que é o momento em que a alma se ajoelha dentro de nós, o amor que é a flor de  
bondade a desabrochar no nosso coração, o amor está no nível do Ódio, o ódio que é o  
irmão bastardo do Orgulho, porque ambos não pedem e não perdoam.

O Ódio tem avassalado o mundo. Ódio de raça para raça; de pensamento para  
30 pensamento, de inteligência para inteligência; escondido num rincão humilde de povo  
humilde; divulgado em toda a larga amplitude dos continentes.

Os socialistas que são os pregoeiros dessa era nova de harmonia geral do  
mundo têm ódio às proclamações e às cartas do reino. Ódio sagrado, mas ódio  
sempre.

35 O ódio não para, minha filha. Há ódios grandes que são abençoados pelo Alto;  
e há ódios pequenos, baixos, tacanhos que a gente arreda com o pé, cospe num gesto  
de altivez e caminha mais homem, mais forte, mais vencedor quando ele nos tenta  
morder o tacão da bota.

O ódio da inveja, por exemplo.

## PRELÚDIO SENTIMENTAL À ELA

05 Aí tens o prelúdio sentimental dessa música cheia de luar e de sombras da  
minha saudade.

Ontem li, inteirinho, aquele adorável poema de Goethe, para me convencer de  
que me não tornaria ridículo diante dos outros, recordando-te esse amor que deveria  
ficar em nós, só dentro de nós.

10 E ditam-me hoje essas linhas as saudades desse encontro rápido de todos os dias, as carícias de luz dos teus olhares, a tua saudação muda e a minha saudação muda, acorrentados que nós ficamos nesse amor triunfante, que recua e que avança, que estarrece jugulado sob o guante do desânimo e que toma asas e mede os ares com a altivez da nossa vontade!

15 Já não vens como outrora[.] A tua janela vazia, vazia pela força do teu capricho, dá a ideia de uma moldura singela a quem arrancaram a figura que o gênio das tintas admiráveis traçara para a impressão viva dos meus sonhos, para a alegria de minha misantropia de monge e a tristeza hoje destas linhas de saudade.

20 Eu te sinto, (admirável poder do amor!) eu te sinto todos os dias, com toda essa mocidade fresca do teu rosto, toda essa ternura do teu olhar dentro daquela janela muda vazia, vazia pela força do teu capricho!

Não; não creio que já te esquecesses de mim, Amarílis dos meus *Destinos*.

A tua voz fresca, ainda tem para o meu ouvido o eco suave e dolente daquela queixa que ao pé de mim deixaste escapar, de volta da festa para onde foste, pensando encontrar a alegria dos meus olhares, v[entur]osos de sentirem a luz dos teus.

25 Ainda demora na concha do meu ouvido aquele 'Agora!' que escapou tremente dos teus lábios. Sim, linda demora. Não é possível que te não recordes desse encontro primeiro em que o teu olhar acompanhou cheio de carícia e brando de afeto a queixa trêmula e medrosa dos teus lábios.

30 E eu por todo o curso do caminho onde passaste andei envolto nas sombras do teu carinho, sentindo no olhar, o afago da luz quente do teu olhar e no ambiente a música feita de sedas e de aromas da tua voz.

Não, não creio que te esquecesses de mim, Amarílis dos meus *Destinos*.

### SUA MAJESTADE O HOMEM

05 Caminha. Levanta a tua ideia, pesa-a na balança da tua consciência e faz dela uma clava, para vencer embaraços e triunfar no espírito do povo. Aquele que faz triunfar uma ideia colocou uma estrela no infinito.

Anda; sê homem. A onda anônima achata, porque é pesada; vence, porque é

um volume compacto, um carro a que se desatou o freio.

Sozinho, tu farás bem melhor que um cento. Lança a tua palavra ao vento e ela não terá a esterilidade da semente da parábola cristã.

10 O que não faz a força faz a astúcia. Ambas são as provisões do homem, neste século de ambições, de torpezas e desumanidades. Luta, trabalha, avança.

O homem é o valor e o valor é meio triunfo, porque é a melhor das armas que a experiência passou pela mão do alfageme.

15 Os dias passam diante de nós com a precipitação dos cervos que correm. Só a amargura da vida é capaz de nos fazer ver claro as doçuras e crueldades dessa esfinge, que é o mundo.

20 E é duro de se dizer que o egoísmo é tudo! Sim; tudo é o egoísmo disfarçado. A ambição é egoísmo; a indiferença pelo alheio, é egoísmo; e o isolamento é o egoísmo, como são egoísmos: o olhar que pede e o olhar que recusa; o lábio que não beija e a boca que oferece a dentada. A vaidade é a explosão do egoísmo. – É a púrpura que o egoísmo arrasta, no requinte da sua altivez. A vaidade mede a acompanha com orgulho os passos do homem. Penetra todos os lares, penetra todos os pensamentos, vai até o rincão mais escuso do cérebro humano. Aquele que acolhe a pobreza não faz mais do que satisfazer a vaidade de ser bom.

25 É duro de se dizer? Mas é a verdade. E a verdade... até mesmo a verdade talvez seja uma mentira, nesse mundo que o sol alumia tão vaidoso, inalterável, metódico, como os homens de outras eras.

30 Pois é isso. Caminha, se queres avançar um palmo, no fim de tua vida, adiante dos outros. Levanta a ideia como um farol. Dá a ela toda a força das tuas convicções, para que ela ilumine e deslumbre; convença e arraste; prenda e sugestione.

Foram assim todos os que venceram no passado. Filósofos e pensadores; estetas e impressionistas; – ciências e artes. –

35 Aonde vais com tua calma aparente? Aonde queres esconder os teus sonhos, calar os ímpetos que te sobem do coração à boca e que te iluminam o olhar como se nele passasse um relâmpago? Aonde? Se te arrastam, firma os teus pés no sol, resiste, defende-te, agride, vocifera, levanta a voz, porque todos os seres são iguais, todas as ambições visam um mesmo fim, todos os riscos e decessos são justificados, quando se trata da luta pelos interesses.

Vai, caminha. Levanta a tua ideia, pesa-a na balança da tua consciência e faze

40 dela uma clava para vencer embaraços e triunfar!

.....  
 E o homem foi, falou à turba, sofreu os vexames de quem planta ideias novas, malquistou-se, clamou, gritou, feriu, guerreou, batalhou e venceu...

45 E voltou o mesmo homem, para sofrer, gritar, clamar, ferir, guerrear, batalhar e... morrer.

## CARTAS À MADEMOISELLE DIABO

### I

05 Senhorinha – Acedo, depois de uns desajeitados e sonolentos dias de pasmaceira ao pedido que me fez destas linhas, traçadas à beira do mar.

Muita razão tem vossência, senhorinha, em querer bem as praias de banho. Nunca vi mundo de gente tão essencialmente insípida, mascarada de tão irresistíveis atrativos...

10 Encontrei aqui várias das suas amigas. – *Mademoiselle Frivolité*, aquela francesinha pernóstica, tão querida das brasileiras, *mademoiselle Vaidade*, *mademoiselle Coqueterie*, todas essas graciosas e sedutoras *refinéés*, que fazem o encanto das tardes marinhas.

15 A ilhoa simples e bela, a ilhoa de cabelos a duas tranças e de vestidinho de chita escondeu-se para ceder todo o lugar, todo o campo, toda a observação do mar à gente de fora, tal como as suas encantadoras amigas, *mademoiselle*.

20 À tarde o mar se veste de graciosas figuritas; cabeças em turbantes escarlate, o olhar buliçoso, o passo de andorinha, o corpo mascarado em umas calças curtas e uma blusa comprida. São as banhistas. Sim; desde que há parias, há banhos de mar [.] E há homens que também tomam banho... A princípio eu julgava, que a eles fosse dada somente a obrigação de se fazerem espectadores desta cena interessante do mergulho feminino. Não senhora: há banhistas também rapazes. E antes do banho eles sacodem a cabeleira, fazem dois pulinhos de esporte, anda o passeio do cais e o *chic* é atirarem areia uns nos outros... O *chic* banhista que não sofreu o suplício gracioso da areia não

25 é refiné. Ah! *Mademoiselle!* Vossência com todo esse espírito satânico, toda essa desenvoltura e agudeza de pensamento, o que não acharia aqui para o seu riso travesso, esse riso que tantas vezes foi tocado pelo infernal fulgor de Hecate, nos domínios do seu augusto pai!

Depois do banho, o preciosíssimo é apurar o traje para uma olhadela ao vaporzinho que chega, todas às 18 horas, da Capital. De manhã, é a touca de rendas, é a coifa de filó, o chapeuzinho petulante, todo feito em veludo, os costumes de campo, denunciando contornos e avivando linhas que aguçam pecados. De tarde são as *toillets* de passeio, a confusão dos perfumes, a promiscuidade das cores, desde o cinzento com toda a sua dureza masculina, até o azul e o rosa com a sua calma de céu de verão.

35 Ontem, senhorinha, vimos à noite uma festa que se faz aqui na terra e que vossência conhece. Vimos um *reisado*. O povo se aglomerava à porta da casa onde rapazes e donzelas dançavam já pela segunda vez o tango 'Buliçoso'.

O 'Buliçoso', *mademoiselle*, é uma espécie dessas danças que foram proibidas no reino de vossência e que as Sulfurosas e a família Flambeau interpretavam com tanta arte.

Pois bem, eu via, no meio da multidão que enchia a rua, a segunda amostra do 'Buliçoso', quando ressoou junto de mim uma voz deliciosa como um turturino de ave:

– Rafael, porque não trouxe Carmen?

Voltei-me. Eu tenho a vaidade de conhecer pela fala as mulheres bonitas. E esta era uma delas, *mademoiselle*. Era uma rapariga linda como os anjos ou como as orações do inferno.

*Rafael, porque não trouxe Carmen?*

Esta frase ficou largo tempo embalando-me o coração. Voltei jeitosamente as costas à janela e olhei a menina a primeira, a segunda, a terceira vez, até quando os seus olhos se encontraram com os meus.

Era um encanto, era um fogo de enxofre aqueles raios de olhares. Parecia, sabe, *mademoiselle*, os olhos da bela Salomé, aquela velhinha da corte de seu augusto pai, condenada a dançar aí na cidade de If por haver em eras outras provocado a morte do Baptista.

55 Rafael, o rapazinho que se postara junto dela, acompanhou-a, às 11 horas, com outras amigas, para casa.

Ora, *mademoiselle*, eu precisei de seguir aquela coluna de Graças para

conhecer o ninho da minha ave de voz deliciosa.

60 Atravessamos ruas atapetadas de areia, passamos um beco, novo beco, mais outro beco, e no fim de outro beco a caravana parou cansada. Trocaram-se abraços, todos levaram beijos, com exceção do rapaz, e desfez-se diante de uma porta cor de treva, porque a cidade estava às escuras, todo o grupo, tomando cada pessoa um rumo diferente.

65 A lua que é sempre caprichosa como uma noiva que há doze anos espera o casamento, só depois que se recolheu o meu grupo achou de aparecer, *mademoiselle*, como nunca a vi tão bêbada de amor por esse vagabundo – o mar.

Acariciava-o, polia-lhe o espelho da água, fazia ter[m]uras de luz nas curvas das ondas e ele, orgulhoso de se saber alvo daquela paixão, empurrava com desdém a sua outra namorada – a praia.

70 Olhando a lua eu atravessei o beco, o novo beco e o outro beco e parei defronte da casa em festa. E sabe o que eu vi *mademoiselle*?

– Dentro de casa dançava-se o 'Buliçoso' e à beira da janela, no local anterior, a menina da voz deliciosa conversava com um rapazinho petulante. Trazia um vestido diferente, mas, por Plutão, que era a mesma!

75 Essa aventura vai longe. Aguarda nova carta.

Marinhas de Itaparica.

## CARTAS

### A MADEMOISELLE DIABO

#### II

05 *Mademoiselle* – Ficamos na pasmosa exibição do 'Buliçoso' pela terceira vez e no surpreendente encontro da tal menina dos *olhos deliciosos*, encadernada de novo e com outro marmanjo ao lado. Aquela aventura buliu-me as cordas da curiosidade e eu quis penetrar nela, como quem tem vontade de decifrar charada mal feita. O *conceito* em que eu comecei a ter a menina não era nada lisonjeiro... Dois vestidos e dois  
10 namorados numa noite! Fiquei apavorado, *mademoiselle*. Se fosse no reinado do augusto pai de Vossência, que escarcéu não faria a rigorosa Nêmeses junto àquelas

boas e santas senhoras que o cavalheiro Rhadamanto apelidou de *Fúrias*. Não sei; a terra desde que a *mademoiselle* aqui esteve pelo carnaval dim[i]nuiu de fidelidade, de crenças, mesmo o caráter que já era uma coisa rara no homem, tem diminuído até no animal que o possuía em mais alta dose – o cachorro. Mas bem; ficamos na terceira vez do 'Buliçoso' e na segunda transformação da *menina dos olhos deliciosos*. Era preciso saber quem ela era. Em todo lugar, *mademoiselle*, há *cicerone*. Essas figuras informam o que sabem e o que não sabem. A não ser um informador como o grande Virgílio, que acompanhou Dante na sua excursão literária ao reinado de Vossênia.

20 O meu informante foi um garotinho sujo, mercador de mangas e jogador de castanhas.

Entreí no beco, passei o outro beco, cheguei no outro beco e encontrei o gajo. Atirei-lhe a pergunta, olhando discretamente a pequena e sabe o que o menino me disse, apontando com o dedo sujo?

25 – Aquela moça dali? Aquela moça é casada.

– Casada! A *menina dos olhos deliciosos* era casada! Mas como se casa uma menina assim, *mademoiselle*? Daí comecei eu a refletir; – talvez as duas não fossem a mesma; talvez o segundo rapaz fosse irmão dela.... Intrigado, procurei a todo o custo conhecer o eixo do meu enigma, E andei várias vezes em via-sacra pelos becos da cidade praieira, à cata daqueles olhos e do mistério onde minha curiosidade pairava, como abelha envolvida na trama doirada de uma arteirosa aranha.

35 Mas, uma noite, ao defrontar a coluna do nicho da Glória, lá avistei a *menina dos olhos deliciosos* atravessando o largo e conduzindo uma criança loura como o doce e travesso Lusbel. Seguiu. Levei a mão ao chapéu, pronunciei um respeitoso boa-noite. Ela voltou-se um pouco firme, mas numa expressão delicada: Que insistência!

E na porta de uma casa pobrezinha, com a janela pinhada de frutos ela voltou para mim os *deliciosos olhos* e falou para que eu percebesse:

– Não chegará a saber quem eu sou.

Mal ela se sentava num canapé ao canto da sala, eu batia na grande porta.

40 Queria comprar frutos... Saiu do corredor uma mulata de saias bem pregueadas e me recebeu sorrindo, com essa alegria da gente simples e despreocupada.

– *O qui é qui qué, yôyô?* E a grade abriu-se, rangendo, como quem espalha no ar uma vibrante gargalhada.

O meu olhar caiu de chofre sobre o ponto onde eu vira o vulto da menina.

45 Toda a sala estava vazia.

A *menina dos olhos deliciosos* acendera com essa fuga, ainda mais a minha curiosidade.

Arredei-me para a esquina, lá ao longe.

Qualquer vulto feminino que eu percebia naquelas imediações era por mim  
50 observado na ilusão de encontrá-la de novo.

*Mademoiselle* com certeza vai rir-se desse outro fracasso que eu conto adiante.

Tornei a ver, após insistentes combates de argúcia, a *menina dos olhos deliciosos*.

E não sei porque encontrei-a em rigoroso luto à beira da praia. O mar estava  
55 em fúrias, arremessando acachos d'água sobre a amurada do cais e o vento sacudia a cabeleira intonsa das árvores.

Uma temperatura agradável baixava por todo o largo do Boulevard.

A menina misteriosa, *mademoiselle*, sustinha no braço a criancinha de dias  
antes.

60 Eu, num grupo de rapazes, tinha os olhos em linha para o seu vulto, derramando sobre ela a luz do meu olhar, unguindo-a com carícia, espiando-lhe os movimentos, o anelado do cabelo, a suavidade do talhe, a graça primaveril daquela linda rapariga, a levantar nos braços uma criança, como se fosse Nossa Senhora dos Mistérios que envolta em roupagens de sombra pairasse à beira da praia para deter o  
65 mar em fúria...

A conversa entre os meus companheiros caiu sobre o grupo feminino, formado em torno da *menina dos olhos deliciosos*. E sabe, *mademoiselle*, o que ouvi a respeito dela?

Alguém disse:

70 – Aquela dali. É veranista; é viúva[.] O marido, um moço muito distinto, na Capital, morreu após ano e meio de casado.

Por Belzebut, *mademoiselle*! A menina dos olhos deliciosos já agora é viúva!

Beijo-lhe as mãos. Até para semana.

## UMA SANTA VELHICE

05 LA CHIESA OFFRE A TUTTI GLI AINTI  
SOPRANNATURALI PER CONSERVARE LA PUREZZA  
DEL CUORE SECUNDO IL PROPRIO STATO.

\*IL DOLORE”. PIO LA SCALA.

(capuchinho menor)

Junto à velhice [...] o [co]ra[ç]ão se unge de um respeito todo espontâneo.

10 Em cada velho que passa, nós temos a percepção de que vai diante de nós um  
bocado da sabedoria da vida, uma página comentada dessa bíbl[i]a de amargura, que é  
a alma humana... E não é só, chegar à velhice é chegar à purificação do espírito,  
porque ser velho é ter visto passar diante de si todo o fictício carnaval da ventura e  
toda a quarta-feira de cinzas dos nossos desgostos.

15 Quando a nossa mocidade se despedaça, como uma ave, nas paredes estreitas  
do cárcere das nossas ambições, quando a dor nos bate à porta, arrastando consigo o  
cadáver de todas essas efêmeras venturas que não chegamos a gozar, há[,] sobre nós,  
nesse momento de tortura, que é o momento das decepções, um vento que passa  
refrescando o nosso espírito e forrando de neve a nossa cabeça. É a benção da  
20 redenção de Deus, são os nossos cabelos brancos que chegam.

Diante dos velhos o coração do moço parece que se abre como uma escudela  
de ouro, para receber, como exemplos a seguir, a palavra da experiência. É preciso  
calar e ouvir diante dos velhos.

25 E era por isso que eu nessas digressões pelo longo da praia me ficava sem  
palavras nos lábios, a olhar o perfil docemente sereno de *Dom* Jerônimo, Arcebispo  
da Bahia.

30 Sentado à sombra das árvores, o olhar sempre estendido para o mar, *Dom*  
Jerônimo ali se demorava, falando pouco, respondendo ao que se lhe perguntava,  
tendo debaixo duma expressão de bondade, que me parece ser a mais larga esfera de  
ação do virtuoso prelado. De bondade, sim. Aos que mourejam na imprensa, não é  
preciso, para conhecer os homens, o convívio das palestras e a intimidade dos  
gabinetes. Todos nós, humildes e grandes, sábios ou inteligentes, nesse desgraçado  
ofício da imprensa temos um olhar que afunda, uma percepção que vai até às ações do

homem, um *psicólogo*, enfim, que espia, às nossas ordens.

35 E é por isso que afirmo que o chefe do clero baiano é a figura da bondade.

Ao demais, eu achei um sacerdote que pronunciou ao alcance do meu ouvido esta sentença:

'A harmonia admirável que se nota no clero da Bahia, se assenta, especialmente, no seu santo prelado'.

40 E porque não ser santo, se ele é um velho? A mocidade é o sol que se alteia, formoso, brilhante, é a ânfora, o cibório que derrama claridades vivas como a esperança: a velhice é o sol que desce calmo, suave, é a mão de luz que recolhe as derradeiras impressões que a terra suspende no seu corpo de verdura e nos seus braços de edifícios.

45 E o sol que se alteia fere, caustica, maltrata; ao passo que o outro, o que desce, – é o calor que acarinha, é a quentura que consola, é o olhar que beija, é a boca que sopra o mistério da caridade...

A primeira noite que eu vi *Dom*. Jerônimo ele tinha em torno de si um punhado de crianças. Era a benção que ele distribuía aquela petizada, hóspedes das praias e que para ali viera de par com o sol a fazer o verão daquelas pitorescas marinhas.

50 E foi um dos quadros mais encantadores que eu presenciei. Parecia que uma atmosfera de carinho e inocência baixara aquela região. *Dom*. Jerônimo, que eu vira depois grave e silencioso, sorria. Talvez naquele momento abrisse o seu coração para enchê-lo das flores daquela inocência. Acariciava esta, prendia o mento daquela, metia os dedos abertos pela cabeleira encaracolada da outra...

Não sabia bem a qual delas o seu carinho atendesse... E depois, quando o bando gárrulo e travesso, como uma revoada de jandaias, como um enxame de aves brasileiras, afastou-se daquelas paragens, o velho prelado sorria ainda, olhando a esteira branca daquelas túnicas roçagantes, sinalando a estrada, como uma onda de espumas que corresse por ali afora.

60 Oh! Eu não vi ali o sacerdote ilustre, o dignitário da Diocese, o báculo e a mitra da Bahia[.] Eu tinha diante de mim, sob a umbela verde de uma árvore das praias, um velho de alma simples, o olhar em claridades, sorrindo para aquela coluna de anjos que deixaram as azas no céu e vieram, na inconsciência da idade, encher de poesia esse pedaço negro de terra que os nossos pais Adão e Eva arrendaram com os

trinta dinheiros com que venderam a tranquilidade adorável do Paraíso...

Que abençoada velhice, que santa velhice!

60 A lua, lá fora no mar, luzia, inteira, como se fosse uma hóstia de prata nas  
mãos misteriosas do infinito...

Que abençoada velhice, que santa velhice!

### SOB A FIGUEIRA DE JUDAS

Achas que o meu pessimismo revolta? Sabes o que te faz andar pela vida como se trilhasse um caminho florido? – É a inexperiência esse lado frac[o] e lisonjeiro da  
05 mocidade. Caminha adiante de mim. Anda ver como a vaidade é o egoísmo que  
esplende; anda a ver como a esmola é o salário da ingratidão; como o amor é a  
ambição de posse, quando não é a ilusão dos sentidos. Quem proclamar que tu és um  
bom quis afirmar que tu és um covarde. Ser bom! E qual é o prêmio da bondade? –  
Viver sem inimigos? E já não viste a calúnia[,] a difamação, o opróbrio correrem atrás  
10 dos bons com a precisão inocente das pedradas dos garotos?

A difamação quando procura o pouso na honra alheia é como a boca que  
arregaça os beiços para a dentada. Não te iludas. Olha que viver é obrigar-se debaixo  
da figueira de Judas.

As aves do mal cantam ali em toda a escala da harmonia os ímpetos dos desejos  
15 insatisfeitos. E lembram o olhar da vontade que não alcançou o alvo da sua ambição; e  
os braços que não constringiram o corpo amado; e a adoração que partiu as asas e  
agoniza no templo vazio; e o desespero mudo; e o sonho em farrapos de luz; e o  
torturante olhar dos iludidos, dos que acreditaram na felicidade da vida, a buscarem, a  
esquadrinharem todos os cantos da terra em busca da paz da morte ... Entristeces?

20 Mas eu não te levo para a tristeza. A tristeza é o crepúsculo dos dias mais  
vivididos. A tristeza é a alma em caminho do céu do sofrimento. A tristeza é a sombra, e  
eu neste momento te arrebatro pelas mãos e te largo para a luz, para o sol, a incidir  
sobre as nossas cabeças. A luz esquadrinha todos os cantos do aposento. A luz é o  
olhar de Deus por que é violenta e serena como a morte. Entristecer é ficar escondido  
25 atrás de todos os dissabores. É recuar, é atordoar-se: é levantar os braços e curvar a

cerviz como, na adoração dos í[do]los e dos deuses que reinam sobre a terra. Cospa fora esse amargo que apareceu em tua boca e levanta o passo no caminho da vida, sem olhar a mancha de sombras que acompanha o teu corpo. É tão curta essa estrada que se desabotoa e se rasga ao nosso caminho, que tão breve amanhecemos como o sol chega  
 30 ao zênite e lá vai a iluminar outras esferas. Apenas fica em nós, no morrer do crepúsculo, a saudade dos erros que cometemos e da carreira que encetamos atrás do amor em fuga sempre e irreal como os nossos sonhos e nossos dias de felicidade.

Choras? O pranto é o suor da alma em desespero. Acalma-te. Eu fiz mal em ti deter o passo para a verdade destas palavras, despertar-te para a realidade. Anda,  
 35 adormece de novo, eu te vou acalantar a alma com a ternura de uns versos muito doces, cheios de candura dos berços e da graça adorável dos olhos maternos.

O poeta é o homem que se fez criança. E os versos, os versos são romarias de beijos tornados em luz; são azas que os dedos macios da Fantasia arrancaram do corpo irreal dos sonhos. Anda, adormece. Apanha no ar essa lira que o vento açoita afinando  
 40 as cordas. O que queres que [e]u cante? O Amor, os olhos “dela” o sorriso, a graça da sua fala? ...

.....

E no ar macio, ergueu-se uma voz doce como um sonho, cantando, cantando...

Mas, às vezes, na curva de uma volata a voz tremia, parecendo que ia ali,  
 45 naquele momento, arrebentar alguma dor guardada.

### CINCO MINUTOS DE MEFISTÓFELES

Vá; porque esse retraimento? Olhe que o Amor é caprichoso. Tem a maciez dos olhos da velhice quando não tem a dureza das farpas da ironia. Não lhe aconselho  
 05 para o mal. No amor não existe nenhum mal: só existe o amor. Levante os olhos; vá. No caminho que pisa desatam-se flores em cada moita; anda um perfume quente e voluptuoso pelo ar. Tudo lhe convida, tudo lhe chama, porque o amor é a voz no ar, é o fogo na alma é a inspiração no artista, é o desejo no coração, é o beijo na boca, é a doçura no beijo... Foi o céu quem inventou o amor, e a terra é o espelho do céu. Tudo  
 10 na terra obedece ao amor. O mar tem ímpetos de amor, beijando a praia, o vento,

Ashaverus da Natureza, para, destorce a trança verde da palmeira, perfuma-a, beija-a e vai, rangendo de dor, caminho a fora.

15 E o rio ama a floresta que o abriga nos seus braços de sombra, e a floresta ama o sol que lhe aquece a esmeralda das folhas; e o sol ama o azul onde fez o seu ninho de ave da luz.

Tudo ama. Não ir é recuar, é fugir do amor, e desaparecer na sombra, é perder-se na [...] de uma carícia, a graça de um sorriso, e, digamos mesmo, a liberdade de um beijo? Os beijos são as andorinhas da estação do amor. Batem asas num ruído inocente e lá se vão perfumando o ar. Não leia mais. Às minhas palavras o livro lhe treme nas mãos e eu sinto que há um impulso interior que lhe anima e lhe soergue. Não finja impassibilidade. O fingimento é a arma da traição, é a túnica de Judas que se ajusta ao corpo de todo aquele que quer enganar. Vamos; acerte o cabelo, ilumine os olhos, dê um sorriso aos lábios, que ninguém leva a tristeza para encontrar o amor. A tristeza vem depois, com o aborrecimento, vem com a saudade, vem com o desespero, vem com a traição. Nada de êxtases esquisitos no olhar, nada de torturas da alma dentro da lassidão e inércia do corpo. Vá; eu o vejo triunfante caminho desse éden dourado que o espera. A mocidade abre-lhe a porta do Paraíso e a natureza canta, vibra, enche-se de clarões de aurora e de sedas luminosas de luas.

20

25

Lembra-se de Catilina de Ibsep? Pois tome o conselho do romano 'Não é dado ao homem o entregar-se à calentura do sonho'. Vá; corra atrás do Amor. O amor é a verdade, é a glória de viver é a ambição da vida.

30

E foi assim que eu fui Mefistófeles cinco minutos.

### **SOB A ATRAÇÃO DO ABISMO**

Meu amigo – Que pensamentos maus, às vezes, se abeiram do espírito da gente. Levantei-me agora superexcitada, quase louca, porque, nem você imagina, tive a impressão de que via morto rolar da pedreira, nesse desgraçado esporte a que tanto se dedica.

05

Se eu pudesse detê-lo, se eu tivesse ainda aquela força que eu já tive sobre si, como eu o afastaria de tão funesto brinquedo! Mas já não posso nada. A minha voz

não tem eco, as minhas lágrimas não o comovem, vem-lhe a intuição de que é defeito  
10 dos meus nervos... Mas eu o quero tanto! acompanho-lhe os passos com o  
pensamento, tomo parte nesse ágapes campesinos, penetro no emaranhado das selvas,  
corro, estremeço, grito, sinto o choque rude dos disparos da sua Winchester e vejo os  
novelos de fumo e o corpo em estremeções vivos das suas pobres vítimas...

Matar! Que lamentável divertimento é esse! Não se deve apagar, não se deve  
15 reduzir a sentença de viver de ninguém. A vida lembra certos frutos que se vestem de  
cores fascinantes, como preciosas gemas e têm na carne do corpo o amargo das quinas  
e o travor dos sais de ferro. Mas, assim mesmo, tudo o que veio para viver deve viver.  
Por que não abandona você este esporte? Pois é possível que mal se desfaça do  
trabalho, troque a pena pela espingarda e se enterre por esse amaldiçoado pedaço de  
20 mata, a correr, [a] ferir-se, a expor-se ao colmilho dos répteis, à profundidade dos rios, a  
borda dos precipícios e, sobretudo, aos saltos arriscados dessa pedreira que tem sido a  
desgraça de tanta família e a sepultura de tanto incauto! Prometa-me que não voltará.  
Prometa-me. Se você estivesse aqui, se colocasse a mão no meu seio, se visse como  
eu choro nesse momento, se compadeceria de mim e abandonaria essa funesta  
25 distração. Eu sinto a dor tolher-me os braços, constringir-me a garganta, subir  
precipitada do meu coração ao meu cérebro e penso que vou vê-lo morto, molhado de  
sangue, manchado de vermelho espumante desse líquido que é a vida... Não vá mais à  
caça. Pelo nosso amor, pelo nosso filho, pela memória de sua Mãe, não vá mais à  
caça, oh! vida dos meus olhos! Porque há de o destino afastá-lo para longe de mim,  
30 porque há de a felicidade, perversa e rude, levá-lo para a beira dos precipícios, para a  
garganta dos rios, para a atração irresistível dos despenhadeiros? Meu amigo, a caça é  
a sereia que o há de arrancar dos meus braços. Fuja da figura do fumo e do clamor das  
explosões das armas. Há tanta diversão por aí a fora... – Cafés, teatros, reuniões  
literárias, tanto passatempo distinto! ... Pois quer morrer! Quer também me matar,  
35 fazer-me o último dos viventes que caem ao doido movimento do seu esporte? Não sei  
o que eu tenho hoje, minha N. Senhora! Acredite. Vi-o cair da pedreira, espedaçar-se  
arrancando um grito horrível que me gelou o coração e me paralisou os movimentos.  
Ah! que dor eu não sentirei se o vir morto, frio, adormecido para sempre! O que há de  
ser do meu amor a arrepelar-se, a desfolhar o malmequer da dor, a gemer trincando os  
40 dedos nas paredes cerradas e negras do desolamento! Ah! eu não quero pensar nisto e  
sou arrebatada de momento a momento para encarar esse doloroso quadro em tintas

tão pavorosas! Como dói o amor! Como se enganam aqueles que veem no destino dos que amam o prenúncio de dois voos de ave unidas juntas, ferindo o azul suave e brando como a ternura! O amor é o desespero, o amor é a loucura, o amor é até a  
 45 perdição. Sentir o amor é sentir o desassossego, é encher o coração de trevas e de luz, é ter um quase nada de alegria contra uma grande, uma extraordinária porção de mágoas e pesares. Meu amor. Pela vida dos meus olhos, pela memória de sua mãe não vá mais à caça!

Eu o vi morto hoje, nesse momento, eu o vi cair da pedreira. Tenha dó dos  
 50 meus pressentimentos.

.....

E, duas horas depois, entrava pelo portão da quinta, manchando de sangue a laje de mármore, um cadáver conduzido por dois escudeiros.

### UM CASAMENTO NA ROÇA

Os preparativos – O dia da solenidade – Palestras matutas – Notícias da guerra – O jantar – Os brindes – A quadrilha e o samba

05

O foliculário, o cronista, o pintor tem na vida sua arte uma chave com que abrem todas as portas do mundo, e debuxam quando lhes apraz o que a imaginação pede.

Neste momento eu vos tomo pela mão e vos levo a assistir um *casamento na roça*. Não se vai de vestias apropriadas a essa cerimônia, nem se calça luvas, nem se  
 10 leva ao lado a figura graciosa de alguma interessante priminha. Vai-se de imaginação.

A estrada abre-se larga, vermelha ensombrada pelas sombras das jaqueiras, dos munzês, do pau pombo, ou da copa de matataúbas esguias, apumadas como uns verdes e belos paraguás. Da estrada toma-se um atalho cheio de degraus, embatido de  
 15 lianas e trepadeiras. Salta-se um cocovo, encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus, um boi amarrado a uma corda, pastando, de novo a estrada larga, e por fim a cancela e o pasto da fazendinha.

Nos dois dias últimos, antes do bródio, começa-se a limpeza da chanada do

20 engenho, asseio e arrumação das vasilhas, a remoção dos coxos de mel, a fim de que o pé do engenho dê lugar às exposições dos batuqueiros e á delicia do samba.

Mané Fele, o tocador de harmônica já foi convidado. O tocador de harmônica é quase sempre um mulato falando difícil, com um chapéu machucado, em forma de canoa e trazendo nos pés uns sapatos de lona já acalcanhados.

25 Na sexta feira chega o par de malas do noivo. Vem atacado de pacotes de arroz, a farinha de trigo, etc, etc.

Começa o serviço.

A azafama, o atordoamento se fazem sentir dentro de casa.

30 O rodicho move-se acelerado; no alguidar o beiju se enrosca ao calor do fogo e as palhetas da bateadeira de doce, às mãos da doceira, escumando o desmanchado dos ovos e do açúcar na panela grande, vidrada.

A dona da casa vai e vem na distribuição do serviço, enquanto no quintal desveste-se a bananeira das folhas mais novas ou pega-se a leitoa debaixo do cafezal, para o sacrifício do forno.

35 Casando-se à voz dos meninos no terreiro ouve-se a voz do pessoal na casa de farinha.

– Menina vira este beiju direito!

– Olha a folha não caia, olha o doce não vire[.] Toma sentido nesse forno!

[–] Francisca que dê Lóriano. Grita Lóriano aí fora!...

Do outro lado ouve-se a voz da noiva:

40 – Gente quem sabe fazê pingo dòvo?

– Cumade Santa. Grita uma morena gorda.

A Santa bota uns ares de fêssora da roça.

– Quem não sabe fazê pingo dòvo, gente?

Pingo dòvo é a massa da farinha com ovo, que se bota p’ra assá na carda.

45 – Não senhóra, isso é bolo de pobre...

– Apois não, in bolo de pobre se faz o bolo. In pingo dòvo se bota p’ra pingá...

– Você não sabe direito.

– Senhóra faça assim, que se não sair pingo dòvo sai um doce bem gostoso.

Nesse momento aparece à porta o fazendeiro.

50 – Sinhá Maria não se lembrou de encumendá a cumadre Joanna os topete!

– Apois tudo tá arrumado pra mim! Quem precisa dos topetes nem se mexeu?!

Do lado de fora gritam:

– Papai a cachaça não chega: o caixeiro diz que ela tá subindo.

55 – Mais cachaça, seu Aniceto, mais cachaça diz a velha. Você sabe cachaça o que é para essa gente.

À tardinha chega o noivo: comprou tudo o que precisava, ou antes, até o que não precisava, porque a Loja 'Bola Verde' ou a 'Marciano', que ele não disse qual delas, vendeu-lhe uma gravata verde e amarela, alegando que já é moda no Rio casamento com gravata bem brasileira...

60 De manhã prega-se folhas de pitangas e São Gonçálinho nos cantos das paredes. Já consertou-se a pinguela que abraça as margens do riacho há dez metros da porta e abriu-se a cancela porque estão já os animais todos no *arrancador*.

65 À noitinha celebra-se o casamento. Chega o padre, a casa está cheia de convidados, gente da cidade, gente da vizinhança, e o bródio se inicia, após a cerimônia dos abraços, dos parabéns e dos foguetes vagabundos que envesgam pelo ar à fora.

Há a cena emocionante dos abraços, dos parabéns, e a noiva não esquece ninguém, desde o Chico, tocador de boi, no engenho, até a tia Flora, negra cabinda, que em canto da cozinha, entretém-se a pitar o seu *tibero*.

70 O tocador preludia na harmônica uma polca ou a Maria pau. Os rapazes, arrastando os pés como se quisessem polir os tijolos da casa, lá se vão rodopiando com as damas pelo quadrângulo da sala.

De quando em vez o improvisador, que os tem todas as festas, atira aos dançarinos uma piada em versos laudatórios.

75

Gostei de ver nessa vorta

Nhá Chica como é ligeira.

*Cabra*, por ser bom na perna,

Não lhe toma a dianteira.

80

A gargalhada esfuzia. A pura lava as gargantas, e as quadras soam.

Vamos lá, prove a bichinha,

Tem sabor como ninguém.

85           É tal e qual a boquinha  
               Que se dá num querê bem.

              O pipoco do rojão estala no alto.

              Na varanda dois ou três fazendeiros numa familiaridade com agregados falam  
 90 do Brasil na guerra.

              E porque o Brasil brigou com a Alemanha seu Chico?

              – Porque ela disse que assim que acabasse a guerra de lá vinha tomá o café e o fumo todo que agente aprantasse.

              – Vinha tomá não; já inconfiou o seu dito. Um navio nosso que passava  
 95 carregado ela gargateou matou tudo e tomou o mantimento.

              – E que faz seu Ruy Barbosa nesse governo seu Chico?

              – Homem, o homem tá trabaiano. Mas os bichos são danado. Eles têm navio que mergulha esse mundão, sem botá a cabeça de fóra. Inté de no[i]te os homem tem umas figura umas mão invisive que sai, quando os soldado tão dormindo, apr[e]tando  
 100 o nariz e sufocando tudo.

              No outro canto da varanda conversam dois namorados.

              – Mecé tá doida, Quinóta!

              – Doida, é isso. Quem tem seu bem que não trata, outro trata e não dá mas ...

              – Mas que conversa contraminada é essa...

105           – Conversa? Eu não tava lhe vendo seu truviscado à buquinha da noite, não?

              – Ou muié de sercunstancia!... Criatura ciúme é um bicho brabo que não dá tenença p'ra se assumpta as coisa.

              Nisso ouve-se a voz do tocador de harmônica marcando a quadrilha:

              – *Embrecha: faz presença na frente de sua pareia; vorta cobrindo o rasto.*

110 *Changé de dama. Caminho da roça; apanhá maracujá; olha a chuva; subi ladeira, carangueijo; arrepita a dosea; travessê de malandrage; arrepita a dósea; Parma de mão de homem; idem idem com a mesma simílimas; visita, travessê de rapapé; vorta; presença na frente de suas pareia, Parma de mão de moça; com toda a cadencia; sortêa no consuante grande róda; seus lugà.*

115           Lá fora o pandeiro ressoa. Faz-se um círculo de mulheres, mocinhas, rapazes e de per si cada figura vai à roda e num cadenciado, onde o chão parece que foge ou o corpo parece que desliza, dança cinco, dez minutos, na toada viva, quente, fascinadora

da viola.

Quando cessa para um ligeiro descanso o delírio do samba, o tropeiro  
120 encostando a viola ao peito, como que abraçando a imagem do seu torrão querido,  
levanta a voz melancólica e canta cantigas que são uma paisagem viva, palpitante...

Éh tropeiro deixa  
Deixa meu lote passá  
125 Que a madama é presepeira,  
Maróca, lê, lê.  
Maroca, lá, lá...

Eu me recordo ainda do último samba que assisti[.] Foi numa noite de luar de  
130 maio, festa em regozijo à Liberdade. O samba em notas quentes vibrava o povo todo.  
Rompendo a parede humana, naquele calor de hálito e sudoração, uma rapariguinha  
magra, tafula, com saia de cassa pregueada em reps graciosos, a cintura breve, a  
chinelinha arrebitada, saltou no meio do círculo como uma corça. Os seus pés,  
castanholavam a toada do samba, as ancas se moviam como arrepio de um lago e os  
135 brincos, os cordões de ouro, as rendas, os olhos negros da rapariga, tudo dançava  
voluptuosamente, entontecedoramente...

Um marinheiro negro, musculoso, forte, tomou de arranque um pandeiro que  
estava ao seu lado.

A sua voz, cantando uma quadra àquela rainha do samba, desceu grave,  
140 dolente, magoada, depois subiu, elevou-se, esbateu-se no alto.

Foi como um leque que descesse e espanejasse o chão, foi como uma asa que  
subisse e varejasse o azul.

“Meu Deus que rochinha é esta,  
145 Que aqui stá sapateando?  
– Rôchinha, tu vai-te embora  
Teu amor stá te esperando...

Duas ou três horas depois, quando chega o major fulano ou o capitão sicrano,  
150 quase sempre fazendeiro de importância da vizinhança, começam-se os preparativos

da *janta*.

À cabeceira da mesa sentam-se os neo esposados, adiante o padrinho, e assim sucessivamente todas as pessoas gradas d ocasião.

155 Sentados, todos falam, a conversa abrange toda a mesa, sem faltar ainda os cochichos das meninas.

Só a noiva com os olhos quase debaixo do frocada do véu, mostra um sorriso amarelo a tudo que lhe dizem.

Aos primeiros bocados levanta-se um parente.

É a hora dos brindes. Todos se erguem, inclusive o par do noivado.

160 E o orador principia:

– *Senhor* noivo, *dona* noiva, pai da noiva, mãe da dita, *senhoras* donzelas, meus senhores:

165 Não tenho alimentos nem palavras acadêmicas para louvá aos noivos presente que honra esta mesa cuma um cazá de patinho branco, nadando alegre na superficialia dum riacho craro da cor das gotas de uruvaio reduzindo nas foia do bugarin aberto. (Bravos).

Não aprendi nas academia da capitá federá da Bahia, mas o peito do cidadão do povo, tão bem sente o jubro do prazê quando na su'arma se derrama aqueles arroubo que fizeram da Lira do poeta a corda do sentimento alimado. (Bravo.)

170 Neste tempo de horrô em que se compra tudo pela hora da morte só pur via dos caprichos da istranja, neste henisfero do sú onde um cidadão morre cumo um cavalo e um cavalo cumo um cidadão estalado no meio das rua, furminado pulo raio de só de 24 degraus na sombra; num paiz, finarmente, onde os membros só véve de mastigá discurso, se esquecendo de se interá do que nós soffre; é corage, é tê-amô à moça para  
175 um cidadão inleitô si uni pelos laço do hymeneu, Cuma Adão e Eva no paraizo térrea. (muito bem).

Por consequência vamos bebê a saude deste cazá feliz que miricia neste momento sê palitographado. Tenho incruído.”

Nesse momento Mané Fele executa na harmônica o hino nacional.

180 Pela madrugada aos primeiros clarões doirados no horizonte, o samba ainda se escuta vivo, forte, tangendo para o alto a cantiga, numa saudação ao dia que desponta.

“A barra do dia ê vem,

185 Silivéra!  
 Peguemo o dia cá mão,  
 é de véra!"

### É PRECISO PERDOAR

É preciso perdoar! Quando um gesto de perdão nos sai dos lábios, o coração sobe um pouco além das misérias da terra.

05 Perdoar não é humilhar-se: perdoar é crescer de conceito é faz[er] uma troca onde se fica com a melhor parte. Trocar o ódio pelo perdão. Isto é, devolver a ofensa e guardar a ideia de um bem que se não espera recompensa.

10 É preciso perdoar. Nós descemos ao mundo para subir ao céu. Sim; o céu à a claridade do amor do próximo, dentro de nós: o céu é eternidade do bem, o céu não é tanto a ma[ns]ão onde se goza o não fazer nada, como o estado de saúde da consciência, a compreensão de que o mundo é uma família e nós devemos ser bons filhos e bons irmãos. Onde a bondade está vibra a alma de toda a grandeza do Universo.

Ser bom! Olhar sem ambições e sem inveja a ascensão do seu semelhante.

15 Não ter as paixões que envenenam a alma, que transformam orientações e desviam a [m]archa do trabalho honesto. Sufocar a vaidade. A vaidade a rainha da ostentação, que se enfeita de ouros falsos, de claridades que cegam, e que transforma muitas vezes um trapo abandonado em um torçal faiscante do mais caro tecido do Oriente.

20 E a hipocrisia, essa máscara deformadora que vê no espelho das suas ações poses de um rosto de Salomé, graças de um sorriso de Afrodite.

É preciso perdoar.

Nada se lucra em pagar ofensa com ofensa. Cometer um desatino é colocar-se na linha do seu [...] e pequeno, porque toda a ofensa vem do chão e volta para o chão.

25 Nada deve ser mais agradável ao pensamento do que a ideia do perdão. Não há conforto mais verdadeiro, nem mais verdade no conforto.

Recua as tuas mãos prontas para a vingança e pensa bem nestas palavras.

A vingança é vermelha como o sangue e o sangue é uma tinta que se não apaga  
jamais da consciência daquele que o faz brotar. O sangue é a tinta do ódio, é a púrpura  
30 de que se veste a vingança, é a bandeira que se agita em todas as batalhas da vida, até  
mesmo da Lei contra o Crime.

Só o perdão fará recuar o crime na disparada. Porque a força daquele subir e  
clarear o mundo este terá de desaparecer, de anular-se, de se tornar um nada.

É o perdão quem cria a paz; é o perdão quem valoriza o homem, é o perdão  
35 quem faz o homem ter os pés acima do todo imundo das misérias da vida.

É preciso perdoar.

### A TRISTE SERENATA

A música, certas horas, é a emoção que se encarna em voos de sonho. É uma  
05 espécie de pastor de Arcádia que reúne num só rebanho todas as recordações  
dispersas, todas as coisas vividas e já gozadas e que dormem como lírios albrantes e  
tristes debaixo do crepúsculo silencioso do passado.

Foi uma destas canções, uma triste serenata tangida pela nervosidade do arco  
de um violino que me fez recordar no coração aquele grande amor que eu insistia por  
esquecer, por enterrá-lo na mesma sepultura de sonhos em que ela encerrara todos os  
15 que lhe alimentavam a alma, no estuar da grande paixão que foram os passos mais  
felizes da nossa vida.

E senti naquele momento erguer-se do fundo do cenário a sua figura suave de  
Santa Thereza nimbada mais de cinco anos pela claridade latente dos meus olhares.

20 Como nos encontramos? Como nos prendemos nesse amor sem remédio, nessa  
paixão que teve a alegria de um sonho de criança e a amargura e o imprevisto violento  
de uma tragédia atordoadora de Ibsen?

25 Nem eu o soube, nem ela o soube, alheios que vivíamos a esse encontro de  
almas, a essa atração viva e sorrateira de duas naturezas verdadeiramente entranhas.

Amamo-nos. Foi a primavera florida em desejos nunca satisfeitos, ambições  
30 sempre crescentes: foi a alegria atordoadora. Pode-se dizer que fomos duas crianças a  
correr pelo gramado verde de um monte, na persuasão de tocarmos com as mãos o

azul desmaiado do céu sem nuvens.

35 Veio depois o inverno da separação, a frieza do longínquo, a tortura da recordação e esse grito mudo das lágrimas a descerem como fontes pequeninas pelo escarnado das nossas faces.

Choramos. Porque a vida tem esse espelho d'águas onde se vem mirar a amargura? Porque a felicidade é tão leve como o sonho e a desgraça é tão pesada e fria como a parede de mármore dos sepulcros?

Aquela música mordida-me as carnes como o aperto de um bárbaro cilício. Subia-me do coração aos olhos, contraía-me o tecido nervoso, dava-me vontade de apagá-la, de amortecê-la com o ruído de uns grandes soluços.

O luar... O luar é a janela aberto para a tristeza. Parece um balcão de luz onde a saudade faz orações ao passado. Todos os que sofrem devem fugir dessas lâminas de prata que cortam tão surdamente o coração da noite. Bendito aquele que tem os olhos mudos para a contemplação dos astros e os ouvidos cerrados para a triste serenata que o peito dos violinos soluça na claridade vaporosa do luar.

Ah! a música, certas horas, é uma espécie de pastor de Arcádia que reúne num só rebanho todas as recordações dispersas, todas as coisas vividas e já gozadas e que dormem como lírios albrantes e tristes debaixo do crepúsculo silencioso do passado.

## OS TEUS OLHOS

Benditos os olhos que se abriram para os meus olhos!

05 – Lâmpadas acessas na noite do meu sonho, flores tristes, abertas no jardim do meu silêncio, olhos de piedade, olhos de luz que foram os teus olhos, que são agora os teus olhos!

Vi-os, ontem, espelhando em alegrias. O que teriam visto os teus olhos?

10 A radiosa eclosão do meu amor? o sol nascente desse dia, em que o meu beijo, como uma abelha de ouro, vá buscar, num ruído de azas, o mel fragrante dos teus lábios?

Ah! nem eu sei te dizer, oh minha alma torturada de poeta, toda a luz, todo o perfume, toda a emoção que há na tremura de um beijo, não na tua boca, essa romã

partida; não em tua boca, essa rosa escarlate, vazada em coral do Tirreno, mas nesses  
 teus olhos, nessas pupilas fechadas como dois escrínios de âmbar, onde se escondem  
 15 os diamantes negros, os dois lindos escravos negros da tua alma sonhadora de  
 Sulamita!

Os teus olhos! Onde, meu Deus, já eu vi tamanha luz que me cegasse a  
 reflexão, que se derramasse até o fundo de minha alma e fosse luz e fosse treva, e  
 fosse aurora e fosse crepúsculo; centelha que me incendiou esta paixão, paixão que  
 20 apontou o meu destino, destino que é feito de gozo e de sofrimento.

Olha-me, de novo, assim, eu te peço.

Benditos os olhos que se abriram para os meus olhos!

Eles me apontaram caminhos desconhecidos na região da ternura; eles me  
 fizeram gozar o consolo do afeto sem interesses mesquinhos, a graça do sorriso que  
 25 nunca floriu e iluminou tão suavemente os meus lábios.

Dormem num voo de saudades, os teus olhos! Brilham num grito de luz,  
 fascinam, apontando esperanças longínquas, os teus olhos!

Ah! que poeta louco eu fui! Toma os meus pulsos, algema os meus braços,  
 rudemente, dizes que me não amas, que me odeias, mas dá-me o sorriso dos teus olhos  
 30 e eu, escravo e humilde, desprezado e desquerido bendirei, satisfeito, alheio a todas as  
 dores, esses dois diamantes negros, essas duas lâmpadas acesas na noite do meu  
 sonho!

Benditos os olhos que se abriram para os meus olhos!

### MINHA LUZ

Minha luz! Deixa que eu te chame Minha Luz. Tu espancaste as trevas da  
 noite do meu recolhimento. Tu acendeste a aurora triunfante que aí vem derramando  
 05 claridades desconhecidas, dentro deste mundo de incertezas que eu vivia. Foi o  
 deslumbramento do teu olhar, foi a graça arrebatadora do teu sorriso, foi a música  
 sagrada da tua voz... o que teria sido, que me arrastou para a dor deste convívio  
 humano, que me arrancou da penumbra, que me trouxe de lá da sombra da árvore da  
 desilusão para a luz da fé, para a cidade do sonho e da beleza?

10 E torço as mãos, rindo de dor e de felicidade. O que é a dor senão a felicidade na terra? O que a felicidade senão um trago demorado da amargura da dor? Ouve, é um poeta que te fala. Os poetas têm dentro de si a compreensão abençoada da velhice a alegria ingênua da quadra infantil do homem.

– Há muitos anos eu busquei com o meu passo e com as minhas ações a vitória  
15 de um dia feliz.

Conheci o perigo do convívio das sociedades, vi se galvanizar a mentira, senti o dente da traição morder-me a carne, senti o sopro vampírico da lisonja umedecer-me o rosto. E não triunfei.

Desiludido, com o coração sangrando a dor das desesperanças voltei ao que  
20 era, e os olhos que se haviam acostumado a fitar, como os magnetizadores, as grandes claridades, começaram a olhar para o chão, unicamente para o chão.

Mas tu fizeste, de novo, os meus olhos se erguerem. Não me arrastes para o convívio humano; não, não me arrastes.

Deixa-me deslumbrado com esta luz que me trouxeste e que eu não sei se vem  
25 do teu olhar, da graça arrebatadora do teu sorriso, da música sagrada da tua voz...

Minha Luz! Minha Luz! Minha Luz! Minha Luz!

## ROSAS

Rosa rubra, coração em sangue, vaso de nácar onde a natureza guarda o  
tesoureiro dos seus perfumes!

05 Ó minha doce amada, ó minha rosa rubra desse jardim de afetos, onde a minh'alma derrama sobre cada canteiro a frescura vivificante da recordação!

Foram canteiros de rosas todos os meus amores.

Aquela que apareceu no dealbar da minha juventude, aquela que me tomou as  
mãos e me abriu os olhos para o amor, foi uma destas pequeninas rosas que se  
10 levantam petulantes, na copa verde e trançada do roseiral agreste.

Depois, o amor me fez buscar outros olhos de mulher. O meu grito de alegria foi como o de um grande poeta que vê, dentro da verdura, a caçoila fragrante, a capela branca de uma rosa cor de neve. E eu vivi ungido de perfumes; embriagado de sonhos,

vibrante de emoções! E, rosas, todas elas vieram para mim, todas elas eu fui buscar,  
15 enchendo este canteiro de ilusões, embebido na tristeza e na alegria dos meus cantos.

Ela, a grande morta, aquela trabalhadora discreta de versos maravilhosos,  
aquela que tinha no pensamento e no coração toda a luz vivificante da estrela da Arte,  
aquela, não foi mais na minha vida do que uma grande rosa de ouro, rosa feita de  
pétalas de sol, que me deslumbrou, que me trouxe a vida ofegante ébria de sonhos e  
20 de encantos.

Depois, fiquei-me jardineiro de ilusões, a cultivar estes canteiros de afetos  
mortos, esses roseirais da Beleza, triunfante e serena.

Vieram manhãs rosadas e frescas. Vieram tardes fragrantas, onde a brisa teve  
queixumes doces e sentidos...

25 E eu vivi cuidando deste roseiral de afetos.

Até que um dia, tu vieste, rosa rubra, rosa escarlata; tu vieste perfumar este  
horto sagrado dos meus amores.

Que alegria de mocidade anda dentro deste meu coração agora!

30 Sim, tu és talvez a derradeira rosa desta coroa de afetos que a minh'alma teceu  
debaixo da harmoniosa surdina das minhas canções de amor.

Sim; tu és a derradeira rosa.

Rosa rubra, rosa escarlata, coração de sangue, vaso de lacre onde a natureza  
guarda o tesouro dos seus perfumes!

35 Oh! dona dos meus olhos, oh! sulamita do meu cântico dos cânticos! Sim,  
morena tu és! ...

Rosa rubra, rosa escarlata!

### O QUE EU DISSE A ELA

O celibato, *mademoiselle*, a própria etimologia da palavra está indicando que é  
o mais doce, o mais santo dos estados na terra. – Cæli beatitude: a beatitude do céu.

05 Casar, para que *mademoiselle*? Para ter a vida pensada e cuidada como uma  
ferida? Ter a vida melodiada como um relógio burguês? E onde está toda essa  
ambição do homem suspender-se acima da terra, desenvolver sua personalidade,

cultivar junto às fontes da inteligência os lírios da pureza da alma e as rosas rubras e venenosas de todos os vícios? Não se escandalize. O talento é uma flor que resiste ao bafio quente que estas ideias expõem. O homem deve viver a vida heroicamente, triunfante. Deve dar expansão aos seus ímpetos. Se o ouro da vontade falha aqui, deve o homem buscá-lo no veio de outra terra; se o destino com seus dedos de ferro sufocar as suas ambições, ele não deve ficar a rezar em contas de lágrimas, junto ao cadáver daqueles desejos mortos. Adiante há sempre uma porta aberta para a escalada de um sonho; ha sempre o espelho d'água para a vaidade de um luar e o abismo florido para a queda e o aniquilamento de um corpo. Sim; porque aquele que deslumbrado da luz dos grandes sóis se desvia do rumo do pensamento, tropeça e desce na noite profunda do abismo da desgraça.

Ora, o casamento é a pena, a algema rude e surda das ilusões do homem. Casar é cortar as asas aos ímpetos, às ambições, às loucuras do Adão de todas as épocas.

Não se escandalize. Nem todos pensam como eu. A maioria cultiva com uma vaidade desmedida e um carinho extremo a árvore bíblica da família. Há quem ache que o amor é a única felicidade na terra. Não acredite. O amor é o veneno da vida... é o instrumento da morte, é a asa do desespero. Todo aquele que quiser tranquilidade feche os olhos ao aceno fatídico do amor.

Levante a vista para o alto, deite-se com o olhar para as estrelas, abra as janelas do coração a esse deslumbrante sol do esquecimento. Julga a senhora que só o amor semeia ilusões, emite prazer e lavra desejos da cor do céu?

E a vida cheia de liberdade? E a vida iluminada de ambições de Arte? E a vida solitária, o maior presente dos deuses conquistado pelo homem?

Acha a senhora que eu me deva casar? Isso é uma loucura, *mademoiselle*.

As minhas ideias são flechas que visam um alvo contrário. Não sabe a senhora como eu admiro esses seus lindos olhos. Dá-me vontade de fechá-los, às vezes, num escrínio de beijos. A sua voz tem seduções guardadas, tem a maciez de sedas do oriente e perfumes esquisitos de estranhas Mussumés. Acostumei-me a vê-la, *mademoiselle*, todos os dias, a soprar na concha do seu ouvido toda a brandura desses meus pensamentos, diferentes dos outros homens.

Mademoiselle rir-se sempre e afirma invariavelmente que eu hei de abandonar o jardim silencioso do celibato, hei de sorrir magnetizado à carícia do Amor. Olhe, eu

só mudarei de ideias se alguém, formosa como a senhora, me viesse pedir em casamento.

.....  
 – Serio? Perguntou *mademoiselle* erguendo-se de um salto da cadeira, enquanto os seus olhos brilhavam de alegria, fascinavam, dando uma harmonia nova e sedutora às linhas do seu rosto.

### O CATULO DAS PRAIAS

Faltava-me a esse encanto a esse meu deslumbramento pelas praias, conhecer de perto, sentir junto de mim a harmonia selvagem e comovedora do oceano casar-se  
 05 com a harmonia subtil e quente da verdadeira poesia nacional.

O encontro com o maior interprete da modinha brasileira, no meu estado, deu-me essa alegria. Ouvir Durval é ouvir a garganta privilegiada do verdadeiro cantor do Norte. A voz tem a quentura consoladora das selvas, o ritmo dos seios empinados das nossas cafuzas, essas a quem o poeta anônimo baiano chama de 'minha folhinha de  
 10 coentro', 'meu caroço de dendê', 'meu cajueiro miudinho, carregadinho de flor'.

Catulo derrama na concha dos nossos ouvidos verdadeiros poemas de arte, ajustados na linguagem incorreta[,] mas florida e imaginosa dos nossos sertanistas e campinos.

As suas modinhas imprimem todo o lirismo troveiro do nortista, alma apaixonada, que sabe de um arranco dar a música numa rés tresmalhada e sabe na  
 15 viola chorar magoas e sorrir doçuras abrindo as janela do coração ao sol doirado e quente do amor.

Tua sombra cheira mais

Que o almo jasmineiro todo em flor...

20 Que deliciosa imagem onde se espelham os estos vivos da mais ardente paixão!

E isto arrancado pela garganta de Durval tinha vida, tinha alma, a música era de sedas e de rumores, flechava o céu, descia como um trinado quente, de ave, e se arrastava pela tremulina do mar, cantor também de praias, nosso irmão de trovas,

25 nosso artista maior da poesia da natureza.

O violão é o companheiro imprescindível do boêmio. É no bojo moreno do violão onde a trova faz o seu ambicionado ninho. O violão fala, soluça, geme, porque não há cantiga brasileira[,] onde não venha perto o sorriso da amargura e a melancolia dos corações alegres. O violão fala, estridula, arranca na escala acromática a gargalhada triste do Pierrô que procura saudoso a sua Columbina e que, se em todo carnaval não a descobrir[,] ele promete, sob sua palavra, acabar com a vida.

30 Modinhas... Para que se ir buscar lá fora, no trêmulo das gargantas educadas pela concepção musical de outras línguas, de outros idiomas, as tonadilhas, as *cançoneteas* de Montmartre, as *zarzuelas* valencianas e as saltitantes *canzonettas* de Nápoles, se a modinha congraça todos os motivos dispersos, se ela é dor, alegria, carícia, desprezo, beijo e frenesi, paixão e amor?

Borboleta dos sonhos felizes, a modinha é luz e sombra, tranquilidade e desassossego. Há no seu ritmo cadência de remos em águas de lagunas, amanhecer de rosas ao esplendor de primaveras, beijos fragrantos em arrulhos de pombas amorosas.

40 A modinha nascida do gênio improvisador do estudante negro Caldas Barbosa tem hoje no mulato nortista Catulo Cearense o continuador, mais requintado e fértil.

E Catulo achou, para a gloria do seu gênio, quem o interpretasse fielmente nas formosas praias baianas.

Bendita essa paz do meu espírito, vendo o mar meu amigo, e meu irmão de arte e ouvido, sentindo a harmonia subtil e quente da verdadeira poesia nacional!

### **Marinhas de Caixa-pregos**

## **A NOVA CRUZ DE CRISTO**

Quando a pecadora perguntou ao maior reformador das leis humanas o que era preciso para entrar no reino do céu, Ele respondeu, naquele símbolo de sacudir o pó das alpercatas e segui-lo, que limpasse a alma, se desfizesse dos apegos mundanos e lhe acompanhasse o passo.

Hoje se a nossa consciência perguntasse a Jesus Cristo o que seria preciso para vivermos n'Ele e morrermos com Ele, a sua resposta seria: toma a tua cruz e caminha

pela vida.

10 Esta cruz que Ele, o pastor das almas, o guia da montanha celeste nos aconselha que tomemos, não é feita de três pedaços de madeira, nem representa castigo ignominioso.

A nova cruz da redenção é feita de três ofícios apenas, três atos que nos enchem de flores e de acúleos a estrada da existência. Três ofícios que se distinguem  
15 individualmente, formam, entretanto, um todo que se resume apenas em três harmoniosas palavras: caridade, humildade e bondade.

É tão complexa a função humana e divina da caridade! A caridade é a vitória do coração do homem sobre a ambição do homem. É o vestir do pobrezinho desnudo, é o alimento ao estômago faminto, é o abrigo ao caminheiro sem pouso, mas que  
20 grande ofício é o da caridade quando ela é o conselho da experiência ao ouvido da juventude ferosa e irrefletida; quando ela é a defesa á donzela prestes a escorregar no abismo do vício; quando ela é o perdão ao próprio inimigo, porque a maior caridade que o homem faz na terra, a si e aos outros, é limpar o coração dos rancores e ódios, das paixões e malquerenças.

25 A caridade por si só encarna as três virtudes teologais. – A caridade é a fé, porque é a convicção de que é a verdadeira escada para o céu; a caridade é a esperança, porque ela possui as únicas asas que nos podem levar ao céu; a caridade é a caridade, porque ela é o próprio céu dentro do coração do homem.

O outro braço desta nova cruz de Cristo é a humildade. E o que é a humildade,  
30 senão a alegria do espírito? Todo aquele que tenta subir os soldos da fama, nas asas do orgulho cai como um Ícaro destemeroso num mar sem salvação. O orgulho há de ser sempre as asas de cera da fábula.

Ser humilde é conquistar a consolação para a sua alma; é trabalhar debaixo de uma fé nova para uma conquista nova; é ter atrás de si, sobre a sua cabeça a inspiração  
35 divina, porque o próprio Jesus disse que no reino da eternidade os últimos serão os primeiros. Quanto mais te abaixares na terra mais tocarás no céu, disse Santo Agostinho.

O corpo desta nova cruz de Cristo é feito, todo inteiro com o exercício da bondade.

40 Aquele que é bom, é caridoso; aquele que é bom é humilde, e é por isso que a caridade, a humildade e a bondade se completam, formando um todo de admirável

perfeição espiritual.

É tão fácil ser bom! Cultivar a bondade é dar asas ao coração, para que ele se levante acima das misérias humanas; cultivar a bondade é reunir todas as ofensas que se lhe atirarem e fazer delas um crisol de sofrimento, por onde se apure um pouco da graça de Deus; cultivar a bondade é semear, sem esperanças de lucros e resultados, tantos benefícios quanto estiverem ao alcance do nosso esforço; cultivar a bondade é pagar o descaso com o carinho, o desdém com o afago, o apróbrio com o perdão.

Cultivar a bondade é mais do que exercer a lei divina do perdão.

O perdão é uma claridade que se abre numa rosa de luz e se apaga muitas vezes no coração de quem dá e quem recebe. Mas a bondade vai além do perdão, porque ela derrama na chaga aberta e doída da ofensa a gota fresca, demorada e aliviadora do remédio.

Quanto mais a fortuna, a sorte, o merecimento elevarem o homem a posições adiante dos seus iguais, mais este homem deve honrar a Deus, cultivando estes três roseirais do horto humano: o ofício de ser humilde, o ofício de exercer a caridade, o ofício de repartir a bondade.

**Marinhas de Caixa-pregos**

## 5 ESTUDOS DO LÉXICO: EMBRICAMENTO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

Para o pesquisador que queira enveredar-se pelos caminhos múltiplos e, ao mesmo tempo, entrelaçados do léxico de uma dada língua, deve, primeiramente, estudar profundamente a cultura do povo que dela faz uso. Isso porque seria impossível compreender uma língua sem conhecer o ambiente físico e cultural do qual faz parte, uma vez que é, simultaneamente, representação e “produto” de uma sociedade.

Nessa perspectiva, a língua é a manifestação mais singular que caracteriza o ser humano, sendo a via de acesso ao mundo circundante. Saussure (2006, p. 17) afirma que a língua é “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Nesta perspectiva, a língua é regida por regras e construída em sociedade.

Destacamos, pois, o que nos parece mais óbvio nisso: o indivíduo tão somente pode adquirir uma língua e relacionar-se com seus pares a partir da convivência num dado corpo social. Acerca disso, Lyons (1981, p. 274-275) afirma que “[...] não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é culturalmente transmitido: é adquirido, embora não necessariamente aprendido, em virtude do indivíduo ser membro de determinada sociedade”. Sendo assim, é por meio das relações estabelecidas no seio social que o homem adquire a língua, por meio da qual percebe o mundo, externa sentimentos, manifesta-se das mais variadas formas.

Faz-se necessário, por conseguinte, destacar que a palavra cultura “[...] pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente [...]” (LYONS, 1981, p. 274). Podemos ainda afirmar, a partir de Câmara Júnior (1972, p. 266), que a cultura “[...] é, neste caso, o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas...”. Portanto, não há como dissociar língua e cultura, uma vez que estão intrinsecamente relacionadas: se, por um lado, a cultura se manifesta e é transmitida por meio da língua, por outro, a língua só se constitui num ambiente sociocultural.

Parece, portanto, haver consenso entre os especialistas que língua, cultura e sociedade estão imbricadas, não sendo possível tratar de uma delas sem, necessariamente, considerar as demais. De acordo com Abbade (2003, p. 141), “[...] a língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais”. Logo, tudo que diz respeito ao universo circundante de

uma dada comunidade é manifestado pela língua. O que significa dizer: pelo léxico da mesma.

Nessa perspectiva, no processo de tomada de consciência, de nomeação do universo e de preservação da memória, o homem lança mão de um determinado conjunto de palavras, simbolicamente contextualizadas. Como afirma Vilela (1995, p. 78) “o léxico não é uma soma de nomenclaturas, etiquetando a realidade: a transitoriedade das coisas e do mundo, a história e o devir aninham-se no interior do léxico”.

Destacamos, pois, que o léxico deve ser entendido como um sistema em funcionamento. Afinal, como afirma Vilela (1994, p. 6), “[...] o léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade”. Ou seja, é no funcionamento da língua que a vida de um povo é significada. Por meio dele são arquitetados os pensamentos, as percepções e sentidos inerentes à realidade.

Por conseguinte, hão de serem levadas em consideração as múltiplas relações concernentes ao funcionamento do léxico. Não se trata de palavras soltas, mas, pelo contrário, de *lexias*<sup>32</sup> que são organizadas em estruturas, as quais ganham significados a partir dos contextos nos quais se inserem. Isso nos permite afirmar que, assim como as manifestações culturais, o léxico muda. Por conseguinte, é possível analisar os costumes e tradições de uma época através do léxico.

A este respeito Dourado (2010, p. 42) pondera que se

[...] o léxico armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico específico de um povo pode fazer emergir elementos significativos ligados ao modo de viver, às crenças, à visão de mundo, às angústias, à história deste mesmo povo, então investigar uma língua certamente é o primeiro passo para esquadrihar a cultura dos seus falantes.

Desse modo, não há como negar o papel da *lexia* na constituição do homem enquanto ser no/do mundo. Conforme dito, é por seu intermédio que ele sente, pensa, se relaciona com os outros e com as coisas. Através dela é que se pode perceber e entender a realidade na qual está inserido.

---

<sup>32</sup> Faz-se necessário distinguir palavra e *lexia*. Embora pareça ser sinônimos, a primeira é "um genérico tradicionalmente usado na língua" pelos falantes, a segunda é uma *palavra* com significado social. A palavra pode ter significado morfemático (como artigos e preposições, por exemplo), enquanto que a *lexia* tem significado lexemático. O que significa dizer que podem fazer referência a coisas abstratas ou concretas, mas sempre apresentando um significado atrelado a um contexto específico. (ABBADE, 2011, p. 134).

Nesse sentido, os textos de Anísio Melhor, resgatados do periódico *O Conservador*, mostram-se como reveladores do *modus vivendis* do povo do Recôncavo baiano, especialmente da cidade de Nazaré – BA. Isso porque, de acordo com Santos (Apud. QUEIROZ, 2009, p. 10), a literatura favorece um olhar profundo acerca dos “valores de um sujeito em determinado tempo, daí optar-se por desvendar o modo de pensar e agir de um povo numa dada época por meio de suas produções, de seus escritos, de suas manifestações culturais”. Sendo assim, os textos literários trazem a lume traços da realidade vivida pelo autor. A este respeito, Cândido (2006, p. 29) pondera que “[...] a literatura é também um produto social exprimindo condições de cada civilização a que ocorre”.

## 5.1 O LÉXICO EM FUNCIONAMENTO: A LEXEMÁTICA

O homem, a partir das relações com o mundo, com os demais seres, viu-se na necessidade de nomear as coisas. Dessa necessidade provém todo o acervo vocabular de que dispõem as comunidades linguísticas. Assim, cada língua apresenta um vocabulário que é representativo do seu universo.

Embora os estudos do léxico remontem a tempos pretéritos, a Lexicologia é uma ciência atual cujas origens estão ligadas aos estudos da Linguística Românica, sendo que os trabalhos iniciais surgiram em meados do século XIX e início do século XX com a chamada semântica evolutiva ou história das palavras (BIDERMAN, 1981). Ainda de acordo com Biderman (1981), outras duas áreas tiveram destaque nos estudos do léxico no referido período, a saber: o domínio de "palavras e coisas" e a Geografia Linguística. Esta teve larga produção sendo H. Schuchardt (1899) seu pioneiro, seguido dos trabalhos de Gilliéron, Jab e Jud (com a etnolinguística em 1928), Rohlfs (1954), Manuel Alvar no domínio hispânico e Paiva Boleo no domínio português.

Biderman (1981, p. 131) afirma, ainda, que "[...] embora privilegiando diversos tipos de enfoques, estas três áreas [**Palavras e Coisas; Geografia Linguística e Etnolinguística**] sempre relacionaram o léxico à cultura". O que ratifica a ideia, que defendemos no presente texto, de que não se pode estudar uma língua, ou mais especificamente o léxico da mesma, sem levar em conta o espaço e o tempo no qual se insere e, conseqüentemente, todo o arcabouço espiritual e material da sociedade que dele lança mão. Por conseguinte, o funcionamento do léxico é influenciado (e, talvez possamos dizer, determinado) pela maneira

particular como a realidade é percebida. Conforme pondera Coseriu (1977, p. 105): "[...] el conocimiento de las cosas y las ideas y opiniones acerca de las cosas no dejan de intervenir en el funcionamiento del léxico"<sup>33</sup>.

Nessa mesma direção, Vilela (1995) afirma ser o léxico um conjunto de conhecimentos partilhados por uma dada comunidade linguística:

O léxico é numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado. (VILELA, 1995, p.13)

Como ponderou Biderman (1981), podemos afirmar que o léxico é o âmbito da língua mais extralinguístico, uma vez que depende, sobremaneira, das relações empreendidas com a realidade. Ainda segundo Biderman (1981, p. 132):

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias. [...] a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo. [...] É pela palavra (diríamos a nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e generalizar o individual, o coletivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Não se trata de um processo simples, mas o mesmo ocorre de forma espontânea, visto que todos os indivíduos, em razão de ter a capacidade de adquirir uma linguagem e de fazê-lo no coletivo, vão adquirindo o vocabulário próprio de sua comunidade. Além disso, a transmissão às gerações futuras é, de certa maneira, involuntária, já que os indivíduos vão adquirindo o **tesouro léxico** por meio das relações sociais que estabelece.

Justamente por conta desse caráter extralinguístico é que se torna difícil uma análise estrutural do léxico, embora isso não implique que o mesmo não seja passível desse tipo de análise. A este respeito, Coseriu (1977, p. 26), na sua formulação da teoria lexemática, afirma

---

<sup>33</sup> O conhecimento das coisas e as ideias e opiniões acerca das coisas não deixam de intervir no funcionamento do léxico. (Tradução livre).

que "[...] si puede ser cierto que el léxico es el dominio menos estructurado de la lengua, ello no impide que sea susceptible de um tratamiento estructural[...]"<sup>34</sup>.

Conforme Coseriu (1977), essa estruturação não precisa (e não é possível) incidir sobre todo o arcabouço lexical de uma dada língua. Isso inviabilizaria o trabalho. No entanto, ao propor que sejam estabelecidos os traços distintivos das unidades lexicais o mesmo sugere que se faça aos poucos, por partes: "[...] Se puede comenzar, más modestamente, por establecer sistemas parciales bastante simples, reservando-se la posibilidad de ordenarlos ulteriormente em sistemas más complejos [...]"<sup>35</sup> (COSERIU, 1977, p. 26).

Para que melhor compreendamos a proposta de estruturação do léxico formulada por Coseriu, é imprescindível considerar a distinção que o mesmo faz entre norma e sistema:

A norma abarca todo lo que, en la 'técnica del discurso', sin ser necesariamente funcional (distintivo), está tradicionalmente (socialmente) fijado y constituye uso común de la comunidad lingüística. El sistema, por el contrario, abarca todo lo que, dentro de lo tradicional, es, 1376 mismo tiempo, objetivamente funcional (distintivo). La norma corresponde aproximadamente a la lengua como 'institución social'; el sistema, a la lengua como conjunto de funciones distintivas (estructuras oposicionales)<sup>36</sup>. (COSERIU, 1977, P. 126).

Nessa acepção, é no sistema que as possibilidades linguísticas se realizam. Assim, a norma trata de tudo que já está instituído na língua, enquanto que o sistema diz respeito, também, ao que poderá vir a ser, isto é, aquilo que é possível dentro das regras da língua.

Coseriu faz referência à teoria de Saussure quanto ao significante e ao significado e mesmo quanto à consideração de língua como sistema estruturado que deve ser analisado em seu conjunto. No entanto, seu enfoque não incide sobre a dicotomia língua X fala, mas apresenta um modelo de análise que objetiva trabalhar as associações entre as unidades léxicas. Assim, estabelece uma distinção entre *relações de significação* e *relações de designação* a fim de situar o lugar das estruturas lexemáticas.

Las relaciones de 'significación' son las relaciones entre los significados de los signos lingüísticos (a); las relaciones de 'designación' son las relaciones entre los signos lingüísticos e los 'objetos' (la realidad a que se

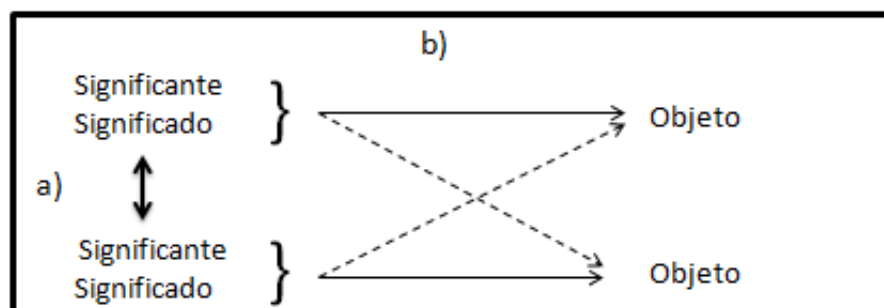
<sup>34</sup> Se pode ser certo que o léxico é o domínio menos estruturado da língua, isto não impede que seja suscetível de um tratamento estrutural. (Tradução livre).

<sup>35</sup> Se pode começar mais modestamente, por estabelecer sistemas parciais bastante simples, reservando-se a possibilidade de ordená-los posteriormente em sistemas mais complexos. (Tradução livre).

<sup>36</sup> A norma abarca tudo que, na 'técnica do discurso', sem ser necessariamente funcional (distintivo), está tradicionalmente (socialmente) fixado e constitui uso comum da comunidade linguística. O sistema, pelo contrário, abarca tudo o que, dentro do tradicional, é, ao mesmo tempo, objetivamente funcional (distintivo). A norma corresponde aproximadamente à língua como 'instituição social'; o sistema, à língua como conjunto de funções distintivas (estruturas oposicionais). (Tradução livre).

refieren e a la que 'representan' en el discurso)<sup>37</sup> (b). (COSERIU, 1977, p. 130, grifos do autor).

**Figura 15:** Relações de significação e designação



**Fonte:** Coseriu, 1977, p. 131

Partindo de tais considerações, apenas as relações de significação são passíveis de estruturação. Isso porque as designações são inconstantes e podem ser de natureza metafórica, o que inviabilizaria o esquema estrutural.

Levando em consideração que as unidades léxicas apresentam duas faces (expressão e conteúdo), segundo o autor, é no plano do conteúdo que a proposta estrutural deve centrar-se. Embora seja possível haver estruturas de expressões, é no âmbito do conteúdo que as estruturas mais coerentes podem ser estabelecidas.

Conforme esta linha de pensamento, a Lexemática apresenta cinco estruturas, a saber: campo léxico, modificação, desenvolvimento, derivação e solidariedade. Trataremos do primeiro tipo, visto que é central no nosso trabalho.

Um campo lexical pode ser entendido como

Un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos lexemas subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre si por diferencias mínimas de contenido léxico ('rasgos distintivos lexemáticos' o *semas*). (COSERIU, 1977, p. 135, grifos do autor).<sup>38</sup>

Sendo assim, as lexias se organizam num campo de significação, diferenciando umas das outras por traços que as distinguem. Podemos, então, afirmar que chapéu e boné, por

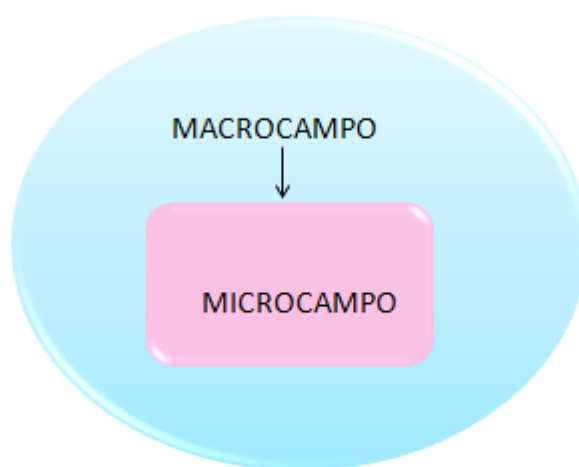
<sup>37</sup> As relações de 'significação' são as relações entre os significados dos signos linguísticos (a); as relações de 'designação' entre os signos linguísticos e os 'objetos' (a realidade a que se referem e a que 'representam' no discurso. (Tradução livre).

<sup>38</sup> Um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor de campo), que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico (traços distintivos lexemáticos ou *semas*). (Tradução livre).

exemplo, fazem parte do mesmo campo lexical, opondo-se por um traço distintivo referente à aba.

Os campos lexicais são organizados geralmente de maneira hierárquica, havendo lexemas que se encontram em níveis altos da estrutura (arquilexemas) e outros que se seguem, constituindo, portanto, uma teia associativa<sup>39</sup>. Pode, por conseguinte, ocorrer múltiplas subdivisões entre os lexemas que compõem um campo. Assim, esquematicamente, a figura 16 busca dar conta dessa hierarquia.

**Figura 16:** Esquema de organização dos campos lexicais



**Elaboração:** Ediane Brito Andrade Schettini

Nesse mesmo sentido, Ullmann ([1964] 1973) considera o léxico como um sistema cuja organização interna está pautada numa complexidade tal, de modo que todos os elementos mantêm uma relação intrínseca entre si.

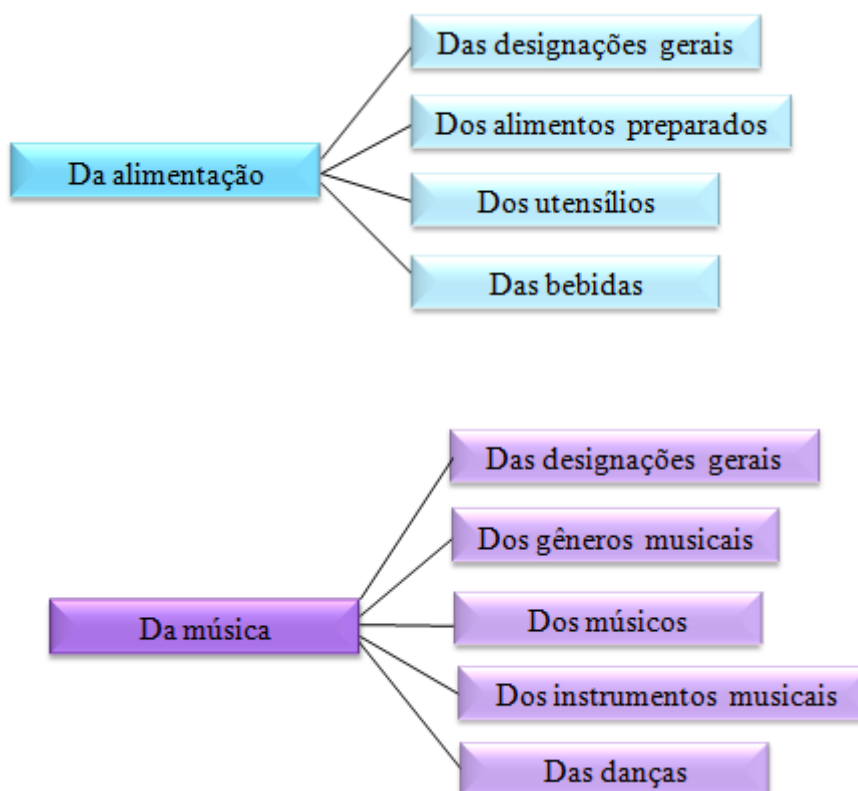
[...] todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com outros termos. Algumas dessas associações baseiam-se em ligações entre os sentidos, outras são puramente formais, enquanto que outras, finalmente, envolvem ao mesmo tempo a forma e o significado (ULLMANN, [1964] 1973, p. 498).

Partindo de tais considerações, acreditamos que a análise dos campos lexicais das crônicas e das cartas textos de Anísio Melhor é reveladora dessas relações, uma vez que é possível comprovar a relação de dependência das lexias em determinados campos. No

<sup>39</sup> Coseriu (1977) esclarece que campos lexicais não podem ser utilizados como sinônimos de campos associativos. Estes são centrífugos ao passo que os lexicais são centrípetos, isto é, atuam de fora para o centro em relação às palavras.

macrocampo DOS ESPAÇOS FÍSICOS, por exemplo, encontra-se o microcampo DOS ESPAÇOS RURAIS, no qual se encontram, dentre outras, as lexias ROÇA e FAZENDA, havendo, por conseguinte, uma hierarquia nessa organização. Portanto, acreditamos que é possível constatar a maneira como a sociedade se organiza a partir da disposição das lexias e da interdependência entre as mesmas.





**Elaboração:** Ediane Brito Andrade Schettini

Ao organizar as lexias, procuramos observar a ordem hierárquica das mesmas a partir de sua significação nas crônicas e nas cartas que compõem o *corpus* do presente trabalho. Partimos dos conceitos gerais para os mais específicos, conforme Coseriu (1977) propõe na teoria mencionada na seção anterior.

A significação considerada das lexias é a que se apresenta no contexto em estudo. Apresentamos, pois, as lexias situadas em macrocampos e microcampos. As lexias são apresentadas em letras maiúsculas e em negrito, seguidas da classificação gramatical e do conceito. Logo a seguir, consta o contexto em que figura, acrescido das referências referentes do texto no qual se encontra.

## 6.1 MACROCAMPO DOS ESPAÇOS FÍSICOS

### 6.1.1 Microcampo das designações gerais

**OCEANO** (s. m.) – Extensão de água salgada que circunda os continentes, cobrindo a maior parte da terra.

*É bem a terra do “Sargento Pedro”, cheia de homens do mar, valentes e fortes, encarando o **oceano** como um amigo, um irmão mais velho que divide as suas riquezas com os outros, e que se zanga a cada passo. (CL, L. 13).*

**MAR** (s. m.) – Vasta extensão de água salgada que cobre boa parte da superfície da terra.

*E, gradativamente, novas telas, paisagens frescas, em mutações contínuas, em giros de Cosmorama, barcos sulcando águas verdes, velas se inflando, panos covos, **mar**, grande **mar**, muito **mar** ... (CLII, L. 30)*

**CONTINENTE** (s. m.) – Faixa de terra muito extensa cercada pelas águas dos oceanos.

*O Ódio tem avassalado o mundo. Ódio de raça para raça; de pensamento para pensamento, de inteligência para inteligência; escondido num rincão humilde de povo humilde; divulgado em toda a larga amplitude dos **continentes**. (MO, L. 31).*

**TERRENO** (s. m.) – Espaço de terra próprio para a prática da agricultura.

*Se o **terreno** é fértil elas rebentam em searas fecundas; se estéril o vento passa e arrasta na sua impetuosidade os grânulos sem vida. (MN, L. 57).*

**CHÃO** (s. m.) – Superfície terrestre, onde se pisa.

*[...] Faz-se um círculo de mulheres, mocinhas, rapazes e de per si cada figura vai a roda e num cadenciado, onde o **chão** parece que foge ou o corpo parece que desliza, dança cinco, dez minutos, na toada viva, quente, fascinadora da viola.(CR, L. 124).*

**BOSQUE** (s. m.) – Espaço terrestre de vegetação formada por árvores, arbustos e ervas.

*Os templos da minha religião não se fazem com pedra. Fazem-se com algo mais emocional, mais belo, mais vivente. Fazem-se com árvores e se chamam – bosques[.]* (MN, L. 47).

**SELVA** (s. f.) – Espaço de mata virgem, habitat natural de diferentes espécies animais.

*[...] acompanho-lhe os passos com o pensamento, tomo parte nesse ágapes campesinos, penetro no emaranhado das selvas, corro, estremeço, grito [...]* (AA, L. 11).

**SERTÃO** (s. m.) – Região semiárida do interior do Brasil, de vegetação e clima secos, com períodos escassos de chuva.

*Um dos mais belos exemplares da coragem nos vem agora notícia de Jequié. É essa figura horrendamente bela de Anésia Cauassú. É a Joanna d'Arc dos sertões [...]*. (AC, L. 20).

**ABISMO** (s. m.) – Abertura natural muito profunda, geralmente formada verticalmente; precipício.

*O homem não vê muitas vezes o perigo de um barranco, a maldade traiçoeira de um abismo.* (EB, L. 55).

**LADEIRA** (s. f.) – Terreno de inclinação acentuada.

*Salta-se um corcovo, encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus...* (CR, L. 17).

### 6.1.2 Microcampo dos espaços rurais

**ROÇA** (s. f.) – Diz-se do espaço rural em oposição ao espaço urbano.

*Neste momento eu vos tomo pela mão e vos levo a assistir um casamento na roça.* (CR, L. 10).

**FAZENDA** (s. f.) – Propriedade rural normalmente com habitação humana e espaços específicos destinados à lavoura ou à criação de animais.

*Voltou três léguas atrás, até a **fazenda**. Lá apeando foi que acertou a conta.* (EB, L. 64).

**FAZENDINHA** (s. f.) – Diminutivo de fazenda.

*[...] encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus, um boi amarrado a uma corda, pastando, de novo a estrada larga, e por fim a cancela e o pasto da **fazendinha**.* (CR, L. 19).

**CAMPO** (s. m.) – Terreno destinado à plantação agrícola.

*Andamos levados pelo piedoso asceta até os **campos** cultivados [...]* (CLVI, L. 25).

**SEARA** (s. f.) – Terreno onde os cereais são cultivados.

*Onde chegava atirava as sementes que trazia e atrás de si floresciam as **searas**, reverdecia o arrozal, penduavam-se os milharais e a abundância chegava para a vida das tribos [...].* (MN, L. 62).

**ARROZAL** (s. m.) – Terreno onde se encontra um extenso aglomerado de pés de arroz.

*Onde chegava atirava as sementes que trazia e atrás de si floresciam as searas, reverdecia o **arrozal**, penduavam-se os milharais e a abundância chegava para a vida das tribos [...].* (MN, L. 62).

**MILHARAL** (s. m.) – Terreno onde há grande quantidade de pés de milho.

*Onde chegava atirava as sementes que trazia e atrás de si floresciam as searas, reverdecia o arrozal, penduavam-se os **milharais** e a abundância chegava para a vida das tribos [...].* (MN, L. 62).

**RIACHO** (s. m.) – Pequeno curso de água.

*[...] nadando alegre na superfície dum **riacho** craro...* (CR, L. 176).

**MARGENS DO RIACHO** (loc.) – Os dois lados de terra firme de um riacho.

*Já consertou-se a pinguela que abraça as **margens do riacho** há dez metros da porta e abriu-se a cancela porque estão já os animais todos no arrancador. (CR, L. 68).*

**PASTO** (s. m.) – Espaço físico de uma propriedade rural, com vegetação própria para alimentação dos animais.

*[...] encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus, um boi amarrado a uma corda, pastando, de novo a estrada larga, e por fim a cancela e o **pasto** da fazendinha. (CR, L. 19).*

**GRAMADO** (s. m.) – Espaço coberto de grama.

*Pode-se dizer que fomos duas crianças a correr pelo **gramado** verde de um monte, na persuasão de tocarmos com as mãos o azul desmaiado do céu sem nuvens. (TS, L. 23).*

**BREJO** (s. m.) – Terreno alagadiço, pantanoso.

*[...] Salta-se um corcovo, encontra-se um **brejo**, mais adiante uma ladeira, outra descida... (CR, L. 17).*

**MONTE** (s. m.) – Elevação natural de um terreno.

*Pode-se dizer que fomos duas crianças a correr pelo gramado verde de um **monte**, na persuasão de tocarmos com as mãos o azul desmaiado do céu sem nuvens. (TS, L. 23).*

**BARRANCO** (s. m.) – Parte elevada de uma escavação de terra.

*O homem não vê muitas vezes o perigo de um **barranco**, a maldade traiçoeira de um abismo. (EB, L. 55).*

**CORCOVO** (s. m.) – Espaço elevado em formato de uma curva.

*Salta-se um **corcovo**, encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus, um boi amarrado a uma corda, pastando [...]. (CR, L. 16).*

**ESTRADA** (s. f.) – Via de acesso entre dois lugares, mais larga que o caminho, que serve de passagem para pessoas, animais, veículos.

*Ramalho Ortigão diz que os burros se entregam a cismas e reflexões, trotando pela **estrada**. (EB, L. 53).*

**CAMINHO** (s. m.) – Faixa de terra normalmente estreita que serve de passagem e ligação de um lugar a outro.

*'Deixo a minha filha Felipa Maria uma casa que possuo ao costal do rio, acima do porto, no **caminho** que vai para uma fontainha' (OR, L. 41).*

**ENGENHO** (s. m.) – Local onde se fabrica açúcar, aguardente, melão e outros produtos derivados da cana-de-açúcar.

*Nos dois dias últimos, antes do bródio, começa-se a limpeza da chanada do **engenho**, asseio e arrumação das vasilhas, a remoção dos coxos de mel... (CR, L. 20).*

### 6.1.3 Microcampo dos espaços litorâneos

**PORTO** (s. m.) – Trecho de mar, próxima à costa, que tem baixa profundidade e pode oferecer abrigo às embarcações, permitindo que sejam estacionadas e que estabeleçam comunicação com a terra.

*Todas as tardes venho para o **Porto** contar os barquinhos e ler-lhes os nomes, todos de um seráfico misticismo, e de uma interessante rudeza de ortografia. (CL, L. 30).*

**FORTALEZA** (s. f.) – Construção fortificada visando a defesa de uma cidade ou uma região.

*Vejo a maré a crescer em empolos, as ondas a morderem as pedras negras e sinto o vento a desfazer-me o cabelo. Percorro com a vista o quadrado da **fortaleza** abandonada. (CLIII, L. 7).*

**CAIS** (s. m) – Parte do porto destinado ao embarque e desembarque de passageiros.

*E antes do banho eles sacodem a cabeleira, fazem dois pulinhos de esporte, anda o passeio do **cais** e o chic é atirarem areia uns nos outros [...]. (CMDI, L. 24).*

**MARINHA** (s. f.) – Espaço de terra firme à beira-mar.

*A primeira noite que eu vi Dom. Jerônimo ele tinha em torno de si um punhado de crianças. Era a benção que ele distribuía aquela petizada, hóspedes das praias e que para ali viera de par com o sol a fazer o verão daquelas pitorescas **marinhas**. (SV, L. 54).*

**GRETA DO MIRANTE** (loc.) – Pequena abertura situada no mirante, que permite observar ao longe, já que o mirante fica em local alto.

*Vejo a maré a crescer em empolos, as ondas a morderem as pedras negras e sinto o vento a desfazer-me o cabelo. Percorro com a vista o quadrado da fortaleza abandonada. Espio pelas **gretas dos mirantes** (CLIII, L. 07).*

**AMEIA DO FORTE** (loc.) – Cada uma das partes salientes retangulares, separadas por intervalos iguais, na parte superior do forte.

*Lúcia – Subo as **ameias do forte**. Vejo a maré a crescer em empolos, as ondas a morderem as pedras negras e sinto o vento a desfazer-me o cabelo. (CLIII, L. 5).*

#### 6.1.4 Microcampo dos espaços urbanos

**CIDADE** (s. f.) – Área demográfica formada por uma concentração populacional, cujas unidades residenciais e comerciais são próximas umas das outras.

*Sós, longe do bulício da **cidade**, cercados pela natureza, nessa habitação que é minha e dos meus livros, nós nos ficávamos à beira da mesa... (MN, L. 27).*

**RUA** (s. f.) – Via pública urbana para o trânsito de pessoas e de veículos, normalmente ladeada de casas.

*As ruas são os filhos da cidade. Cada qual tem um destino diverso, conhecem regras diversas de civilidade... (OR, L. 09).*

**VIELA** (s. f.) – Rua muito estreita.

*As ruas são os filhos da cidade [...]umas sobem animadas pelo progresso, outras se estacionam, se apequeninam, perdem a extensão dos seus prédios, entregam-se a outras mais novas e se transformam, muitas vezes, em vielas [...]. (OR, L. 14).*

**BECO** (s. m.) – Rua estreita e curta, geralmente sem saída, pouco própria para o trânsito.

*[...] Os becos são a velhice e a tristeza das ruas. (OR, L. 14).*

## 6.2 MACROCAMPO DA NATUREZA

### 6.2.1 Microcampo dos elementos

**SOL** (s. m.) – Maior e principal estrela do sistema solar, a qual ilumina e favorece e a vida na terra.

*Somos como as árvores grandes das matas, como os veados das catingas, queremos que não nos roubem o sol, o ar, a ação de viver em liberdade plena. (AC, L. 25).*

**LUA** (s. f.) – Satélite natural da terra, que ilumina as noites.

*Fachas douradas, traços vermelhos, manchas louras passam, se apagam, se adensam, erguem-se em montanhas de ouro, escondem-se atrás do Baluarte, saem, de novo, para a confusão das tintas; até o espontar das estrelas e o nascer da lua.* (CLII, L. 16).

**AREIA** (s. f.) – Conjunto de grânulos originários da degradação de rochas, que, normalmente, se acumulam aos arredores dos rios e mares, formando praias.

*Como estás linda, mocinha feito criança, a catar com os dedos rosados essas conchas alvas que se espalham pela areia, flores com que o mar, todos os dias, enfeita o vestido de sua noiva eterna: – a praia.*(CLIII, L. 50).

**CONCHA** (s. f.) – Envoltório de constituição calcária, normalmente rígido, de vários invertebrados, comumente encontrados à beira do mar.

*Como estás linda, mocinha feito criança, a catar com os dedos rosados essas conchas alvas que se espalham pela areia, flores com que o mar, todos os dias, enfeita o vestido de sua noiva eterna: – a praia.* (CLIII, L.50).

### 6.2.2 Microcampo dos fenômenos físico e naturais

**FOGO** (s. m.) – Produção de calor e luz, a partir da combustão de matérias inflamáveis.

*O rodicho move-se acelerado; no alguidar o beiju se enrosca ao calor do fogo [...].* (CR, L. 32).

**LABAREDA** (s. f.) – Grande chama; língua de fogo.

*Prendeu a ponta da saia no cós, na cintura, e, bela, iluminada pelas labaredas das fogueiras, percorreu numa apoteose da sua força e da sua coragem as ruas todas da cidade baiana.* (AC, L. 55).

**CALOR** (s. m.) – Qualidade ou estado daquilo que é quente ou está aquecido.

*O rodicho move-se acelerado; no alguidar o beiju se enrosca ao calor do fogo [...].* (CR, L. 31).

**LUZ** (s. f.) – Iluminação, claridade.

*Os seus olhos cerraram-se como quem vê muita **luz** ou como quem quer gravar dentro da retina todas as cores de um belo acaso. (MD, L. 40).*

**CLARIDADE** (s. f.) – Aquilo que é claro, que apresenta luz intensa.

*Bendito aquele que tem os olhos mudos para a contemplação dos astros e os ouvidos cerrados para a triste serenata que o peito dos violinos soluça na **claridade** vaporosa do luar. (TS, L. 38).*

**LUAR** (s. m.) – Luminosidade do sol refletida na lua e espalhada pela mesma sobre a terra.

*Eu me recordo ainda do último samba que assisti[.] Foi numa noite de **luar** de maio, festa em regozijo à Liberdade. (CR, L. 135).*

**CHUVA** (s. f.) – Fenômeno resultante da condensação do vapor de água na atmosfera, que se precipita ao solo em pequenas gotas.

*Foi numa tarde assim de luz inquieta e de temores de **chuva** que nós nos encontramos lá embaixo, num dos bancos do jardim. (MV, L. 10).*

**TEMPESTADE** (s. f.) – Grande perturbação atmosférica, temporal; normalmente associada à chuva acompanhada de vento ou granizo.

*Dentro do naviosinho andava a pasmaceira das viagens demoradas. Liam uns, outros de face voltada para a paisagem olhavam árvores que se sacudiam nas vergastas do vento, casinhas de janelas e portas, para o mar, como sentinelas daquele inimigo que tinha raivas tão furentes insuflado pelas **tempestades**. (CLIV, L. 69).*

**ENCHENTE** (s. f.) – Grande abundância no volume de água dos rios, em função do excesso de chuvas.

*A Anésia teve pena de Silvino, montou num cavalo e partiu para aquele local, hoje destruído quase pela **enchente** do Rio de Contas. (AC, L. 46).*

**VENTO** (s. m.) – Ar atmosférico em movimento.

*E não sei porque encontrei-a em rigoroso luto à beira da praia. O mar estava em fúrias, arremessando acachôos d'água sobre a amurada do cais e o vento sacudia a cabeleira intonsa das árvores. (CMDII, L. 61).*

**MARÉ** (s. f.) – Fenômeno que provoca a elevação e o abaixamento das águas do mar, sob influência do sol e da lua.

*E à noite, dentro do silêncio e da brancura das praias, – a maré que foge e as vagas a se chocarem de encontro às paredes das muralhas ou a subirem umas impelidas por outras, para se desaprumarem no alto e caírem num choque rude, como um herói ferido que abrisse os braços a um golpe traiçoeiro e se entregasse à morte. (CLII, L. 31).*

**ONDA** (s. f.) – Agitação das águas do mar, causadas pela ação do vento.

*E o vapor seguia. Cantava o sol o hino da luz clara do verão. Havia dentro das curvas verdes da água brunidos de luz, tremuras de ouro polido, reflexos e brilhos nas voltas bruscas do mar saindo em empurrões de ondas para fora da praia. (CLIV, L. 64).*

### 6.2.3 Microcampo da fauna

**ANIMAL** (s. m.) – Ser vivo de movimento, dotado de órgãos internos, podendo ser vertebrado ou invertebrado.

*Não sei; a terra desde que a mademoiselle aqui esteve pelo carnaval dim[i]nuiu de fidelidade, de crenças, mesmo o caráter que já era uma coisa rara no homem, tem diminuído até no animal que o possuía em mais alta dose – o cachorro. (CMDII, L. 15).*

**AVE** (s. f.) – Animal ovíparo, com a pele coberta de penas, a boca prolongada em bico e os membros anteriores transformados em asas.

*Como se enganam aqueles que veem no destino dos que amam o prenúncio de dois voos de ave unidas juntas, ferindo o azul suave e brando como a ternura! (AA, L. 46).*

**PÁSSARO** (s. m.) – Pequena ave.

*Combate os vapores do álcool com o oxigênio das matas; combate o fumo dos cigarros com a névoa das montanhas; o tinir das moedas no mármore das bancas do jogo com o trinado cheio de sol da garganta dos pássaros.* (MN, L. 11).

**RÉPTIL** (s. m.) – Animal de patas muito curtas que quando anda parece se arrastar.

*Saber como se deslocam os reptis e como voam as águias. O que é preciso é isso.* (MD, L. 14).

**ÁGUIA** (s. f.) – Ave predadora de grande porte, de voo alto, dotada de bicos e garras afiadas.

*Saber como se deslocam os reptis e como voam as águias. O que é preciso é isso.* (MD, L. 14).

**ANDORINHA** (s. f.) – Ave de pequeno porte, de asas longas e pontiagudas, bico curto, largo e achatado, de pés pequenos. Caracteriza-se por ser migratória.

*A águia que voa é uma nuvem que rola; a andorinha que passa é uma flecha escura que fere o ar.* (EB, L. 34).

**VEADO** (s. m.) – Animal mamífero ruminante, da família dos cervídeos, de cor amarronzada, com chifres simples ou ramificados.

*A nossa família não é de ladrões. Somos como as árvores grandes das matas, como os veados das catingas, queremos que não nos roubem o sol, o ar, a ação de viver em liberdade plena.* (AC, L. 23).

**CORÇA** (s. f.) – Fêmea do veado.

*[...] uma rapariguinha magra, tafula, com saia de cassa preguiada em reps graciosos, a cintura breve, a chinelinha arrebitada, saltou no meio do círculo como uma corça.* (CR, L. 139)

**CERVO** (s. m.) – Animal cervídeo, com chifres em ramificações, de cor castanho claro, pés escuros e anel branco em torno da boca, com garganta e abdômen claro

*Os dias passam diante de nós com a precipitação dos **cervos** que correm (MH, L. 14).*

**BOI** (s. m.) – Animal mamífero, quadrúpede, ruminante, de chifres ocos; utilizado para puxar o carro de boi em serviços da roça. Sua carne é muito apreciada para a alimentação humana.

*Da estrada toma-se um atalho cheio de degraus, embatido de lianas e trepadeiras. Salta-se um cocovo, encontra-se um brejo, mais adiante uma ladeira, outra descida, novos degraus, um **boi** amarrado a uma corda, pastando, de novo a estrada larga, e por fim a cancela e o pasto da fazendinha. (CR, L. 17).*

**CAVALO** (s. m.) – Animal mamífero, quadrúpede; utilizado para montaria.

*De uma feita o bando atacou Silvino do Curral Novo. A Anésia teve pena de Silvino, montou num **cavalo** e partiu para aquele local, hoje destruído quase pela enchente do Rio de Contas. (AC, L. 45).*

**BURRO** (s. m.) – Animal asinino ou muar, quadrúpede; utilizado como cargueiro.

*Certa vez um rapazinho contratara levar dez **burros** para a feira[.] Montara em um e, sem incluir esse que o conduzia, contou os outros. Tinha nove. Coçou a cabeça irado. Bateu o campo todo, feriu-se nos espinhos da mata. Juntou de novo o lote, contou, tinha nove. (EB, L. 60).*

**CACHORRO** (s. m.) – Animal canino, quadrúpede, doméstico.

*Não sei; a terra desde que a mademoiselle aqui esteve pelo carnaval dim[i]nuiu de fidelidade, de crenças, mesmo o caráter que já era uma coisa rara no homem, tem diminuído até no animal que o possuía em mais alta dose – o **cachorro**. (CMDII, L. 16).*

**ARANHA** (s. f.) – Animal aracnídeo, de tamanhos e aspectos variados, normalmente de oito patas; apresenta uma glândula que produz seda para a confecção de teias.

*andei várias vezes em via-sacra pelos becos da cidade praieira, à cata daqueles olhos e do mistério onde minha curiosidade pairava, como abelha envolvida na trama doirada de uma arteirosa **aranha**. (CMDII, L.33)*

**GUSANO** (s. m.) – Espécie de verme, semelhante a uma lombriga.

*Ao longe, no outro lado do rio, um velho muro coberto de limo e de **gusanos** olhava, como que sonolento, o quadro que as nossas figuras completavam. (MV, L. 27).*

#### 6.2.4 Microcampo da flora

**ÁRVORE** (s. f.) – Vegetal lenhoso, de tamanho variável, cujo caule, denominado tranco, emite ramificações a certa altura formando copas.

*Sentado à sombra das **árvores**, o olhar sempre estendido para o mar, Dom Jerônimo ali se demorava, falando pouco, respondendo ao que se lhe perguntava, tendo debaixo duma expressão de bondade, que me parece ser a mais larga esfera de ação do virtuoso prelado. (SV, L. 27).*

**TRONCO** (s. m.) – Uma das partes das plantas arbóreas, de composição lenhosa, responsável pelo transporte dos nutrientes da raiz até as folhas.

*Encosta, Lúcia, a tua cabecinha ao **tronco** desse antigo arvoredo e ouve o que diz ele de outros que por aqui passaram e se detiveram debaixo desse mundo de folhas verdes, quase negras. (CLIII, L. 61).*

**JAQUEIRA** (s. f.) – Árvore grande, de madeira amarelada e de fruto com polpa comestível, muito apreciado.

*A estrada abre-se larga, vermelha ensombrada pelas sombras das **jaqueiras**, dos munzês, do pau pombo, ou da copa de matataúbas esguias, aprumadas como uns verdes e belos paraguás. (CR, L. 13).*

**BRAÚNA** (s. f.) – Árvore de madeira dura, de cor quase negra; possui flores amarelas, vistosas, fruto alado e folhas aromáticas.

*Cauassú quer dizer mata fechada, mata brava na língua dos selvagens. Anésia é a **braúna** altaneira que se levanta flechando o ar, querendo a liberdade de viver sem entraves, sem limites. (AC, L. 61).*

**MONZÊ** (s. f.) – Árvore de madeira avermelhada, folhas bipenadas e flores quase brancas. Também conhecida por angico-branco.

*A estrada abre-se larga, vermelha ensombrada pelas sombras das jaqueiras, dos **munzês**, do pau pombo, ou da copa de matataúbas esguias, aprumadas como uns verdes e belos paraguás. (CR, L. 14).*

**PAU POMBO** (s. f.) – Árvore de folhas penadas e flores muito pequenas, cujo fruto é uma drupa minuta e cuja madeira serve apenas para caixotaria.

*A estrada abre-se larga, vermelha ensombrada pelas sombras das jaqueiras, dos **munzês**, do **pau pombo**, ou da copa de matataúbas esguias, aprumadas como uns verdes e belos paraguás. (CR, L. 14).*

**MATATAÚBA** (s. f.) – Árvore de tronco alto e elegante, cujas folhas são amplas e arredondadas, com flores mínimas reunidas em espigas muito densas, avermelhadas.

*A estrada abre-se larga, vermelha ensombrada pelas sombras das jaqueiras, dos **munzês**, do pau pombo, ou da copa de **matataúbas** esguias, aprumadas como uns verdes e belos paraguás. (CR, L. 14).*

**TREPADEIRA** (s. f.) – Planta que cresce apoiando-se em suportes dos mais variados tipos, como muros ou árvores, por exemplo.

*Da estrada toma-se um atalho cheio de degraus, embatido de lianas e **trepadeiras**. (CR, L. 17).*

**LIANA** (s. f.) – Trepadeira lenhosa, de caule extenso, comum em florestas tropicais.

*Da estrada toma-se um atalho cheio de degraus, embatido de **lianas** e trepadeiras. (CR, L. 17).*

**FRUTO** (s. m.) – Uma das partes de uma planta, responsável por proteger as sementes, podendo ser comestível.

*Eliezer lera aquele homem da ilha de Samos de que nos fala Ovídio e que dizia: "deixai de vos servir de manjares abomináveis; dão-vos os campos searas abundantes; para vós vergam de **frutos** as árvores com os mais belos pomos". (MN, L. 38).*

**PITANGA** (s. f.) – Fruto da pitangueira.

*Cantam sinos, sinos de pequenina igreja que vibram notas alegres na imensidão azul do ar. Espalham-se e se confundem perfumes de incenso, mirra, **pitangas** e alecrins silvestres. (NN, L. 36).*

**SEMENTE** (s. f.) – Unidade reprodutiva de uma planta, responsável por dar início a uma nova geração da espécie.

*Onde chegava atirava as **sementes** que trazia e atrás de si floresciam as searas, reverdecia o arrozal, penduavam-se os milhares e a abundância chegava para a vida das tribos. (MN, L. 61).*

**FOLHA** (s. f.) – Uma das partes de uma planta, de forma laminar e verde responsável pela respiração e alimentação.

*De manhã prega-se **folhas** de pitangas e S. Gonçalinho nos cantos das paredes. (CR, L. 63).*

**ALECRIM SILVESTRE** (s. m.) – Arbusto que exala odor forte e agradável, pode ser usado como medicamento ou como condimento.

*Cantam sinos, sinos de pequenina igreja que vibram notas alegres na imensidão azul do ar. Espalham-se e se confundem perfumes de incenso, mirra, pitangas e alecrins silvestres. (NN, L. 36).*

**ERVA** (s. f.) – Qualquer planta herbácea, não lenhosa, de porte pequeno, que pode ser comestível.

*Os homens para serem felizes, para beberem na vida o doce trago que os pode tornar ditosos, devem deixar para sempre as cidades e correr para a terra virgem. Devem comer ervas e viver em santa paz com seus semelhantes, os animais.* (MN, L. 49).

**FLOR** (s. f.) – Uma das partes de uma planta responsável pela reprodução das mesmas, utilizada também para enfeitar ambientes.

*A voz tem a quentura consoladora dás selvas, o ritmo dos seios empinados das nossas cafuzas, essas a quem o poeta anônimo baiano chama de 'minha folhinha de coentro', 'meu caroço de dendê', 'meu cajueiro miudinho, carregadinho de flor'.* (CP, L. 11).

**TULIPA** (s. f.) – Planta herbácea bulbosa, de folhas lineares, da qual germina uma única flor, exuberante, muito apreciada para ornamento.

*Devia ser perfumado aquele ornato feminino, – Um perfume suave à flores de laranjeiras de Andaluzia, à **tulipas** cultivadas em Nice.* (CLII, L. 58).

**ROSA** (s. f.) – Flor da roseira. É formada por muitas pétalas, podendo ter cores variadas e aroma agradável.

*Mercês, a interessante e graciosa apaixonada do “Sargento” é ainda o tipo sincero e verdadeiro da ilha, de saias franzinas tocando no artelho, chinelinhas de couro e cabelo atado com simplicidade, enfeitando-se de **rosas**, frescas.* (CLI, L. 17).

**ROSA-RUBRA** (s. f.) – Flor, de um arbusto da família das rosáceas, vivamente colorida e perfumada, constituída de pétalas numerosas em função da transformação de estames em pétalas.

*[...] eu tinha os olhos para ela, preso à sua imagem, cismando naquela piedosa prece que o seu olhar e o seu pensamento faziam à Virgem, nesse perfumado mês de maio, mês de crisântemos e de **rosas rubras**.* (E, L. 11).

**CRISÂNTEMO** (s. m.) – Flor de subarbustos ornamentais, de cor amarela, rósea, ou alaranjada.

*[...] eu tinha os olhos para ela, preso à sua imagem, cismando naquela piedosa prece que o seu olhar e o seu pensamento faziam à Virgem, nesse perfumado mês de maio, mês de **crisântemos** e de rosas rubras. (E, L. 11).*

**FLOR DE LARANJEIRA** (s. f.) – Órgão de reprodução da laranjeira, de cor branca; muito utilizada em casamentos por sua beleza e perfume.

*Devia ser perfumado aquele ornato feminino, – Um perfume suave à **flores de laranjeiras** de Andaluzia, à tulipas cultivadas em Nice. (CLII, L. 58).*

## 6.3 MACROCAMPO DO SAGRADO

### 6.3.1 Microcampo do divino

**DEUS** (s. m.) – Ser supremo, criador do universo, início e fim de tudo que existe.

*Bendita a humildade em que nasceu esse **Deus**, das gerações cristãs! (NN, L.16).*

**ANJO** (s. m.) – Ser espiritual que serve de mensageiro entre Deus e os homens.

*Eu tinha diante de mim, sob a umbela verde de uma árvore das praias, um velho de alma simples, o olhar em claridades, sorrindo para aquela coluna de **anjos** que deixaram as azas no céu e vieram, na inconsciência da idade, encher de poesia esse pedaço negro de terra (SV, L. 68).*

### 6.3.2 Microcampo de Jesus

**JESUS CRISTO** (s. m.) – Filho de Deus, encarnado, segundo a tradição cristã. Considerado o salvador dos homens.

*Hoje se a nossa consciência perguntasse a **Jesus Cristo** o que seria preciso para vivermos n'Ele e morreremos com Ele, a sua resposta seria: toma a tua cruz e caminha pela vida. (NCC, L. 7).*

**MAIOR HOMEM** (s. m.) – Designação atribuída a Jesus Cristo, por considerá-lo o maior entre os homens.

*A igreja católica rememora nesse dia o nascimento do **maior Homem** no sofrimento e na justiça – o nascimento de Jesus Cristo. (NN, L. 3).*

**MAIOR SOFREDOR DO MUNDO** (s. m.) – Designação que faz referência aos sofrimentos vividos por Jesus, no caminho do Calvário até a morte crucificado.

*Quanta alegria reina lá fora, nessa estação perfumada, que é, por si um salmo da natureza ao nascer do **maior sofredor do mundo!** (NN, L. 33).*

### 6.3.3 Microcampo do humano

**VIRGEM MARIA** (s. f.) – A mãe de Jesus Cristo.

*Quem seria a mulher, **Lúcia**, que dera ao artista as linhas do seu corpo e a piedade dos seus olhos para a figura três vezes santa da **Virgem Maria?** (CLIV, L. 37).*

**PROFETA** (s. m.) – Aquele que, por inspiração divina, prevê os acontecimentos futuros.

*E como os **profetas** muitas vezes, na idade dos tetrarcas se encontraram, eles também estiveram em Roma e se olharam irmãos de ideal, de preces e de cultos, sob o sol glorioso da cidade dos cezares. (MN, L. 52).*

### 6.3.4 Microcampo da igreja católica

**PRELADO** (s. m.) – Título honorífico de signatário eclesiástico, como bispos, por exemplo.

*Sentado à sombra das árvores, o olhar sempre estendido para o mar, Dom Jerônimo ali se demorava, falando pouco, respondendo ao que se lhe perguntava, tendo debaixo duma expressão de bondade, que me parece ser a mais larga esfera de ação do virtuoso **prelado**. (SV, L. 33).*

**CLERO** (s. m.) – Congregação dos sacerdotes, em sua totalidade ou limitado á uma igreja ou região.

*E é por isso que afirmo que o chefe do **clero** baiano é a figura da bondade. (SV, L. 38).*

**ARCEBISPO** (s. m.) – Bispo investido de poderes e atribuições, responsável por uma arquidiocese, por uma ou mais dioceses, tendo outros bispos sob sua autoridade.

*E era por isso que eu nessas digressões pelo longo da praia me ficava sem palavras nos lábios, a olhar o perfil docemente sereno de Dom Jerônimo, **Arcebispo** da Bahia. ( SV, L. 25).*

**SACERDOTE** (s. m.) – Ministro do culto divino, da instrução religiosa e dos sacrifícios.

*Oh! Eu não vi ali o **sacerdote** ilustre, o dignitário da Diocese, o báculo e a mitra da Bahia[.] Eu tinha diante de mim, sob a umbela verde de uma árvore das praias, um velho de alma simples. (SV, L. 65).*

**PADRE** (s. m.) – Aquele que recebeu ordenação sacerdotal, na igreja católica.

*Chega o **padre**, a casa está cheia de convidados, gente da cidade, gente da vizinhança [...] (CR, L. 69).*

**FREI** (s. m.) – Aquele que pertence a uma ordem religiosa.

*Frei Bonifácio falava da vida do claustro com uma alegria de criança. (CLVI, L. 30).*

**SÓROR** (s. f.) – Feminino de frei; freira.

*Teceu versos de ouro e brancuras como **sóror** Mariana as toalhas de crivo dos altares. (CLV, L. 28).*

### 6.3.5 Microcampo dos objetos

**IMAGEM** (s. f.) – Representação da Divindade, de um santo (a), através de escultura. Normalmente esculpida em cerâmica ou madeira.

*Ontem a vi na missa. Com os braços apoiados na travessa superior da cadeirinha, o terço todo feito de contas de madre pérolas preso a uma das mãos, ela tinha o olhar cravado na **imagem** piedosa e serena da Virgem. (E, L. 05).*

**CIBÓRIO** (s. m.) – Recipiente semelhante ao cálice, com tampa, utilizado para guardar hóstias.

*E porque não ser santo, se ele é um velho? A mocidade é o sol que se alteia, formoso, brilhante, é a ânfora, o **cibório** que derrama claridades vivas como a esperança [...]. (SV, L. 41).*

**INCENSO** (s. m.) – Substância resinosa queimada em cerimônias litúrgicas a fim de purificar o ambiente.

*Eu insensivelmente de joelhos, os olhos presos àquele perfil esguio de S. Cecília, murmurei baixinho, quando em volutas o **incenso** invadia tudo: Ave Maria! (E, L. 14).*

**MIRRA** (s. f.) – Resina aromática utilizada em incensos.

*Cantam sinos, sinos de pequenina igreja que vibram notas alegres na imensidão azul do ar. Espalham-se e se confundem perfumes de incenso, **mirra**, pitangas e alecrins silvestres. (NN. L. 35).*

**ÂNFORA** (s. f.) – Recipiente utilizado para guardar o vinho; galheta.

*E porque não ser santo, se ele é um velho? A mocidade é o sol que se alteia, formoso, brilhante, é a **ânfora**, o cibório que derrama claridades vivas como a esperança [...]. (SV, L. 41).*

**SINO** (s. m.) – Instrumento, geralmente de bronze, com sonoridade levemente aguda que pode ser percutido por um badalo interno ou por martelo externo. Normalmente utilizado na igreja católica em celebrações litúrgicas.

*Cantam **sinos**, **sinos** de pequenina igreja que vibram notas alegres na imensidão azul do ar. Espalham-se e se confundem perfumes de incenso, **mirra**, pitangas e alecrins silvestres. (NN. L.34).*

**CAÇOILA** (s. f.) – Vaso de porcelana onde se queima resina ou plantas aromáticas.

*As palavras saiam-lhe dos lábios como o perfume sagrado do incenso sai da concha prateada das **caçoulas**. (CLIV, L. 58).*

**BÁCULO** (s. m.) – Bastão utilizado pelos bispos.

*Oh! Eu não vi ali o sacerdote ilustre, o dignitário da Diocese, o **báculo** e a mitra da Bahia[.] (SV, L. 65).*

**MITRA** (s. f.) – Chapéu alto, usado pelo papa, com uma fenda na parte superior e duas faixas que caem sobre os ombros. Os bispos e arcebispos usam em ocasiões solenes.

*Oh! Eu não vi ali o sacerdote ilustre, o dignitário da Diocese, o báculo e a **mitra** da Bahia[.] (SV, L. 66).*

## 6.4 MACROCAMPO DO TRABALHO

### 6.4.1 Microcampo dos trabalhadores

**FAZENDEIRO** (s. m.) – Indivíduo que é dono de fazenda.

*Nesse momento aparece à porta o **fazendeiro**. (CR, L. 53).*

**TROPEIRO** (s. m.) – Indivíduo que é condutor de tropas, normalmente de gado, de cavalo.

*Quando cessa para um ligeiro descanso o delírio do samba, o **tropeiro** encostando a viola ao peito, como que abraçando a imagem do seu torrão querido, levanta a voz melancólica e canta cantigas que são uma paisagem viva, palpitante [...]. (CR, L. 127).*

**TOCADOR DE BOI** (s. m.) – Indivíduo que trabalha tocando gado.

*Há a cena emocionante dos abraços, dos parabéns, e a noiva não esquece ninguém, desde o Chico, **tocador de boi**, no engenho, até a tia Flora, negra cabinda [...]. (CR, L. 74).*

**MERCADOR DE MANGAS** (s. m.) – Indivíduo que vende mangas.

*O meu informante foi um garotinho sujo, **mercador de mangas** e jogador de castanhas. (CMDII, L. 21).*

**MAJOR** (s. m.) – Indivíduo que, na hierarquia militar, ocupa o posto que se situa abaixo do tenente-coronel e acima do capitão.

*Duas ou três horas depois, quando chega o **major** fulano ou o capitão sicrano, quase sempre fazendeiro de importância da vizinhança, começam-se os preparativos da janta. (CR, L. 158).*

**CAPITÃO** (s. m.) – Indivíduo que, na hierarquia militar, ocupa o posto que se situa abaixo do major e acima do tenente.

*Duas ou três horas depois, quando chega o major fulano ou o capitão sicrano, quase sempre fazendeiro de importância da vizinhança, começam-se os preparativos da janta. (CR, L. 158).*

**SOLDADO** (s. m.) – Indivíduo alistado nas forças armadas.

*Soldados e voluntários; heróis e covardes; sentinelas perfiladas; artilheiros com as roupas besuntadas de pólvora; crianças prendendo com as mãos o chapéu que o vento quer roubar, e, no tope do mastro, saudando à Bahia, como um grande lenço que acenasse o azul – a minha bandeira, a tua bandeira, a bandeira de todos nós. (CLIII, L. 22).*

**ARTILHEIRO** (s. m.) – Soldado que trabalha na artilharia.

*Soldados e voluntários; heróis e covardes; sentinelas perfiladas; artilheiros com as roupas besuntadas de pólvora; crianças prendendo com as mãos o chapéu que o vento quer roubar, e, no tope do mastro, saudando à Bahia, como um grande lenço que acenasse o azul – a minha bandeira, a tua bandeira, a bandeira de todos nós. (CLIII, L. 23).*

**MARINHEIRO** (s. m.) – Indivíduo que desenvolve uma atividade laboral no mar.

*Um marinheiro negro, musculoso, forte, tomou de arranque um pandeiro que estava ao seu lado. (CR, L. 146).*

## 6.5 MACROCAMPO DA ALIMENTAÇÃO

### 6.5.1 Microcampo das designações gerais

**BRÓDIO** (s. m.) – Refeição normalmente servida em dias festivos.

*A noitinha celebra-se o casamento. Chega o padre, a casa está cheia de convidados, gente da cidade, gente da vizinhança, e o bródio se inicia, após a cerimônia dos abraços, dos parabéns e dos foguetes vagabundos que envesgam pelo ar á fora. (CR, L. 70).*

**JANTA** (s. f.) – Refeição servida à noite normalmente composta de alimentos sólidos, grãos carnes, por exemplo.

*Duas ou três horas depois, quando chega o major fulano ou o capitão sicrano, quase sempre fazendeiro de importância da vizinhança, começam-se os preparativos da **janta**. (CR, L. 160).*

### 6.5.2 Microcampo dos alimentos preparados

**BEIJU** (s. m.) – Iguaria crocante feita com a farinha ou goma extraídas da mandioca e assado no alguidar.

*[...] no alguidar o **beiju** se enrosca ao calor do fogo... (CR, L 30).*

*– Menina vira este **beiju** direito! (CR, L. 38).*

**PINGO DE OVO** (s. m.) – Iguaria feita com a massa da farinha e ovo, assada na calda.

*– Gente quem sabe fazê **pingo dòvo**? (CR, L. 42).*

***Pingo dòvo** é a massa da farinha com ovo, que se bota p’ra assá na calda. (CR, L. 46).*

### 6.5.3 Microcampo dos utensílios

**ALGUIDAR** (s. f.) – Tacho raso e de diâmetro grande, fixado em uma edificação aquecida à lenha, utilizado para torrar farinhas e beijus.

*[...] no **alguidar** o beiju se enrosca ao calor do fogo... (CR, L. 30).*

**PANELA** (s. f.) – Recipiente de formato arredondado e com tampa, de barro ou de metal, utilizado para cozinhar alimentos.

*[...] as palhetas da bateadeira de doce, ás mãos da doceira, escumando o desmanchado dos ovos e do açúcar na **panela** grande, vidrada. (CR, L. 32).*

**PALHETA** (s. f.) – Instrumento de madeira ou de metal, utilizado para misturar ingredientes na cozinha.

*[...] as **palhetas** da bateadeira de doce, ás mãos da doceira, escumando o desmanchado dos ovos e do açúcar na **panela** grande, vidrada. (CR, L. 31).*

#### 6.5.4 Microcampo das bebidas

**CACHAÇA** (s. f.) – Aguardente que se obtém a partir da destilação do melaço da cana de açúcar.

*Mais **cachaça**, seu Aniceto, mais **cachaça** diz a velha. Você sabe **cachaça** o que é para essa gente. (CR, L. 59).*

**PURA** (s. f.) – Cachaça sem mistura.

*A gargalhada esfuzia. A **pura** lava as gargantas, e as quadras soam. (CR, L. 87).*

### 6.6 MACROCAMPO DA MÚSICA

#### 6.6.1 Microcampo das designações gerais

**MÚSICA** (s. f.) – Arte e técnica de combinação harmoniosa de sons, de maneira agradável aos ouvidos. Normalmente é acompanhada de instrumentos.

*A música, certas horas, é a emoção que se encarna em voos de sonho. É uma espécie de pastor de Arcádia que reúne num só rebanho todas as recordações dispersas [...]. (TS, L. 03).*

**ORQUESTRA** (s. f.) – Grupo de músicos que interpretam obras musicais com vários instrumentos. Além da harmonia de sons, caracteriza-se por ser dirigido por um maestro.

*A sineta tintilou. A orquestra momentos depois entoou uma Ave Maria. (E, L. 12).*

### 6.6.2 Microcampo dos gêneros musicais

**CANTIGA** (s. f.) – Composição poética, cantada por trovadores, de versos curtos e dividida em estrofes.

*O violão fala, soluça, geme, porque não ha **cantiga** brasileira onde não venha perto o sorriso da amargura e a melancolia dos corações alegres. (CP, L. 29)*

**MODINHA** (s. f.) – Gênero de cação popular brasileira, de origem portuguesa, com predominância da temática amorosa.

*O encontro com o maior intérprete da **modinha** brasileira, no meu estado, deu-me essa alegria. Ouvir Durval é ouvir a garganta privilegiada do verdadeiro cantor do Norte. (CP, L. 06).*

**SAMBA**<sup>1</sup> (s. m.) – Gênero musical, de raízes africanas, surgido no Brasil e considerado uma de suas principais manifestações culturais populares.

*Quando cessa para um ligeiro descanso o delírio do **samba**, o tropeiro encostando a viola ao peito, como que abraçando a imagem do seu torrão querido, levanta a voz melancólica e canta cantigas que são uma paisagem viva, palpitante [...]. (CR, L. 127).*

**SERENATA** (s. f.) – Composição musical simples e melodiosa, destinada a ser tocada à noite, preferencialmente ao ar livre.

*Foi uma destas canções, uma triste **serenata** tangida pela nervosidade do arco de um violino que me fez recordar no coração aquele grande amor. (TS, L. 7).*

**FADO** (s. m.) – Gênero musical português, cantado por uma única pessoa, acompanhado pela guitarra clássica (viola) e pela guitarra portuguesa.

*São páginas e páginas onde o bardo triste, irmão de Antônio Nobre e irmão do Fado, cantou até a saudade de outras saudades. (CLV, L. 31).*

### 6.6.3 Microcampo dos músicos

**CANTOR** (s. m.) – Indivíduo que canta.

*Ouvir Durval é ouvir a garganta privilegiada do verdadeiro **cantor** do Norte [...]. (CP, L. 08).*

**IMPROVISADOR** (s. m.) – Indivíduo que canta de improviso.

*De quando em vez o **improvisador**, que os tem todas as festas, atira aos dançarinos uma piada em versos laudatórios. (CN CR, L. 76).*

**TOCADOR** (s. m.) – Indivíduo que toca um instrumento musical.

*O **tocador** de harmônica é quase sempre um mulato falando difícil, com um chapéu machucado, em forma de canoa e trazendo nos pés uns sapatos de lona já acalcanhados. (CR, L. 23)*

**FADISTA** (s. m.) – Indivíduo que canta fados ou toca os instrumentos que o acompanha.

*Empunhou a viola portuguesa; passou por ela dedos amestrados de trovadores da Mouraria, e no ritmo gracioso das suas endechas cantou, acredita, Lúcia, toda a saudade dos **fadistas** pela garganta e pela guitarra da Severa – o rouxinol do fado. (CLV, L. 34).*

#### 6.6.4 Microcampo dos instrumentos musicais

**VIOLA** (s. f.) – Instrumento musical constituído por um arco e cinco pares de cordas, de timbre agudo, quase metálico, cujas cordas são tocadas aos pares.

*[...]e sabe na **viola** chorar magoas e sorrir doçuras abrindo as janelas do coração ao sol doirado e quente do amor. (CP, L. 17).*

**VIOLA PORTUGUESA** (s. f.) – Instrumento musical de arco e cordas, de fundo chato e largo, utilizado no fado.

*Empunhou a **viola portuguesa**; passou por ela dedos amestrados de trovadores da Mouraria, e no ritmo gracioso das suas endechas cantou, acredita, Lúcia, toda a saudade dos fadistas pela garganta e pela guitarra da Severa – o rouxinol do fado. (CLV, L. 32).*

**GUIARRA** (s. f.) – Instrumento musical de cordas, semelhante à viola portuguesa que acompanha o fado. Foi muito utilizado pela fadista Maria Severa Onofriana, no século XIX.

*Empunhou a viola portuguesa; passou por ela dedos amestrados de trovadores da Mouraria, e no ritmo gracioso das suas endechas cantou, acredita, Lúcia, toda a saudade dos fadistas pela garganta e pela **guitarra** da Severa – o rouxinol do fado. (CLV, L. 32).*

**VIOLÃO** (s. m.) – Instrumento musical constituído por arco e seis pares de cordas tocadas individualmente que, ao vibrarem, percorrem o corpo do instrumento, o qual amplifica o som e o transmite pela boca situada no centro do mesmo.

*O **violão** é o companheiro imprescindível do boêmio. É no bojo moreno do violão onde a trova faz o seu ambicionado ninho. (CP, L. 27).*

**VIOLINO** (s. m.) – Instrumento musical de cordas, de som agudo, executado com um arco.

*Foi uma destas canções, uma triste serenata tangida pela nervosidade do arco de um **violino** que me fez recordar no coração aquele grande amor que eu insistia por esquecer (TS, L. 8).*

**HARMÔNICA** (s. f.) – Instrumento musical de sopro, que possui um conjunto de furos por onde o instrumentista sopra ou suga o ar. Também conhecida como gaita ou realejo.

*O tocador preludia na **harmônica** uma polca ou a Maria pau. Os rapazes, arrastando os pés como se quisessem polir os tijolos da casa, lá se vão rodopiando com as damas pelo quadrângulo da sala. (CR, L. 76)*

**PANDEIRO** (s. m.) – Instrumento de percussão, tocado com a palma da mão e os dedos, constituído por um aro de madeira, recoberto por pele, com aberturas no aro onde se coloca placas de metal.

*Lá fora o **pandeiro** ressoa. Faz-se um círculo de mulheres, mocinhas, rapazes e de per si cada figura vai a roda e num cadenciado, onde o chão parece que foge ou o corpo parece que desliza, dança cinco, dez minutos, na toada viva, quente, fascinadora da viola. (CR, L. 123).*

#### 6.6.5 Microcampo das danças

**QUADRILHA** (s. f.) – Dança de caráter alegre e movimentado, realizada em grupo, comandada por um marcador que narra os passos.

*Nisso ouve-se a voz do tocador de harmônica marcando a **quadrilha** [...] (CR, L. 116).*

**POLCA** (s. f.) – Dança de compasso binário simples, com figuração rítmica. Apresenta uma modalidade mais lenta, com giros e passos contados, e uma modalidade mais animada, com pulinhos rápidos nas pontas dos pés.

*O tocador preludia na harmônica uma **polca** ou a Maria pau. Os rapazes, arrastando os pés como se quisessem polir os tijolos da casa, lá se vão rodopiando com as damas pelo quadrângulo da sala. (CR, L. 76).*

**SAMBA**<sup>2</sup> (s. m.) – Dança derivada de raízes africanas, acompanhada por pequenas frases melódicas, refrões e palmas.

*O samba em notas quentes vibrava o povo todo. Rompendo a parede humana, naquele calor de hálito e sudoração, uma rapariguinha magra, tafula, com saia de cassa preguiada em reps graciosos, a cintura breve, a chinelinha arrebitada, saltou no meio do círculo como uma corça. (CR, L. 136).*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de resgate e edição de texto é uma prática remota e tem legado uma contribuição imensurável à sociedade, por possibilitar que sejam preservadas as memórias que os povos deixaram registradas nos escritos. Além disso, abre possibilidades para diversos estudos ao possibilitar o acesso a documentos que se encontravam sem condições de serem manuseados.

Trabalhar com os textos de Anísio Melhor intensificou o sentimento do quão é importante a prática de resgate e edição de textos – sejam eles literários ou não. Ao empreender o trabalho filológico de digitalização, transcrição e posterior edição dos textos, contribui-se não apenas para que os mesmos possam ser lidos, como também para que possam ser estudados, sob diferentes perspectivas de análise, desnudando os dados históricos e culturais neles registrados.

A Lexicologia, por sua vez, favorece o conhecimento de diferentes aspectos da vida cotidiana, uma vez que no léxico estão aninhadas as mais distintas manifestações humanas. Por meio do estudo do léxico podemos adentrar a vida de um dado grupo que dele lança mão.

Partindo de tais considerações, podemos afirmar que o estudo das crônicas e das cartas de Anísio Melhor, resgatadas do periódico *O Conservador*, à luz dos estudos lexicais, possibilitou-nos conhecer um pouco mais sobre os costumes, as tradições e o modo de organização geográfica e econômica do Recôncavo, de maneira mais expressiva de Nazaré – BA. Isso porque o léxico, como constitutivo e constituinte da cultura, reflete as vivências de um povo.

A organização das lexias em campos proporcionou a identificação da estrutura social e a maneira como o homem se posicionava frente aos espaços físicos, à natureza, à alimentação, ao sagrado, à música. Cada um dos campos analisados forneceram pistas sobre o modo como o homem do Recôncavo, no início do século XX, se relacionava com o ambiente à sua volta.

No que se refere aos espaços físicos/geográficos, por exemplo, pudemos notar a marcante presença de lexias relacionadas à praia e ao ambiente rural. Isso é compreensível se levarmos em consideração que nesse período as atividades econômicas se centravam, sobretudo, nos espaços não urbanos. Encontramos, assim, lexias relacionadas à cultura da mandioca – como **casa de farinha, beiju, alguidar** –, um dos principais produtos cultivados no município.

Por conseguinte, os estudos apresentados na presente dissertação conduziram-nos à constatação de que o resgate e edição de textos de um autor – que se encontravam, de certa forma, relegados ao esquecimento – contribui para preservação da memória linguística e literária e, conseqüentemente, da memória cultural do povo do Recôncavo. Além disso, o estudo lexical das crônicas e das cartas de Anísio Melhor permitiu-nos verificar e atestar o fato de que o autor teve o cuidado de retratar a vida cotidiana da cidade de Nazaré, de suas imediações e do Recôncavo – de maneira mais abrangente –, apresentando características peculiares ao modo de vida nessa região, dando especial atenção às tradições e costumes do povo, tanto na ambiente praiano, quanto no rural e, inclusive, no urbano.

Acreditamos que, além de favorecer o conhecimento de aspectos relativos aos setores econômico, político, religioso e social da região mencionada, o presente trabalho contribui para a preservação de tradições que nela existem (ou existiram) e que foram retratadas pelo escritor em suas obras. Como afirma Anísio Melhor, "as tradições vão morrendo [...] e é alguma coisa gravar-se, como lembrança, na agonia do tradicionalismo, o que ainda existe de belo, de original, de característico, na alma simples do povo". (MELHOR, 2002, p.07).

Faz se necessário frisarmos que as considerações ora tecidas não esgotam a discussão em torno do *corpus*. Ao contrário, outros olhares poderão ser lançados ao objeto de estudo, inclusive sob outras perspectivas de análises. Destacamos, ainda, que o estudo lexical empreendido abarca apenas uma parte do léxico do Recôncavo apresentado pelo escritor Anísio Melhor. O que implica no fato de que outras análises poderão ser realizadas.

## REFERÊNCIAS

A CIDADE de Nazareth. **O Conservador**, Nazaré, BA, p. 1-2, 05 mai. 1919.

A FARINHA de tapioca está a 1\$000 o litro. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 31 mar. 1918.

A NOVA casa do O Conservador. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 2 jan. 1918.

A SERATA litero-musical organizada pelo poeta Anísio melhor. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 20 jun. 1920.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: **Cadernos do CNLF**, vol. XV, n. 5, Rio de Janeiro, p. 1332-1343, 2011.

\_\_\_\_\_. Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

\_\_\_\_\_. **Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria**. 2003. 431 f. Tese de Doutorado. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ANDRADE, Ediane Brito. Um casamento na roça, de Anísio Melhor: estudo do vocabulário. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 3., 2014, Londrina. **Anais do III CIDS**. Petrolina: UEL, 2014. p. 29-43. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/1303228-Comunicacoes-individuais/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Anísio Melhor: resgate e edição de textos publicados no periódico baiano o conservador. In: **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, p. 37- 46, 2015. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xix\\_cnlf/cnlf/05/004.pdf](http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/05/004.pdf)>. Acesso em 20 dez. 2015.

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. Dinâmica territorial do recôncavo baiano: espacialidade e temporalidade. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais crises, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças**. Porto Alegre: AGB, 2010. p. 1 – 13. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/xvieng/anais/edp.php?orderBy=inscricoes.nome>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

AUGUSTO, Lamartine. **Porta do sertão**. 2. ed. Salvador: Edições Kouraçã, 1999.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Ensaio de lingüística, filologia e ecdótica**. Rio de Janeiro: SBL / UERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). **Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: Biblioteca Universitária de Língua e Linguística, 1981. p. 131 – 145.

BOMFIM, Márcia Virgínia Pinto. **A rede urbana do recôncavo baiano e seu funcionamento técnico**. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Os vários recôncavos e seus riscos. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, Cruz das Almas, v. 01, n. 01, p. 53-56, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. (Org.). A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, São Paulo: EDUNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13 – 22.

CARVALHO, Nelly. **A palavra o que é**. Rio Grande: Liber Gráfica, 1999.

CHIACCHIO, Carlos. "Almas enfermas". **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 24 out. 1920.

COMO SE REANIMA a victima de choque elétrico. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 15 jul. 1917.

COSERIU, Eugênio. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSTA, Afonso. Cantigas ao luar. **O Conservador**, Nazaré, BA, p. 1, 20 jan. 1918.

DOURADO, Lise Mary Arruda. **Ifá lexical**: o léxico de terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do povo-de-santo. 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Crítica textual**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual. Consulte-se, principalmente, o **Glossário** (66-90).

\_\_\_\_\_. **Edição crítica dos poemas de Ricardo Reis**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.

ENTERRO do senhor. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 02, 31 mar. 1918.

ESTRADA de ferro. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 01, 7 out. 1917.

FAZ anos hoje O Conservador. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 01, 5 mai. 1918.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos: ética, sexualidade e política**. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta.

Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 141 – 157.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.

HOMENAGEM do O Conservador. **O Conservador**, Nazaré, BA, p. 01, 13 mai. 1917.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:  
< <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=292250>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1981.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras**: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v. 1, 6 ed. Viçosa: Plantarum, 2014.

MELHOR, Anísio. **Violas**. 2. ed. Salvador: Gráfica Bahia, 2002.

\_\_\_\_\_. Echo Nazareno... In: AUGUSTO, Lamartine. **Porta do sertão**. 2. ed. Salvador: Edições Kouraçá, 1999. p. 299-302.

\_\_\_\_\_. Eternidade. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 3, 5 mai. 1912.

\_\_\_\_\_. Modernismo. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 3, 9 jun. 1912.

\_\_\_\_\_. Vilancetes. **O Conservador**, Nazaré, BA, p. 2, 21 jul. 1912.

\_\_\_\_\_. À beira da morte. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 28 jul. 1912.

\_\_\_\_\_. Amor que vence. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 3, 9 set. 1912.

- \_\_\_\_\_. Estrias. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 7 jun. 1917.
- \_\_\_\_\_. Maria Cabocla. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2-3, 7 jun. 1917. Cap. 1.
- \_\_\_\_\_. O messias do naturismo. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 17 jun. 1917.
- \_\_\_\_\_. Estrias: história dos dois corações. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 17 jun. 1917.
- \_\_\_\_\_. A mãe dos desamparados. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 1 jul. 1917.
- \_\_\_\_\_. O elogio do burro. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 15 jul. 1917.
- \_\_\_\_\_. A carta anônima. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 22 jul. 1917.
- \_\_\_\_\_. Anésia Cauassú. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 29 jul. 1917.
- \_\_\_\_\_. Evangelho pagão. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 9 set. 1917.
- \_\_\_\_\_. A origem das ruas: a Rua Barão Homem de Melo. **O Conservador**, Nazaré – BA, 9 set. 1917. Coisas de Nazareth, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Passional. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 7 out. 1917.
- \_\_\_\_\_. História de um beijo. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 5 nov. 1917.
- \_\_\_\_\_. À mocidade nazarena. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 28 nov. 1917.
- \_\_\_\_\_. No topo da montanha. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 28 nov. 1917.
- \_\_\_\_\_. Natal! Natal!. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 25 dez. 1917.
- \_\_\_\_\_. Balada. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 2 jan. 1918.

- \_\_\_\_\_. Cartas à Lúcia. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 20 jan. 1918.
- \_\_\_\_\_. Cartas à Lúcia II. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 29 jan. 1918.
- \_\_\_\_\_. Cartas à Lúcia III. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 10 fev. 1918.
- \_\_\_\_\_. O culto da sinceridade. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 17 fev. 1918.
- \_\_\_\_\_. Cartas à Lúcia IV. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 17 fev. 1918.
- \_\_\_\_\_. Cartas à Lúcia V. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 24 fev. 1918.
- \_\_\_\_\_. Cartas à Lúcia VI. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 2 mar. 1918.
- \_\_\_\_\_. Mademoiselle Vaidade . **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 10 mar. 1918.
- \_\_\_\_\_. A marcha do ódio . **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 24 mar. 1918.
- \_\_\_\_\_. História de outro tempo. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 31 mar. 1918.
- \_\_\_\_\_. O poeta republicano. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 3 abr. 1918.
- \_\_\_\_\_. A cadeira misteriosa. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 12 abr. 1918.
- \_\_\_\_\_. Assassino. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 5 mai. 1918.
- \_\_\_\_\_. Livros e letras: um novo poeta. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 21 jul. 1918.
- \_\_\_\_\_. Prelúdio sentimental: à ella. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 6 set. 1918.
- \_\_\_\_\_. Versos: à ella. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 04 ago. 1918.

- \_\_\_\_\_. O homem da mão vermelha. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 10 nov. 1918.
- \_\_\_\_\_. A rapariga que vomitou sangue. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 24 dez. 1918.
- \_\_\_\_\_. Sua magestade o homem. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 5 jan. 1918.
- \_\_\_\_\_. Balada de d. Eleonora. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 9 jan. 1919.
- \_\_\_\_\_. Cartas à mademoiselle Diabo I. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 31 jan. 1919.
- \_\_\_\_\_. Cartas à mademoiselle Diabo II. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 16 fev. 1919.
- \_\_\_\_\_. Uma santa velhice. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 23 fev. 1919.
- \_\_\_\_\_. Sob a figueira de Judas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 23 mar. 1919.
- \_\_\_\_\_. Maria Clara. **O Conservador**, Nazaré – BA p. 1, 6 abr. 1919.
- \_\_\_\_\_. Almas enfermas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 14 abr. 1919, cap. 1.
- \_\_\_\_\_. Almas enfermas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 21 mai. 1919, cap. 2.
- \_\_\_\_\_. Almas enfermas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 1 jun. 1919, cap. 2.
- \_\_\_\_\_. As duas rosas de sangue. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 8 jun. 1919.
- \_\_\_\_\_. Almas enfermas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 8 jun. 1919, cap. 3.
- \_\_\_\_\_. Cinco minutos de Mephistopheles. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 15 jun. 1919.
- \_\_\_\_\_. Um drama de paixão e de sangue. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 27 jul. 1919.
- \_\_\_\_\_. Sob a atracção do abismo. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 3 ago. 1919.

- \_\_\_\_\_. À hora dos espíritos. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 31 ago. 1919.
- \_\_\_\_\_. Um casamento na roça. **O Conservador**, Nazaré – BA, 7 set. 1919. Coisas de Nazareth, p. 1-2.
- \_\_\_\_\_. O vestido de crepe. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 5 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. Luz e sombra. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 5 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. Impressões de arte. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 12 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. Versos esquisitos. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 12 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. À sombra da árvore do tempo. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 19 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. Canções sem metro II. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 26 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. O drama da Rua Nova. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 26 out. 1919.
- \_\_\_\_\_. É preciso perdoar. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 22 nov. 1919.
- \_\_\_\_\_. Canções sem metro V. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 22 nov. 1919.
- \_\_\_\_\_. Anna Verônica. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 8 dez. 1919.
- \_\_\_\_\_. A história da rainha santa. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 14 dez. 1919.
- \_\_\_\_\_. Canções sem metro VII. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 19 dez. 1919.
- \_\_\_\_\_. Pell Mell. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 15 fev. 1919.
- \_\_\_\_\_. A triste serenata. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 29 fev. 1919.
- \_\_\_\_\_. Nazaré e o dia 15 de março. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 14 mar. 1919.

- \_\_\_\_\_. À beira da praia. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 22 mar. 1919.
- \_\_\_\_\_. O Beija-pé. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 11 abr. 1919.
- \_\_\_\_\_. Sinhasinha. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 18 abr. 1919.
- \_\_\_\_\_. Caminha. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 05 mai. 1920.
- \_\_\_\_\_. Lenda da Yara. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 05 mai. 1920.
- \_\_\_\_\_. Acende a tua lâmpada. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 16 mai. 1920.
- \_\_\_\_\_. Olhos azues. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 16 mai. 1920.
- \_\_\_\_\_. Olhos azues. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 30 mai. 1920.
- \_\_\_\_\_. Na estrada. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 14 jun. 1920.
- \_\_\_\_\_. Passional. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 14 jun. 1920.
- \_\_\_\_\_. A aldeia de Santo Antônio dos caboclos, a seis quilômetros de Nazaré. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1-2, 11 jul. 1920.
- \_\_\_\_\_. Elle e ella. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 12 set. 1920.
- \_\_\_\_\_. Os teus olhos. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 19 set. 1920.
- \_\_\_\_\_. Minha luz. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 3 out. 1920.
- \_\_\_\_\_. Duas cartas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 14 out. 1920.
- \_\_\_\_\_. Rosas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 17 out. 1920.

\_\_\_\_\_. Uma carta. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 31 out. 1920.

\_\_\_\_\_. Balladilha: à ella. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 12 dez. 1920.

\_\_\_\_\_. Coração de mãe. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 24 dez. 1920.

\_\_\_\_\_. Vivina. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 7 jan. 1920.

\_\_\_\_\_. Fulvia. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 16 jan. 1920.

\_\_\_\_\_. Accusação. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 16 jan. 1920.

\_\_\_\_\_. O que eu disse à ela. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 23 jan. 1920.

\_\_\_\_\_. O Catullo das praias . **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 20 fev. 1920.

\_\_\_\_\_. A nova cruz de Cristo . **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 27 fev. 1920.

\_\_\_\_\_. As mulheres resistem. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 05 mai. 1921.

NAZARETH agrícola. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 2 mar. 1918.

O CONSERVADOR: ao Colégio Clemente Caldas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 1 jul. 1917.

O MAIOR dia da cidade. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 16 fev. 1919.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001.

PANGOLIN, Zé. Na troça XXI. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 13 mai. 1917.

\_\_\_\_\_. Na troça XXIII. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 7 jun. 1917.

\_\_\_\_\_. Na troça XXIV. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 2, 17 jun. 1917.

\_\_\_\_\_. Na troça XXVI. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 3, 20 jan. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça I. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 24 mar. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça II. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 31 mar. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça XXVII. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 3 abr. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça XXVIII. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 12 abr. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça XXVIII. **O Conservador** – Nazaré, BA, p. 1, 21 abr. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça XXIX. **O Conservador** – Nazaré, BA, p. 1, 28 abr. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça XXX. **O Conservador** – Nazaré, BA, p. 2, 5 mai. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça XXXI. **O Conservador** – Nazaré, BA, p. 2, 12 mai. 1918.

\_\_\_\_\_. Na troça. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 24 dez. 1918.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 9 nov. 1919.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 22 nov. 1919.

PERAFÁN, Mireya Valencia; OLIVEIRA, Humberto. **Território e identidade**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013. Coleção Política e gestão culturais.

Disponível em:

<<http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PERAFANMireyaEValenciaOLIVEIRAHumbertoTerritorioeIdentidadeColecaoPoliticaseGestaoCulturaisSECULT2013.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

PITTA, Sebastião da Rocha. As manibas... In: **O Conservador**, Nazaré, BA, p. 2, 31 mar. 1918.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Da necessidade de edição crítica de autores baianos. **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê Patrimônio Cultural e Latinidade**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 83-95, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/35/artigo5.pdf>>. Acesso em: 5 mar.

\_\_\_\_\_. Preservar a memória baiana: a edição de documentos manuscritos dos séculos XVIII ao XX. **Scripta Philologica**, Feira de Santana: UEFS, Departamento de Letras e Artes, n. 2, p. 1-15, 2006.

RECÔNCAVO - Bahia. Mapa do território de identidade 21. Salvador: CET, 2007. 1 mapa, color., 10 cm x 16 cm. Escala: 1.750.000.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. Apud CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

SANT'ANNA, Mario M. As violas. **O Conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 16 mai. 1920, ano 9, n. 2.

SANTOS, Antônio Ferreira. Letras: Almas Enfermas – Anísio Melhor. **O Conservador**. Nazaré – BA, p. 1, 15 ago. 1920.

SANTOS, Célia Regina Batista. **Reorganização do espaço agrário e (des)territorialização das relações tradicionais**: o caso do projeto hidroagrícola platô de Neópolis (Da utopia do Estado, à realidade dos trabalhadores rurais). 1996. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, Cleide Magali. De jecas, painhos e malandros ou dos jogos de construção de identidades na contemporaneidade: uma agenda de estudo sobre as identidades expressas pelos personagens estereotipados dos programas humorísticos nos 50 anos da TV brasileira. **Revista Pré-Textos para Discussão**, Salvador, UNIFACS, ano VI, n. 7, p. 77-86, 2000.

SANTOS, Félix Souza. **Crise agrícola no recôncavo baiano**. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador, Salvador.

SANTOS, Oscar Santana dos. **Uma viagem histórica pelas estradas da esperança:** representações literárias do cotidiano, da região e da desativação da Estrada de Ferro Nazaré (Bahia, 1960 - 1971). 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus.

SANTOS, Rosa Borges dos. Léxico e cultura. In: Queiróz, Rita de Cássia Ribeiro de. **Língua, cultura e sociedade:** estudos sobre o léxico. Feira de Santana: UEFS, 2009.p. 9 – 12.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1857-1913). **Curso de linguística geral.** Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; Tradução de Antônio Chelini, Jose Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCARANTE, Ionã Carqueijo. **Um convite à leitura de Anísio Melhor.** 2008. 144f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal:** das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita de textos. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia:** conceitos e temas. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-106.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br/>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica:** crítica textual. São Paulo: Cultrix, 1977.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Aspectos da memória cultural baiana documentada em periódicos do século XIX e XX. In: SOBRAL, Gilberto N. Telles; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (Org.). **Diálogos com as Letras.** Salvador: Quarteto, 2014. p. 33-54.

\_\_\_\_\_. Conservação e preservação dos acervos documentais baianos e o trabalho filológico. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, Vol. XIV, n. 4, p. 815-826, 2010. Disponível em : <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/815-826.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/815-826.pdf)> Acesso em: 10 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. O estudo do léxico, o conhecimento da cultura. In: ABBADE, Celina Márcia de Souza (Org.). **O léxico em questão**. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Instituto de Letras: 2009. CD-ROM. p.129- 137.

\_\_\_\_\_. A filologia textual: o revelar de aspectos da história. **Cadernos do CNLF**, vol. XVII, n. 8, p. 17-26, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/08/02.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Abolição e outros textos. **Scripta Philologica**, Feira de Santana: UEFS, Departamento de Letras e Artes, n. 2, p. 29-40, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. In: **Alfa**: Revista de Linguística/ UNESP- Universidade Estadual Paulista, São Paulo, vol. 52, n.1, p.1-243, 2007.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973 [1964].

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Coimbra, Portugal: Almedina, 1995.

\_\_\_\_\_. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra, Portugal: Almedina, 1994.

VIRGÍLIO, Maurício. In: **O conservador**, Nazaré – BA, p. 1, 15 ago. 1920.

**ANEXO A – FAC-SÍMILES DO *CORPUS* EM CD-ROM**